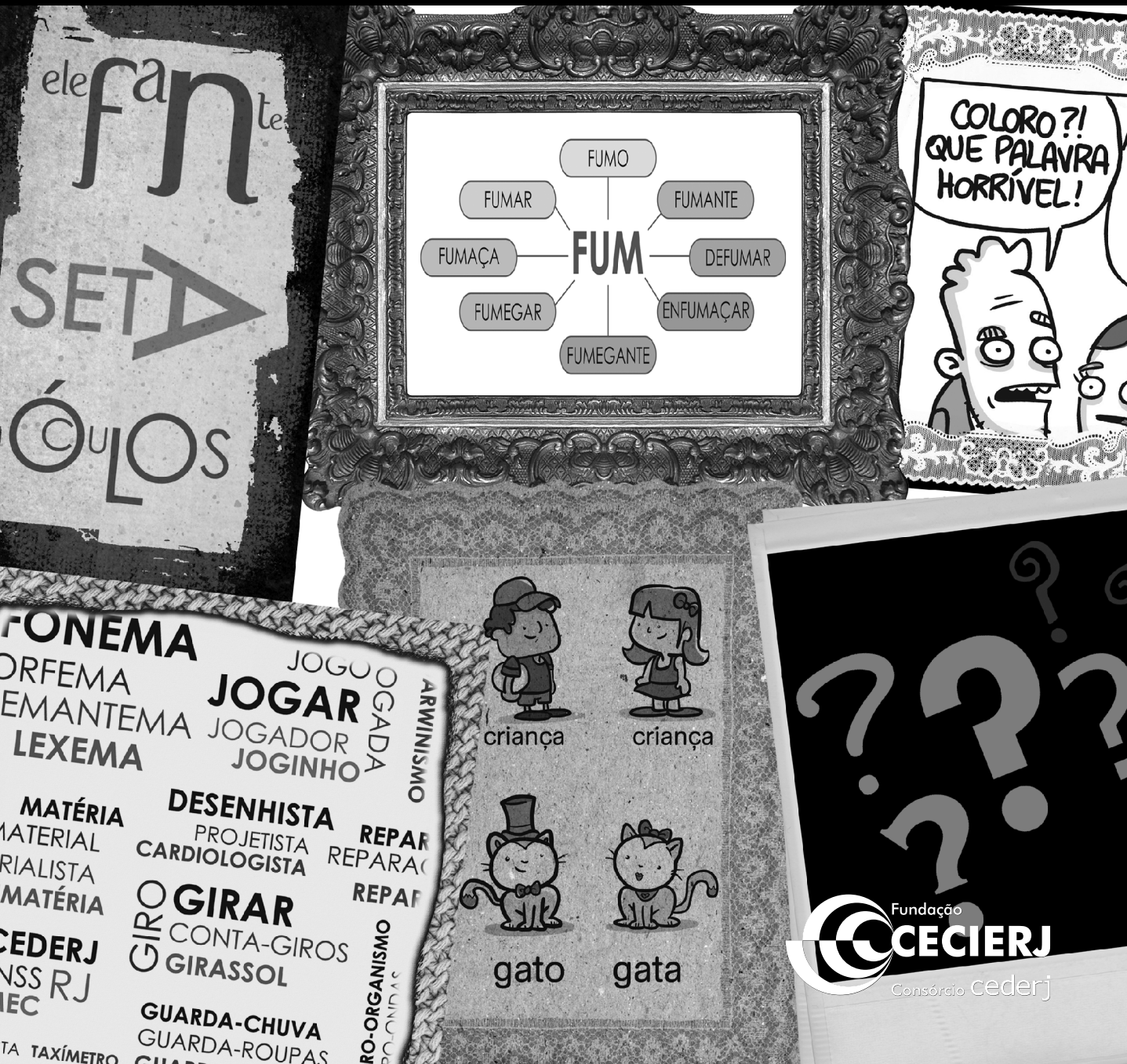


Ronaldo Amorim Lima
Beatriz dos Santos Feres
Cláudia Franco
Leandro Santos de Azevedo
Monclar Guimarães Lopes
Pâmella Alves Pereira
Vanda Maria Cardozo de Menezes

Português IV





Fundação

CECIERJ

Consórcio **cederj**

Centro de Educação Superior a Distância do Estado do Rio de Janeiro

Português IV

Volume 1

Ronaldo Amorim Lima
Beatriz dos Santos Feres
Cláudia Franco
Leandro Santos de Azevedo
Monclar Guimarães Lopes
Pâmella Alves Pereira
Vanda Maria Cardozo
de Menezes



**GOVERNO DO
Rio de Janeiro**

**SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA**

**UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL**

Ministério da
Educação

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Apoio:

**FAPERJ**
Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro

Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Rua da Ajuda, 5 – Centro – Rio de Janeiro, RJ – CEP 20040-000

Tel.: (21) 2333-1112 Fax: (21) 2333-1116

Presidente

Carlos Eduardo Bielschowsky

Vice-presidente

Masako Oya Masuda

Coordenação do Curso de Letras

UFF - Livia Reis

Material Didático

ELABORAÇÃO DE CONTEÚDO

Ronaldo Amorim Lima

Beatriz dos Santos Feres

Cláudia Franco

Leandro Santos de Azevedo

Monclar Guimarães Lopes

Pâmella Alves Pereira

Vanda Maria Cardozo de Menezes

DIREÇÃO DE DESIGN INSTRUCIONAL

Cristine Costa Barreto

COORDENAÇÃO DE DESIGN INSTRUCIONAL

Bruno José Peixoto

Flávia Busnardo da Cunha

Paulo Vasques de Miranda

DESIGN INSTRUCIONAL

Anna Maria Osborne

Mariana Pereira de Souza

EDITOR

Fábio Rapello Alencar

REVISÃO LINGUÍSTICA E TIPOGRÁFICA

Anna Maria Osborne

Beatriz Fontes

Flávia Saboya

Mariana Caser

Mariana Pereira de Souza

Yana Gonzaga

COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO

Bianca Giacomelli

PROGRAMAÇÃO VISUAL

Alessandra Nogueira

Camille Moraes

Larissa Averbug

Ronaldo d'Aguiar Silva

ILUSTRAÇÃO

Clara Gomes

CAPA

Clara Gomes

PRODUÇÃO GRÁFICA

Patrícia Esteves

Ulisses Schneider

Copyright © 2014, Fundação Cecierj / Consórcio Cederj

Nenhuma parte deste material poderá ser reproduzida, transmitida e gravada, por qualquer meio eletrônico, mecânico, por fotocópia e outros, sem a prévia autorização, por escrito, da Fundação.

P853

Português IV. v. 1 / Ronaldo Amorim Lima... [et al]. – Rio de Janeiro: CECIERJ, 2014.

190 p.; il. 19 x 26,5 cm

ISBN: 978-85-7648-971-9

1. Português. 2. Morfologia. 3. Flexão verbal. 4. Flexão nominal. I. Feres, Beatriz dos Santos. II. Franco, Cláudia. III. Azevedo, Leandro Santos de. IV. Lopes, Monclar Guimarães. V. Pereira, Pâmella Alves. VI. Menezes, Vanda Maria Cardozo de. VII. Título.

CDD: 469

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Governador

Luiz Fernando de Souza Pezão

Secretário de Estado de Ciência e Tecnologia

Alexandre Vieira

Universidades Consorciadas

CEFET/RJ - CENTRO FEDERAL DE EDUCAÇÃO TECNOLÓGICA CELSO SUCKOW DA FONSECA

Diretor-geral: Carlos Henrique Figueiredo Alves

IFF - INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA FLUMINENSE

Reitor: Luiz Augusto Caldas Pereira

UENF - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO NORTE FLUMINENSE DARCY RIBEIRO

Reitor: Silvério de Paiva Freitas

UERJ - UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor: Ricardo Vieiralves de Castro

UFF - UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE

Reitor: Roberto de Souza Salles

UFRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Reitor: Carlos Levi

UFRRJ - UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO

Reitora: Ana Maria Dantas Soares

UNIRIO - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Reitor: Luiz Pedro San Gil Jutuca

SUMÁRIO

Aula 1	– O que é e o que interessa à Morfologia? _____	7
	<i>Ronaldo Amorim Lima / Vanda Maria Cardozo de Menezes</i>	
Aula 2	– O conceito de morfema e o modo pelo qual se pode depreendê-lo _____	27
	<i>Ronaldo Amorim Lima / Pâmella Alves Pereira</i>	
Aula 3	– Alguns princípios da análise mórfica _____	41
	<i>Ronaldo Amorim Lima / Beatriz dos Santos Feres</i>	
Aula 4	– Conceito de palavra _____	55
	<i>Ronaldo Amorim Lima / Beatriz dos Santos Feres</i>	
Aula 5	– Os morfemas na estrutura verbal e nominal _____	71
	<i>Leandro Santos de Azevedo / Ronaldo Amorim Lima</i>	
Aula 6	– Flexões da língua portuguesa. O que é flexão nominal? _____	85
	<i>Beatriz dos Santos Feres / Ronaldo Amorim Lima</i>	
Aula 7	– Flexões da língua portuguesa. A flexão nominal de gênero _____	103
	<i>Cláudia Franco / Ronaldo Amorim Lima</i>	
Aula 8	– Categorias, flexões e usos do verbo _____	117
	<i>Leandro Santos de Azevedo / Ronaldo Amorim Lima</i>	
Aula 9	– O Mecanismo da flexão verbal I _____	135
	<i>Monclar Guimarães Lopes / Ronaldo Amorim Lima</i>	
Aula 10	– O Mecanismo da flexão verbal II _____	165
	<i>Monclar Guimarães Lopes / Ronaldo Amorim Lima</i>	
Referências	_____	185

O que é e o que interessa à Morfologia?

Ronaldo Amorim Lima

Vanda Maria Cardozo de Menezes

AULA

1

Meta da aula

Apresentar o conceito de Morfologia, suas subespecificações, bem como suas relações com outras disciplinas do campo linguístico.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. proceder ao estudo do objeto da Morfologia: a palavra;
2. identificar as interfaces da Morfologia com outras disciplinas do campo linguístico;
3. distinguir as subespecificações da Morfologia.

INTRODUÇÃO



Para dar início ao nosso curso e responder à pergunta efetuada no nosso título, vamos estabelecer que todo estudo científico se define de acordo com o seu objeto de estudo, bem como pelo foco sob o qual tal objeto é analisado.

Por exemplo, a Psicologia tem o homem como objeto de estudo, tendo como foco a sua mente. Já a Antropologia utiliza-se do mesmo objeto (o homem) para estudar seu comportamento. Essa disciplina, por sua vez, apresenta duas subespecificações, a Antropologia Física (que se relaciona com a Biologia, considerando, portanto, os aspectos biológicos) e a Antropologia Social (que se relaciona com a Sociologia, tendo em vista os aspectos culturais).

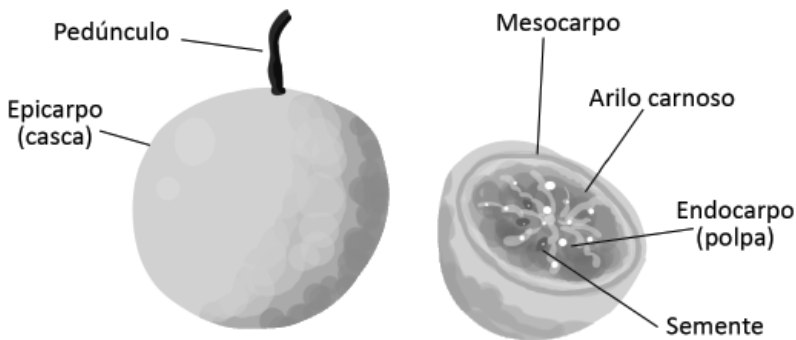
E a Morfologia? O que interessa a essa disciplina? Como ela se define em relação a outras disciplinas linguísticas? Quais são suas subespecificações?

Essas são as indagações que dão início ao nosso estudo de Morfologia da língua portuguesa. Estamos certos de que muitos de vocês farão interessantes descobertas sobre a estruturação e o significado das palavras de nossa língua.

MORFOLOGIA: CONCEITO E OBJETO

Ao realizarmos a **ANÁLISE MÓRFICA** da palavra morfologia, concluiremos que se trata do estudo da **FORMA**. Essa definição é, entretanto, muito ampla, já que outras ciências, tais como a Botânica e a Biologia Humana, também têm uma disciplina chamada *Morfologia* que se ocupa do estudo da forma, tendo outros objetos como foco. Devemos entender, portanto, o que significa forma para uma disciplina da Linguística.

Observe a imagem a seguir. Temos ali a representação de um objeto de estudo da Morfologia, na área da Botânica, e a forma como este objeto é visto por essa disciplina.



ANÁLISE MÓRFICA

Consiste na descrição da estrutura do vocábulo mórfico, depreendendo suas formas mínimas ou morfemas, de acordo com uma significação e uma função elementares que lhes são atribuídas dentro da significação e da função do vocábulo (KOCH; SILVA, 2002, p. 20).

FORMA

Designação geral para um fonema ou sequência fonêmica providos de significação; é assim que se estabelece numa língua dada entre a parte fônica, ou *significante*, e a representação que a ela corresponde na linguagem, ou *significado* (CÂMARA JR., 1974, p. 184).

A Morfologia, na área da Botânica, estuda a estrutura dos vegetais, executando, assim, o que se chama de *análise mórfica*. Do mesmo modo que, no campo linguístico ou gramatical, a Morfologia executa análises mórficas das palavras.

Vamos utilizar como exemplo a palavra *relógio*. Qualquer um de nós, que temos a língua portuguesa como língua materna, é capaz de reconhecer esse segmento como um nome que utilizamos para designar determinado aparelho, cuja função é marcar o tempo e indicar as horas. Esse reconhecimento instantâneo ocorre porque, ao segmento fônico, constituído por sete fonemas e aqui expresso pela escrita, se associa um dado significado. Desse modo, o segmento “relógio” constitui uma forma da língua portuguesa.

E se acrescentássemos um -s à palavra *relógio*, formando a palavra *relógios*? Adicionou-se, então, mais um segmento fônico que agrega à estrutura do vocábulo o valor plural. Sendo assim, esse fonema final, representado na escrita pela letra *s*, constitui também uma forma da língua.

O conceito de Morfologia como estudo das formas da língua implica considerar uma das faces das unidades linguísticas – o *significante* –, enquanto a outra face – o *significado* – fica a cargo da Semântica, a contraparte da análise mórfica.

FERDINAND DE SAUSSURE (1857-1913)

A obra póstuma do linguista suíço, *Curso de Linguística Geral* (1916), é tida como o marco inaugural da Linguística Moderna – com a fase estruturalista dos estudos da linguagem. O livro traz os pressupostos teórico-metodológicos dessa escola, que terminaram por influenciar outras ciências humana.

Significado e significante são os componentes de uma mesma entidade: o *signo* linguístico. FERDINAND DE SAUSSURE (2008) enfatiza o caráter concreto do significante, considerado como uma imagem acústica que manifesta algo que significa, e o caráter abstrato do significado, tomado como parte conceitual do signo. As unidades da língua em todos os níveis (frase, palavra, morfema) são signos e, portanto, apresentam-se com significante e significado.



O livro de Ferdinand de Saussure, *Curso de Linguística Geral*, encontra-se disponível no endereço: <http://uepaingles1.files.wordpress.com/2011/03/curso-de-linguistica-geral-saussure1.pdf>.

A definição de Morfologia como estudo das formas da língua também requer que se indique em que níveis da estrutura da língua se encontram as formas a serem analisadas. Há formas em diferentes níveis de construção. O -s que indica o plural é uma forma que se encontra em um nível abaixo ao nível da palavra. Em outras palavras, se considerarmos a forma plural *casas*, é fácil percebermos que é possível, inicialmente, dividi-la em duas partes: *casa + s*. A primeira parte (*casa*) é reconhecidamente uma palavra, encontra-se no nível da palavra. Já a segunda parte da divisão proposta (*s*) não pode ser considerada nesse nível, pois ela sozinha não constitui uma palavra.

Consideremos, em seguida, a expressão *relógio de parede*. Toda essa expressão também é uma forma da língua portuguesa, mas, agora, temos um elemento que ultrapassa o nível da palavra. Temos agora três palavras que, reunidas, constituem um significado próprio. A palavra *relógio* remete ao vago significado de algum objeto utilizado para marcar as horas. A forma *relógio de parede*, por outro lado, mais específica, remete-nos a um objeto utilizado para marcar as horas e que fica preso à parede e, preferencialmente, em algum lugar bem visível. Essa forma pode se contrapor a formas como *relógio de pulso*, *relógio de praça*, *relógio de bolso* etc. Em todas elas, ultrapassa-se do nível da palavra (*relógio*) para o nível do sintagma (*relógio de parede* etc.).

Nada impede que tenhamos, portanto, uma Morfologia que atua em níveis acima do nível da palavra, em interface com a Sintaxe, como veremos na próxima seção. Mas, se quisermos realizar um estudo morfológico no sentido mais estrito, precisaremos trabalhar em um nível abaixo do sintagma, o nível da palavra. É nesse nível que se situam, tradicionalmente, os estudos em Morfologia. Sendo assim, vamos manter essa delimitação, pois a consideramos adequada para uma descrição mórfica básica de nossa língua.

Como você já estudou em Sintaxe, o nível dos sintagmas situa-se entre o nível dos vocábulos e o da oração. Os sintagmas são grupos de vocábulos construídos para funcionar na estrutura da oração, ou vocábulos que, sozinhos, podem assumir função na oração.

Azuaga (1996, p. 216), considerando apenas a palavra como objeto de estudo da Morfologia, afirma que essa disciplina “analisa, então, as formas das palavras, ou melhor, as alterações sistemáticas na forma destas unidades, alterações essas que estão relacionadas com mudanças no sentido das mesmas”.

Você deve estar se perguntando então: O que se pode entender por alterações sistemáticas nas formas das palavras?

Vamos tentar entender isso, utilizando os exemplos de palavras derivadas e flexionadas, apresentados no seguinte quadro:

1a	cerveja	livro	peixe	sapato
	cervejeiro	livreiro	peixeiro	sapateiro
	cervejaria	livraria	peixaria	sapataria
1b	cerveja	livro	peixe	sapato
	cervejas	livros	peixes	sapatos

Antes de você continuar a leitura, tente fazer sua própria análise dos dois pequenos quadros expostos e verificar o que ocorreu com as palavras das linhas inferiores às primeiras, criando, assim, suas próprias conclusões.

Veja que, em 1a, identificam-se seis diferentes formas que correspondem a seis diferentes significados. É possível constatar que, nesse grupo, as alterações produzidas na palavra *cerveja* também são possíveis em *livro*, em *sapato* e em *peixe*, obtendo-se resultados semelhantes, que se relacionam tanto do ponto de vista da forma, como do significado (acréscimo da forma *-eiro*, para nomear profissional que trabalha ou lida com certo tipo de produto, e da forma *-aria*, para nomear o estabelecimento que comercializa determinada mercadoria).

Já em 1b, é possível afirmar que as palavras *cerveja*, *livro*, *peixe* e *sapato* passaram pelo mesmo processo de alteração formal, isto é, na sua forma, e semântica, isto é, no seu significado: o acréscimo de um segmento fônico representado pelo -s para indicar a flexão de plural.

Acabamos de apresentar, então, alguns exemplos de como certas alterações na forma das palavras se relacionam a certas alterações no sentido delas. Essas alterações morfológicas são classificadas como sistemáticas por serem recorrentes e regulares, isto é, são muito utilizadas na língua portuguesa.

Deve-se ter em consideração, entretanto, que, embora sistemáticas, as alterações do quadro 1a não se aplicam a todas as palavras da língua portuguesa e, mesmo quando ocorrem, nem sempre levam aos mesmos significados apresentados.

Você deve estar agora questionando se as alterações do quadro 1b se aplicam a todas as palavras da língua. A resposta é não! O acréscimo do segmento fônico representado pelo -s ocorre na maior parte dos substantivos e adjetivos da língua, o que faz com que essa ocorrência seja considerada como regra geral. Entretanto, existem palavras cujo plural pode se formar pelo acréscimo de -es (por exemplo: repórter/repórteres, vez/vezes, mês/meses etc.), pela eliminação do -l final e pelo acréscimo de -is, (por exemplo: anel/anéis, anzol/anzóis, azul/azuis etc.) ou ainda não ocorrer (tênis, tórax etc.). Veremos esse assunto mais tarde.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 1

1. Analise o quadro a seguir, comparando com as modificações morfológicas e semânticas ocorridas no quadro 1a.

	banco	carta	enfermo	pizza	porta
1c	banqueiro	carteiro	enfermeiro	---	porteiro
	---	---	enfermaria	pizzaria	portaria

2. Se realizássemos a análise mórfica da palavra sorveteria, verificaríamos que ela é formada a partir da palavra sorvete com a acréscimo da terminação -aria, do mesmo modo como ocorre com cerveja, peixe etc. A partir da palavra sorvete, obtemos também a palavra sorveteiro. Esse mesmo processo de formação de palavra acontece em cervejeiro, pedreiro etc. Observe, agora, as palavras a seguir e tente analisá-las da mesma forma como ficou exposto. Será que os processos se repetem em todas elas?

a) marceneiro

b) carpinteiro

c) pedreiro

d) açúcar

RESPOSTAS COMENTADAS

1. A forma -aria não se junta às formas banco e carta.

Enfermeiro não comercializa enfermos, mas cuida de enfermos, do mesmo modo que enfermaria não é um local que comercializa enfermos.

Embora a mercadoria pizza seja comercializada em uma pizzaria, o indivíduo que produz ou que comercializa esse alimento não é chamado de *pizzeiro.

Porteiro não é aquele que vende portas, mas o trabalhador que cuida de uma portaria, do mesmo modo que portaria não é a loja em que se vendem portas, mas o local de entrada e saída de um condomínio ou de uma empresa.

2. a) Marceneiro é o indivíduo que faz trabalhos com madeira em uma marcenaria. As duas palavras, entretanto, não têm nenhuma relação com algum termo semelhante a *marcena.

b) Carpinteiro é também um indivíduo que faz trabalhos com madeira em uma carpintaria. Do mesmo modo que as palavras da atividade 1, essas duas palavras não têm nenhuma correspondência com *carpinta.

c) Pedreiro é o trabalhador que lida com obras, pedras; pedraria, entretanto, não é o lugar onde se comercializa ou se trabalha com pedras, ou ainda o lugar onde o pedreiro desempenha seu trabalho, mas sim uma porção de pedras preciosas.

d) Açucareiro não é o indivíduo que trabalha com açúcar, mas sim o recipiente em que se coloca o açúcar para ser servido. A palavra *açucaria não faz parte do léxico da língua portuguesa.

A MORFOLOGIA EM INTERFACE COM OUTRAS DISCIPLINAS

Já vimos, no início desta aula, que as disciplinas se diferenciam pelo seu objeto específico ou pelo ângulo por meio do qual se observa determinado objeto. Entretanto, ao mesmo tempo em que se delimita uma determinada disciplina, nota-se que ela se relaciona com outras de um mesmo campo, de tal modo que as fronteiras estabelecidas entre essas disciplinas se tornam tênues, frágeis, e apenas servem como marcações para que possamos ter certa noção de algumas especificações.

O pesquisador Perini (1995, p. 49-50), com a finalidade de demonstrar o interrelacionamento entre quatro possibilidades do estudo dos fenômenos gramaticais, toma a frase “Ana desprezou Ricardo” e a analisa sob os pontos de vista que delimitam quatro disciplinas do campo da gramática: a Fonologia, a Morfologia, a Sintaxe e a Semântica.

Você estudou os assuntos relacionados a essas disciplinas nos Ensinos Fundamental e Médio e, nos dois semestres anteriores a este, você aprofundou seus estudos sobre Sintaxe da língua portuguesa. Vamos relembra, entretanto, do que trata cada uma dessas disciplinas que se relacionam com a Morfologia:

Fonologia – parte da Linguística que estuda os sons da fala (fonemas) do ponto de vista de sua função na língua.

Sintaxe – parte da Linguística que estuda as palavras enquanto elementos de uma oração, bem como suas relações de concordância, de subordinação e de ordem.

Semântica – parte da Linguística que se ocupa do estudo da significação como parte dos sistemas das línguas naturais.

Menezes (2008), seguindo os passos de Perini, utiliza a frase destacada a seguir e a analisa:

O menino ganhou um carrinho.

a) Sob o ponto de vista da Fonologia, verificam-se as regras que nos obrigam a pronunciar de um certo modo cada segmento fônico, bem como as variações de pronúncia que os falantes da língua adotam e que podem caracterizar diferentes comunidades ou grupos sociais. Será possível observar, por exemplo, que a pronúncia do primeiro *o* (artigo definido masculino singular que inicia a frase) poderá ser [ô] – vogal média posterior fechada -ou [u] – vogal alta posterior. O mesmo ocorre com a pronúncia do segmento fônico representado pelo *o* final das palavras *menino* e *carrinho*. Verificam-se também as variações na pronúncia da vogal da primeira sílaba de *menino* [é], [ê] ou [i], bem como o tipo de norma que direciona a preferência por uma ou outra pronúncia no português brasileiro (os falantes do Nordeste do Brasil optam pela realização aberta [é], enquanto os do Sudeste, pela realização fechada [ê] ou [i]).

b) Pela ótica da Morfologia, é possível observar que muitos vocábulos são passíveis de uma análise em unidades significativas menores. Por exemplo, no vocábulo *ganhou*, reconhece-se o elemento *ganh-* (também presente em *ganhei*, *ganhar*, *ganhador*) e o elemento *-ou* (presente em *cantou*, *falou*, *dançou*). Os dois elementos identificados, *ganh-* e *-ou*, se associam para indicar um dado acontecimento no passado. Essa combinação desses dois elementos ocorre segundo regras que impedem formações, como **meninou* e **carrou*, mas que permitem outras formações, como *menininho* e *carrinho*.

Em Linguística, utiliza-se o asterisco (*) para indicar formações agramaticais, ou seja, formações inaceitáveis.

c) Pelo ponto de vista da Sintaxe, o interesse se volta para o modo como as palavras se associam para construir a frase. Essas associações ocorrem em diferentes níveis. O primeiro elemento da frase, o artigo definido *o*, se associa, de imediato, ao segundo, o nome *menino*, do mesmo modo que o artigo indefinido *um* está primeiramente associado ao nome *carrinho*. Verifica-se, em seguida, que a construção *o menino* se associa à forma verbal *ganhou* e, nessa relação com o verbo, assume a função de sujeito; também a unidade constituída por *um carrinho* se associa ao verbo para constituir seu complemento. Desse modo, o resultado das associações do sujeito, o verbo e o complemento, é um exemplo, digamos, perfeito do que normalmente se chama oração.

d) Pela Semântica, observaremos o significado transmitido pela frase. É possível identificarmos o sentido do verbo *ganhar* em um contexto com um sujeito beneficiário (aquele que recebeu algum benefício ou ganho) e com um complemento que expressa o objeto recebido (aquilo que se ganhou).

Agora você já deve estar imaginando de que forma essas quatro disciplinas encontram-se interrelacionadas. Vamos observar alguns pontos de interface com a Morfologia.

RADICAL OU BASE

É, considerando-se apenas a sincronia atual, o elemento comum destacado através da comparação de uma série de palavras com base idêntica. Por exemplo, na série *triste*, *tristeza*, *tristemente* e *tristonho*, o elemento comum é *trist-*, portanto, o radical (HENRIQUES, 2011, p. 17).

AFIXOS

São morfemas (elementos mórficos) não autônomos. Dividem-se em prefixos, sufixos e infixos e são usados no processo de derivação de palavras (por exemplo: *alegre* – *alegria* – *alegrar*, *feliz* – *infeliz* – *infelizmente* etc.), ou para flexioná-las em número, gênero, tempo, modo etc.

São frequentes as alterações fonológicas nos elementos (**RADICAL** e **AFIXOS**) que fazem parte da estrutura das palavras. Na formação da palavra *livreiro*, por exemplo, identifica-se a perda da vogal final *o* da base *livro*. Já na forma flexionada *amamos*, verifica-se que a pronúncia do segundo *a* é nasalada, por ser ele tônico e estar logo antes da consoante nasal que inicia a forma *-mos*. Fica-se, assim, diante de contextos de interface Morfologia/Fonologia.

Observa-se ainda que, dentre as alterações nas formas das palavras, muitas decorrem de suas associações com outras palavras na estrutura da frase. As relações de concordância são exemplos de fatos sintáticos com repercussão morfológica. Na frase “As meninas chegaram”, o *-s* final em *as* e em *meninas*, assim como a terminação *-ram* em *chegaram*, são elementos mórficos que expressam a relação de concordância, caracterizando a interface Morfologia/Sintaxe.

Ao analisarem-se associações de morfemas sufixais diferentes a determinado radical (como, por exemplo, associando-se o radical *pedr-* aos sufixos *-eiro*, *-aria*, *-inha*, *-ada*, obtêm-se as palavras *pedreiro*, *pedraria*, *pedrinha*, *pedrada*), observa-se que essas combinações provocam alterações de sentido, o que comprova a interface Morfologia/Semântica.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

3. Procure realizar essas atividades logo após a leitura da seção anterior, evitando, inicialmente, consultar o texto. Caso você tenha dificuldade em lembrar, retorne ao texto, faça uma releitura mais cuidadosa e tente novamente.

Identifique a disciplina linguística a que pertencem os seguintes trechos:
a) “Falar uma língua é, basicamente, produzir sequências de sons dotadas de significado” (AZEREDO, 2010, p. 23).

b) “Apesar de já haver no início do século [XX] [...] a consciência de que as regras de colocação pronominal brasileiras divergem das portuguesas, as gramáticas prescritivas atuais ainda estabelecem normas que, aparentemente, se aplicariam tanto no Brasil quanto em Portugal” (VIEIRA *apud* VIEIRA; BRANDÃO, 2009, p. 124).

c) “De acordo com a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), as vogais são classificadas de acordo com quatro critérios: quanto à zona de articulação, à intensidade, ao timbre e ao papel das cavidades bucal e nasal” (BECHARA, 2009, p. 60).

d) “A derivação prefixal é um processo de criação lexical que consiste na formação de uma nova palavra através do acréscimo de um prefixo a uma base já existente” (ROCHA, 2008, p. 147).

e) Conotação é o uso da palavra com um significado criado pelo contexto e diferente do original, criado pelo contexto. Por exemplo, na frase “Você tem um coração de pedra”, a palavra “pedra” não significa “matéria mineral sólida, dura, encontrada na natureza etc.”

f) “Consideremos agora o verbo ‘descontar’. Poderíamos analisá-lo como uma palavra derivada por prefixação, como ‘desmontar’ e ‘descarregar’? Se pensarmos assim, estaremos dizendo que ‘descontar’ é o oposto de ‘contar’, o que é discutível [...]” (AZEREDO, 2010, p. 95).

RESPOSTA COMENTADA

3. a) *Sons dotados de significados em uma língua constituem o objeto de estudo da Fonologia.*

b) *Regras de colocação são um dos temas de interesse da Sintaxe.*

c) *As características das vogais de uma língua são estudadas pela Fonologia.*

d) *A formação de palavras é estudada pela Morfologia.*

e) *O significado das palavras faz parte dos estudos de Semântica.*

f) *A formação de palavras é estudada pela Morfologia.*

SUBESPECIFICAÇÕES DA MORFOLOGIA

Conforme dissemos anteriormente, são frágeis as fronteiras entre as disciplinas linguísticas. Assim também são as fronteiras entre as subdivisões dessas disciplinas.

Com base em algumas distinções teóricas, pode-se falar em Morfologia Sincrônica e Morfologia Diacrônica, assim como também em Morfologia Derivacional e Morfologia Flexional.

Vejam o que afirma Dubois (1978, p. 181) sobre a primeira divisão, que tem como base a concepção de sincronia e diacronia: “A língua pode ser analisada como um sistema que funciona num determinado momento do tempo (sincronia) ou então analisada em sua evolução (diacronia)”.

A distinção entre sincronia e diacronia foi explicitada na primeira edição da obra *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, em 1916. O link para acessar essa obra de indispensável valor para quem se interessa pelos estudos linguísticos encontra-se disponível no início desta aula.

Um exemplo de olhar diacrônico sobre a língua portuguesa pode ser dado pela observação da ampliação do sistema de pronomes pessoais em relação ao latim. Nesta língua, de acordo com Câmara Jr. (1979, p. 92), não havia os pronomes pessoais retos de terceira pessoa – ele/ela; eles/elas.

Assim como a Morfologia, as outras disciplinas da Linguística (a Foneologia, a Sintaxe e a Semântica) também possuem estudos sincrônicos e diacrônicos.

Temos, por outro lado, um olhar sincrônico ao fixarmos, por exemplo, no quadro dos pronomes pessoais em determinado momento da língua, sem nos preocuparmos com as modificações por que tenha passado esse quadro anteriormente ou posteriormente àquele momento.

São esses, portanto, dois olhares diferentes que na prática descritiva se complementam.

Os atuais estudos sobre gramaticalização vêm reforçar a importância da visão diacrônica ou histórica da língua para a explicação de muitos itens e fenômenos gramaticais. Se você quiser saber mais sobre gramaticalização, procure e consulte a obra *Linguística: fundamentos* (WILSON; MARTELOTTA; CEZÁRIO, 2006).

A segunda divisão da Morfologia baseia-se na distinção entre flexão e derivação. A flexão é uma operação de caráter mais gramatical, é mais sistemática, regular. É fácil observar flexão de número (singular – plural), em que o acréscimo do -s é marca geral (casas, estudantes, meninos etc.). A flexão dos verbos também apresenta um paradigma (modelo) bastante regular de sufixos para indicar as noções de modo/tempo (sufixos modo-temporais) e de número/pessoa (sufixos número-pessoais).

Quando presentes nas formas verbais, os sufixos sempre se apresentam na ordem: sufixo modo-temporal e sufixo número-pessoal.

A derivação é uma operação de caráter menos gramatical e é menos regular e menos sistemática. Tomemos como exemplo a possibilidade da formação de nomes a partir de verbos. Para esse fim, os sufixos mais produtivos, isto é, mais utilizados, são *-mento* e *-ção*, não sendo possível explicar as razões da preferência por um ou por outro, como se verifica nas palavras: *questionamento*, *aparecimento*, *comprometimento* etc./ *condenação*, *revelação*, *internação* etc.

Outros sufixos derivacionais são também muito produtivos, como, por exemplo: a) *-mente*, na formação de advérbios de modo a partir de adjetivos (*constante/constantemente*, *feliz/felizmente*, *possível/possivelmente* etc.); b) *-dade*, na formação de substantivos a partir de adjetivos (*bom/bondade*, *fácil/facilidade*, *leal/lealdade* etc.); c) *-ência*, na formação de substantivos a partir de verbos (*conferir/conferência*, *gerir/gerência*, *depende/dependência*, *transigir/transigência* etc.); d) *-vel*, na formação de adjetivos a partir de verbos (*realizar/realizável*, *amar/amável*, *adorar/adorável*, *perder/perdível*, *resumir/resumível* etc.).

Estudaremos esses e outros sufixos, um pouco mais a fundo, em uma de nossas próximas aulas.

CONCLUSÃO

Por ser esta disciplina aquela que descreve e analisa a estrutura e a formação das palavras, tendo o morfema (a unidade mínima de significação de uma língua) como seu objeto principal, é de fundamental importância o conhecimento desse estudo para aqueles que objetivam trabalhar no ensino de uma língua e compreender os mecanismos gramaticais e de formações lexicais dessa língua.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

Vamos agora realizar alguns exercícios para lembrarmos os conceitos aqui apresentados e as distinções estabelecidas.

1. Pode-se segmentar (separar) uma palavra de diversas formas, de modo a se realizarem diferentes análises. Tomando-se a palavra *infelizmente* como exemplo, é possível dividi-la em: (a) i-n-f-e-l-i-z-m-e-n-t-e, de modo a identificar e contar quantas letras a formam (divisão ortográfica); (b) in-fe-liz-men-te, para identificar e contar suas sílabas (separação de sílabas); (c) in-feliz-mente, com o objetivo de distinguir seus elementos mórficos (separação de elementos mórficos). Observe as segmentações realizadas nas palavras a seguir, identificando o tipo de objetivo que se teve.

a) tapeçaria (ta-pe-ça-ri-a)

b) imoral (i-moral)

c) menino (m-e-n-i-n-o)

d) maldade (mal-dade)

e) renovar (re-no-var)

f) reter (r-e-t-e-r)

2. Vamos realizar as mesmas alterações morfológicas nos vocábulos de cada grupo, conforme exemplo dado, de modo a comprovar que elas são alterações sistemáticas.

a) administrar – internar – apelar – orar

R.: administração – _____ – _____ – _____

b) pato – gato – moço – menino

R.: patinho – _____ – _____ – _____ ou

patos – _____ – _____ – _____

c) vender – plantar – descobrir – marcar

R.: vendedor – _____ – _____ – _____ ou

revender – _____ – _____ – _____

d) fiel – feliz – comum – correto

R.: infiel – _____ – _____ – _____ ou

fielmente – _____ – _____ – _____

3. Apresentamos, a seguir, cinco comentários de diferentes autores para que você identifique os pontos de vista adotados, considerando as distinções entre as disciplinas gramaticais (Fonologia, Morfologia, Sintaxe e Semântica) e as noções de sincronia e diacronia.

a) “Um exemplo de gramaticalização é o nosso tempo futuro, que foi formado pela junção de um verbo mais o auxiliar haver. Assim, *cantar hei*, *cantar hás*, por exemplo, com a repetição de uso, se tornaram *cantarei* e *cantarás*” (CEZÁRIO, 2006, p. 142).

b) “O subjuntivo, incluindo o imperativo, assinala uma tomada de posição subjetiva do falante em relação ao processo verbal comunicado” (CÂMARA JR., 1979, p. 89).

c) “Assim, no Rio de Janeiro, pronuncia-se /t/ e /d/ diante de /i/ tônico de uma maneira “soprada” (dita “africada”), em contraste com a dental firme que aparece em São Paulo” (CÂMARA JR., 1979, p. 25).

d) “Na palavra reconsideração, temos o acréscimo de -ção ao verbo *reconsiderar*, o qual já é formado pelo acréscimo do prefixo re- ao verbo *considerar*” (BASÍLIO, 1987, p. 44).

e) “No quadro tônico, as dez vogais latinas evoluíram para um quadro triangular de sete vogais: houve confluências e diferenciações que modificaram todo o sistema de oposições latinas” (CÂMARA JR., 1979, p. 92).

RESPOSTAS COMENTADAS

1. a) *ta-pe-ça-ri-a* – separação de sílabas

b) *imoral (i-moral)* – separação de elementos mórficos

c) *menino (m-e-n-i-n-o)* – separação de letras

d) *maldade (mal-dade)* – separação de elementos mórficos

e) *renovar (re-no-var)* – separação de sílabas

f) *reter (r-e-t-e-r)* – separação de letras

2. a) Ao acrescentarem-se os sufixos *-ção* (*administração* – *lavação* – *apelação* – *oração*) àquelas formas verbais, formam-se substantivos.

b) O acréscimo dos sufixos *-inho* (*patinho* – *gatinho* – *mocinho* – *menininho*) ou *-s* (*patos* – *gatos* – *moços* – *meninos*), aos substantivos apresentados, produz, respectivamente, o grau diminutivo ou o número plural.

c) Acrescentando-se o sufixo *-dor* (*vendedor* – *plantador* – *descobridor* – *marcador*) ou o prefixo *re-* (*revender* – *replantar* – *redescobrir* – *remarcador*), obtêm-se, respectivamente, formas substantivas ou novas formas verbais.

d) Pelo acréscimo do prefixo *in-* (*infeliz* – *infiel* – *incomum* – *incorreto*) ou do sufixo *-mente* (*felizmente* – *fielmente* – *comumente* – *corretamente*), chega-se à formação, respectivamente, de novas formas adjetivos ou de formas adverbiais.

Observação: Outras respostas são possíveis. Por exemplo, a flexão verbal é possível nos itens (a) e (c). Uma dessas flexões seria o acréscimo do sufixo *-mos* para produzir a forma verbal correspondente à primeira pessoa do plural. Assim, teríamos: *administramos*, *lavamos*, *perdemos*, *vendemos*, *plantamos* e *descobrimos*.

3. a) A história das alterações das palavras é assunto tratado pela *Morfologia Diacrônica*.

b) O comentário se refere ao sentido atual de um modo verbal (o subjuntivo). Portanto, trata-se de *Semântica Sincrônica*.

c) O texto apresenta comparações entre as realizações atuais da fala do Rio de Janeiro e a de São Paulo. Trata-se, então, de *Fonologia Sincrônica*.

d) O comentário se refere a uma possível alteração morfológica da língua portuguesa atual. Esse assunto é da competência da *Morfologia Sincrônica*.

e) Esse texto apresenta comentários sobre a evolução do quadro de vogais tônicas latinas. Trata-se, assim, de assunto da área da *Fonologia Diacrônica*.

Observação: Uma possível resposta para o item (a) seria considerar como caso de *Sintaxe Diacrônica*.

RESUMO

A Morfologia é um estudo que se ocupa da descrição e da análise da estrutura e da formação das palavras. Essa disciplina tem relações muito próximas com outras do campo gramatical, tais como a Fonologia, a Sintaxe e a Semântica, sendo esta última – a que se ocupa do campo das significações –, a mais próxima, uma vez que as formas estudadas pela Morfologia são aquelas pertencentes à primeira articulação da linguagem, isto é, as formas dotadas de valor semântico indivisível. A Morfologia pode observar a evolução das palavras e elaborar comparações entre o comportamento delas em diferentes épocas, procedendo assim a um estudo diacrônico (Morfologia Diacrônica), como também observar as palavras em determinadas épocas, configurando-se em um estudo sincrônico (Morfologia Sincrônica). A Morfologia pode ser dividida em Morfologia Derivacional e Morfologia Flexional: a primeira se ocupa do estudo da formação de palavras (derivadas) pelo acréscimo de afixos (prefixos e sufixos) a palavras já existentes (primitivas); a segunda estuda as flexões de gênero e número nos substantivos e adjetivos (flexão nominal) e as flexões de tempo/modo e número/pessoa dos verbos (flexão verbal).

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, abordaremos o conceito de *morfema*, apresentaremos o método de comutação como forma de apreensão dessa unidade, além das noções de *morfe* e de *morfema zero*.

O conceito de *morfema* e o modo pelo qual se pode depreendê-lo

Ronaldo Amorim Lima

Pâmella Alves Pereira

AULA 2

Meta da aula

Apresentar o conceito de *morfema* e uma das maneiras de depreendê-lo – método da comutação –, além das noções de *morfe* e *morfema zero*.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer o *morfema*;
2. aplicar o método da comutação para depreensão dos *morfemas*;
3. relacionar e diferenciar *morfema* e *morfe*.

INTRODUÇÃO

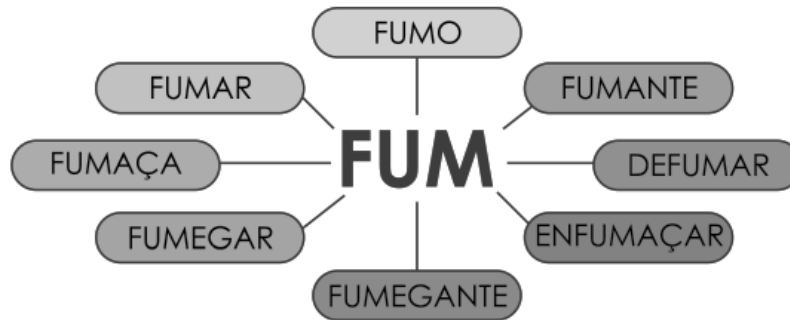


Figura 2.1: O morfema.

Tendo em vista o quadro anterior, é possível perceber que algumas das palavras estão ainda tão ligadas à palavra primitiva (*fumo*) que nos fazem lembrar imediatamente dela, enquanto outras requerem um pouco de esforço mental para que procedamos à ligação.

Ao analisarmos palavras como *recontar*, *reabrir*, *reapresentar*, *repintar*, *recordar* e *repetir*, concluiremos, facilmente, que a parte inicial de cada uma delas, o prefixo *re-*, indica repetição de alguma ação, voltar a fazer algo. Desse modo, teríamos, respectivamente, “voltar a contar” ou “contar outra vez”, “voltar a abrir” ou “abrir outra vez”, “voltar a apresentar” ou “apresentar outra vez”, “voltar a pintar” ou “pintar outra vez”. Mas o que fazer para explicar recordar e repetir?

Enquanto para as quatro primeiras palavras faz-se uma análise sincrônica, um recorte em um mesmo período da língua, para compreender as formas (*morfes*) nelas presentes, para as duas últimas o recorte deve ter em conta períodos diversos da história da língua, de modo a depreender suas formas, fazendo-se uma análise diacrônica.

Esse parece ser um dos grandes problemas das gramáticas escolares e dos livros didáticos: utilizar ora explicações sincrônicas, ora diacrônicas.

Uma descrição exclusivamente sincrônica, no entanto, nem sempre apresenta uma boa precisão. Por exemplo, pode-se depreender o **SUFIXO** -ada da palavra boiada (boi + -ada), mas essa mesma análise não parece ser tão fácil quando se está diante do nome manada. Se bananeira deriva de banana e mangueira de manga, o que dizer de macaxeira? Veja que a resposta não é exatamente *macaxa.

Para entendermos melhor a análise mórfica, veremos a seguir o método da comutação para a depreensão do *morfema*. Antes, porém, é importante que saibamos o que é, exatamente, um morfema.

SUFIXO

Afixo que se junta ao final das palavras, flexionando-as em gênero ou em número (Exemplos: gato – gata, novo – nova; rosa – rosas, amor – amores) ou tempo, modo, número e pessoa (pelo processo chamado de sufixação ou derivação sufixal), formando novas palavras da mesma classe gramatical ou não.

O CONCEITO DE MORFEMA

Vamos ler, primeiramente, esta passagem da obra *A escrava Isaura*, de Bernardo Guimarães:

Entre estas últimas distinguia-se uma rapariguinha, a mais faceira e gentil que se pode imaginar nesse gênero. Esbelta e flexível de corpo, tinha o rostinho mimoso, lábios um tanto grossos, mas bem modelados, voluptuosos, úmidos, e vermelhos como boninas que acabam de desabrochar em manhã de abril. Os olhos negros não eram muito grandes, mas tinham uma viveza e travessura encantadoras. Os cabelos negros e anelados podiam estar bem na cabeça da mais branca fidalga de além-mar. Ela porém os trazia curtos e mui bem frisados à maneira dos homens. Isto longe de tirar-lhe a graça, dava à sua fisionomia zombeteira e espevitada um chispe original e encantador. Se não fossem os brinquinhos de ouro, que lhe tremiam nas pequenas e bem molduradas orelhas, e os túrgidos e ofegantes seios que como dois trêfegos cabritinhos lhe pulavam por baixo de transparente camisa, tomá-la-íeis por um rapazote maroto e petulante. Veremos em breve de que ralé era esta criança, que tinha o bonito nome de Rosa.

Fonte: GUIMARÃES, B. *A escrava Isaura*. Disponível em: <http://www.portal-saofrancisco.com.br/alfa/bernardo-guimares/escrava-isaura-3.php>. Acesso em: 30 dez. 2012.

O parágrafo transcrito é composto por oito frases. Cada uma possui um conteúdo e, todas juntas, compõem o sentido total do fragmento destacado.

Considere, agora, apenas a última frase do parágrafo: “Veremos em breve de que ralé era esta criança, que tinha o bonito nome de Rosa”.

Essa frase pode também ser dividida em unidades menores – as palavras. Veja que cada uma tem seu papel na significação total do período.

As palavras também podem ser fragmentadas em unidades menores. Observe a divisão da forma verbal *veremos*:

ve- + -re- + -mos (veremos)

Há nesse verbo três unidades menores, cujos sons e significados determinam o verbo *ver* flexionado na primeira pessoa do plural do futuro do presente do indicativo. O sentido lexical do verbo encontra-se na unida-

de *ve-*, a noção gramatical de futuro do presente do indicativo encontra-se na unidade *-re-*, e a ideia gramatical de primeira pessoa do plural está na unidade *-mos*. A cada uma dessas unidades chamamos *morfemas*.

Há que se ressaltar que, na forma verbal *veremos*, os morfemas coincidem com as sílabas, mas nem sempre isso ocorre. Por exemplo, a palavra *bonito* é formada por dois morfemas (*bonit-* + *-o*), mas possui três sílabas (*bo-ni-to*). Não se deve, então, confundir morfema com sílaba.

A partir de uma definição clássica, morfema é a forma linguística mínima com significado que não apresenta semelhanças fonético-semânticas com qualquer outra forma (BLOOMFIELD, 1933, p. 161). Nesse sentido, a palavra *fumar*, por exemplo, é formada pela concatenação dos seguintes elementos mínimos: o radical *fum-*, a vogal temática *a* e o sufixo *-r*. Cada um desses elementos são morfemas que contribuem com o seu significado para a palavra na sua totalidade.

As palavras têm tipicamente uma estrutura interna e, em particular, são constituídas por unidades menores chamadas morfemas. Por exemplo, a forma verbal *tomando* comporta dois morfemas: o radical verbal *tom-* e a terminação gramatical *-ando*. Analogicamente, o substantivo *catavento* comporta os morfemas *cata* e *vento*, e o advérbio *felizmente*, os morfemas *feliz-* e *-mente* (TRASK, 2004, p. 199-200).

Os morfemas podem ser distinguidos quanto à sua forma e quanto à natureza de sua significação.

Quanto à forma, podemos classificá-los como *morfemas livres* ou como *morfemas presos*. Essa distinção está relacionada à definição de palavra do linguista Bloomfield (*op. cit.*). Segundo esse autor, são formas livres aquelas que constituem um enunciado, isto é, aquelas que, sozinhas, são vocábulos existentes na língua. Assim, a forma *vento*, por exemplo, é uma forma livre no português, pois constitui por si só uma palavra na língua. Já as formas presas são aquelas que não são suficientes para constituírem um enunciado, ou seja, elas precisam estar associadas a outra forma para integrar, assim, uma palavra existente na língua. No vocábulo *ventos*, por exemplo, o morfema *-s* é um segmento que, isolado, não tem autonomia como palavra, mas associado à forma livre *vento*, passa a marcar a noção de plural.

Quanto à natureza da significação, o morfema pode ser classificado como *lexical* ou *gramatical*. É lexical o morfema que têm significação externa, porque faz referência ao universo biopsíquicosocial, designando entidades, ações, processos, estados e qualidades. O morfema *vento*, por exemplo, apresenta um significado que se relaciona ao mundo extralinguístico, isto é, refere-se ao ar mecanicamente agitado em uma realidade objetiva. O morfema gramatical, por sua vez, é aquele que apresenta significação interna, pois deriva das relações e categorias existentes na língua. Assim, a marcação de plural, por exemplo, é um valor gramatical, por isso o morfema *-s* de *ventos* é um morfema gramatical.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 1

1. Observe o quadro a seguir. A partir dos exemplos apresentados, tente completar as lacunas com formas utilizadas na nossa língua, utilizando os mesmos afixos destacados em negrito. Você perceberá que haverá mudanças em várias palavras, sendo algumas apenas no nível ortográfico, isto é, mudanças que ocorrem apenas como adaptação às regras ortográficas da língua portuguesa. Algumas lacunas não poderão ser preenchidas, tendo em vista que as formas simplesmente não são utilizadas na nossa língua.

ADJETIVO	ADVÉRBO	SUBSTANTIVO	ADJETIVO
MORAL	MORAL + MENTE	MORAL + IDADE	I + MORAL
FELIZ	FELIZ + MENTE		
SIMPLES			
SAGAZ			
TENAZ			
REAL			
LEAL			
FÁCIL			
LEGAL			
POSSÍVEL			
PROVÁVEL			
COERENTE			
SUAVE			
REGULAR			

Apresente suas conclusões.

RESPOSTA COMENTADA

1. • *Em felicidade, simplicidade, sagacidade e tenacidade, ocorre substituição de “z” ou “s” pela consoante “c”, um caso de acomodação ortográfica.*
 - *O acréscimo do prefixo i- não é possível nas palavras simples, sagaz, tenaz, leal, fácil e suave.*
 - *O prefixo i- sofre alteração em infeliz, incoerente, impossível, improvável, irreal e irregular, sendo os quatro primeiros casos decorrentes do processo de nasalização e os dois últimos por razões de acomodação ortográfica.*
 - *O acréscimo do sufixo -idade à palavra simples provoca a substituição da terminação -es por -ic, daí simplicidade.*
 - *O acréscimo do sufixo -idade às palavras possível e provável provoca, em ambas, alteração na sílaba final de vel para bil, e, apenas na segunda, a alteração na segunda sílaba de va para ba.*
 - *O sufixo -idade não se ajusta à forma coerente.*

O MÉTODO DA COMUTAÇÃO PARA DEPREENSÃO DOS MORFEMAS

INVARIANTE

“... diz-se de ou qualquer elemento que permanece constante (ou que se considera como tal) quando se põem em relação duas séries de fatos diferentes, por oposição às variáveis estudadas em seus diferentes valores; constante”.

Fonte: <http://houaiss.uol.com.br/>

Para realizar a análise dos elementos constituintes da palavra, faz-se necessário comprovar se determinado segmento fônico é uma forma mínima, isto é, se esse segmento possui significado e se não pode mais ser dividido morfológicamente (MENEZES, 2008, p. 19).

Para se depreender os morfemas de uma palavra, realiza-se o que se chama análise mórfica. De acordo com Mattoso Câmara Jr. (1970, p. 72), “o método dessa análise consiste na técnica da ‘comutação’. Por esse nome se entende a substituição de uma **INVARIANTE** por outra, de que resulta um novo vocábulo formal”. A técnica será explicada logo adiante.

Trata-se, portanto, de uma operação contrastiva por meio de permuta de elementos, ou seja, divide-se a palavra em subconjuntos e

trocam-se esses subconjuntos de forma que a palavra resultante dessa troca tenha um significado diferente da palavra original. Tomemos como exemplo a forma verbal *olharemos*:

olha- + -re- + -mos

Veja que a forma foi segmentada em partes menores. Se o segmento *-mos*, por exemplo, for substituído pelo segmento *-i*, o resultado será o verbo *olharei*:

olha- + -re- + -mos (olharemos) \neq olha- + -re- + -i (olharei)
 \rightarrow -mos \neq -i

Enquanto *olharemos* indica a primeira pessoa do plural do futuro do presente do indicativo do verbo *olhar*, *olharei* indica a primeira pessoa do singular do mesmo verbo, no mesmo tempo e modo. Observa-se, então, que os segmentos *-mos* e *-i*, ao serem permutados em *olharemos/olharei*, determinam classificações distintas para as palavras. Os segmentos *-mos* e *-i* são, portanto, morfemas.

O mesmo pode ser verificado quando se permutam outros segmentos do verbo *olharemos*:

olha- + -re- + -mos (olharemos) \neq olha- + -ria- + -mos (olharíamos)
 \rightarrow -re- \neq -ria-
 olha- + -re- + -mos (olharemos) \neq estuda- + -re- + -mos
 (estudaremos) olh- \neq estud-

Conforme pode ser visto na esquematização anterior, o morfema *-re-* marca o futuro do presente do indicativo, já o morfema *-ria-* marca o futuro do pretérito do indicativo, e os morfemas *olha-* e *estuda-* determinam os valores lexicais distintos de cada verbo.

Veja, agora, outra comutação:

novíssimo + Ø (novíssimo) ≠ novíssimo + s (novíssimos)

→ Ø ≠ -s

novíssimo + Ø (novíssimo) ≠ novíssimo + a (novíssima)

→ Ø ≠ -a

nov- + íssimo (novíssimo) ≠ nov- + -inho (novinho)

→ -íssimo ≠ -inho

nov- + íssimo (novíssimo) ≠ nov- + -idade (novidade)

→ -íssimo ≠ -idade

nov- + íssimo (novíssimo) ≠ bel- + -íssimo (belíssimo)

→ nov- ≠ bel-

As primeiras comutações feitas no esquema anterior são do morfema zero – Ø – pelo morfema que marca o plural do vocábulo, o -s (*novíssimos*) e, em seguida, pelo morfema que marca o feminino, o -a (*novíssima*). Observa-se, ainda, que são morfemas as seguintes unidades mínimas: *-íssimo*, *-inho*, *-idade*, *nov-* e *bel-*.

No que concerne à morfologia, os morfemas da língua portuguesa podem ser:

a) aditivos, que são segmentos que se ligam a um radical (*repor*, *transatlântico*, *flores*, *infelizmente* etc.);

b) subtrativos, que são aqueles que resultam da supressão de um fonema do radical para exprimir alguma diferença de sentido (*anão/anã*, *órfão/órfã* etc.);

c) alternativos, que se caracterizam por apresentar, em seu interior, fonemas alternantes (*ovo/ovos*, *este/esta*, *avô/avó* etc.);

d) zero, quando se dá a ausência de qualquer morfema aditivo, criando-se uma oposição entre uma forma linguística só com o semantema (morfema lexical) e outra em que esse semantema é acompanhado de morfema aditivo (singular: menino + Ø / plural: menino + s; cantava + Ø / cantava + s / cantava + m; etc.) .

Os linguistas reconhecem ainda outros dois tipos de morfemas, o reduplicativo e o de posição. O primeiro não é encontrado na língua portuguesa e o segundo é da área de estudo da Sintaxe.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 2

2. Observe o segundo elemento dos pares de palavras da coluna da direita e numere-o de acordo com o tipo de morfema apresentado na coluna da esquerda.

- | | | |
|--------------------------|-----|---------------------------|
| I. Morfema aditivo | () | dependente / independente |
| II. Morfema subtrativo | () | forno / fornos |
| III. Morfema alternativo | () | sonhos / sonho |
| IV. Morfema zero | () | cidadão / cidadã |
| | () | órfã / órfãs |
| | () | repórteres / repórter |
| | () | torto / torta |
| | () | leal / desleal |

RESPOSTA COMENTADA

2. A sequência correta de números I, III, IV, II, I, IV, III e I, pelos seguintes motivos: a) independente recebe o prefixo de negação in-; b) o par forno/fornos apresenta alternância vocálica; c) sonho está no número singular, cujo morfema é Ø; d) cidadã sofre a redução de um fonema; e) órfãs recebe o sufixo ou morfema de número -s; f) repórter está no número singular, cujo morfema é Ø; g) o par torto/torta apresenta alternância vocálica; h) desleal recebe o prefixo de negação des-.

A RELAÇÃO E A DIFERENÇA ENTRE MORFEMA E MORFE

Conforme vimos, o morfema é uma unidade abstrata de sentido que, na prática, pode ser representada por uma ou mais de uma forma. Em *olharemos*, por exemplo, o morfema *olh-* é uma unidade mínima abstrata que carrega o sentido lexical do verbo e apresenta-se apenas de uma maneira, isto é, em todas as conjugações de tempo e modo, pessoa e número, o verbo *olhar* terá sempre o morfema *olh-* como radical. Já em relação ao verbo *dizer*, por exemplo, há as seguintes formas: *dizer*, *disse*, *digo* e *direi*. O morfema que carrega o valor lexical do verbo apresenta-se ora como *diz-*, ora como *diss-*, ora como *dig-*, ora como *di-*. Trata-se de formas variantes de um mesmo morfema, já que elas constituem unidades mínimas e carregam todas elas o mesmo sentido lexical do verbo *dizer*.

O morfema é, portanto, uma unidade abstrata, a realização concreta de um morfema é chamada morfe. Entenda melhor em exemplos:

O morfema *diz-*, do verbo *dizer*, é uma unidade abstrata: não significa que todo o paradigma do verbo *dizer* tenha exatamente esse morfema. A realização concreta do morfema *diz-* do verbo *dizer* compreende as formas *diz-*, *diss-*, *dig-* e *di-*.

Em *novíssimos*, o segmento *-s* marca o plural do vocábulo, mas nem todo plural no português é marcado a partir desse segmento. O plural de *cruz*, por exemplo, é *cruzes*, ou seja, nesse caso, o segmento *-es* é o que marca o plural da palavra. Conclui-se, daí, que a marcação de plural em nossa língua manifesta-se, pelo menos, por meio de dois morfemes, o *-s* e o *-es*. Assim, pode-se falar em morfema marcador de plural (noção abstrata) que se realiza de maneira concreta no português através dos morfemes *-s* ou *-es*.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 3

3. Para demonstrar que ficou clara a relação entre morfe e morfema, faça as atividades a seguir.

a) Como você deve saber, as palavras *peruano*, *francês*, *israelense*, *hondurenho*, *chinês*, *português*, *seichelense*, *mexicano*, *canadense*, *panamenho*, *salvadorenho* e *colombiano*, dentre muitas outras, são chamadas de adjetivos pátrios ou gentílicos, isto é, são palavras que indicam a origem das pessoas (país, região etc.). Separe-as em grupos, considerando os morfemes que formam esse tipo de palavra. Por exemplo, em *italiano*, temos *italia* + *-ano*, em que *italia-* é o morfe (radical) que remete à região de origem propriamente dita, e *-ano*, que um tipo de morfe (sufixo) que forma gentílicos.

b) No que se refere à relação entre morfe e morfema, o que você pode concluir a partir do resultado do item anterior?

RESPOSTA COMENTADA

3. a) Há quatro grupos com morfemas diferentes. São eles:

peruano: *peru-* + *-ano*

francês: *franc-* + *-ês*

mexicano: *mexic-* + *-ano*

chinês: *chin-* + *-ês*

colombiano: *colombi-* + *-ano*

português: *portugu-* + *-ês*

israelense: *israel-* + *-ense*

hondurenho: *hondur-* + *-enho*

seichelense: *seichel-* + *-ense*

panamenho: *panam-* + *-enho*

canadense: *canad-* + *-ense*

salvadorenho: *salvador-* + *-enho*

b) Os morfemas que representam o morfema formador de gentílicos, no grupo de adjetivos apresentados, são quatro: *-ano*, *-ês*, *-ense* e *-enho*.

CONCLUSÃO

Os morfemas são as unidades abstratas mínimas formadoras das palavras de uma língua e são representados pelos morfemas. O estudo dessas unidades decorre da importância de o professor ou de o estudante de uma língua compreender o processo de formação das palavras em uso, da criação de novas palavras pelas mais diversas razões e ainda da possibilidade de criação de outras palavras.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

1. No texto adiante, você encontrará três palavras que contêm o mesmo morfema lexical, ou seja, um morfema que remete a uma mesma ideia: duas delas são substantivos e a outra é uma forma verbal. Destaque-as e separe-as em morfemas.

O Verde

Estranha é a cabeça das pessoas.

Uma vez, em São Paulo, morei numa rua que era dominada por uma árvore incrível. Na época da floração, ela enchia a calçada de cores. Para usar um lugar-comum, ficava sobre o passeio um verdadeiro tapete de flores; esquecíamos o cinza que nos envolvia e vinha do asfalto, do concreto, do cimento, os elementos característicos da cidade. Percebi certo dia que a árvore começava a morrer. Secava lentamente, até que amanheceu imóvel, sem uma folha. É um ciclo, ela renascerá, comentávamos no bar ou na padaria. Não voltou. Pedi ao Instituto Botânico que analisasse a árvore, e o técnico concluiu: fora envenenada. Surpresos, nós, os moradores da rua, que tínhamos na árvore um verdadeiro símbolo, começamos a nos lembrar de uma vizinha de meia-idade que todas as manhãs estava ao pé da árvore com um regador. Cheios de suspeitas, fomos até ela, indagamos, e ela respondeu com calma, os olhos brilhando, inquietos e agressivos:

– Matei mesmo essa árvore infeliz.

– Por quê?

– Porque quando florescia ela sujava minha calçada, eu vivia varrendo essas flores desgraçadas.

Fonte: BRANDÃO, Inácio de Loyola. *Manifesto verde*. São Paulo: Círculo do Livro, 1985. p. 16-17. Disponível em: <http://lerinterpretar.blogspot.com.br/2006/08/o-verde.html>. Acesso em: 10 jan. 2013.

2. Ainda no mesmo texto, no final da primeira frase, encontra-se a palavra *incrível*. Essa palavra é formada pelo acréscimo do morfema *in-* (prefixo que indica negação) à palavra *CRÍVEL*. Dependendo da palavra a que esse morfema se junta, ele pode assumir a forma *im-* ou *i-*. Assim, encontre e destaque do texto outras palavras que sejam iniciadas por uma das formas desse morfema, apresentando seus respectivos significados.

CRÍVEL

Em que se pode crer, verossímil, provável; o oposto de *incrível*.

3. Leia o texto e execute as atividades em seguida.

Caso pluvioso

A chuva me irritava. Até que um dia
descobri que maria é que chovia.
A chuva era maria. E cada pingo
de maria ensopava o meu domingo.
E meus ossos molhando, me deixava
como terra que a chuva lava e lava.
Eu era todo barro, sem verdura...
maria, chuvosíssima criatura!
Ela chovia em mim, em cada gesto,
pensamento, desejo, sono, e o resto.
Era chuvinha fina e chuvarada grossa,
matinal e noturna, ativa... Nossa!
Não me chovas, maria, mais que o justo
chuvisco de um momento, apenas susto (...)

Fonte: ANDRADE, Carlos Drummond de. Caso pluvioso. *Reunião*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980 (fragmento adaptado).

a) Explore os casos de palavras que se formam a partir do *chuv-* presentes no texto, explicando sua formação.

b) Tendo em vista o radical *chuv-* (morfema que remete à ideia de chuva), que outras palavras formadas por ele você conhece?

RESPOSTAS COMENTADAS

1. Os dois substantivos: *floração* (*flor-* + *-ação*) e *flores* (*flor-* + *-es*); a forma verbal é *florencia* (*flor-* + *-escia*). Todos têm o mesmo morfema lexical (*flor-*).

2. “*imóvel*” (que não se move), “*inquietos*” (que não ficam quietos) e “*infeliz*” (que não é feliz)

3. a) *chuva*: formada pelo radical *chuv-* + *-a*
chuvosíssima: formada pelo radical *chuv-* + *-osíssima*
chuvinha: formada pelo radical *chuv-* + *-inha*
chubarada formada pelo radical *chuv-* + *-ada*
chuvisco formada pelo radical *chuv-* + *-isco*
b) *chuveiro*, *chuvão*, *chuvada*, *chuveira*

RESUMO

Morfemas são as unidades mínimas de significação, sendo elementos constituintes dos vocábulos. Esses elementos compõem a estrutura lexical e gramatical dos vocábulos, podendo, portanto, ser classificados em *morfemas lexicais* e *morfemas gramaticais*. É possível depreenderem-se os morfemas de uma palavra por meio da realização de uma análise mórfica chamada de *comutação*, que consiste na substituição de uma invariante por outra. Dessa substituição, resulta um novo vocábulo formal. Morfemas são unidades abstratas que são representadas por uma ou mais unidades concretas chamadas *morfes*.

Alguns princípios da análise mórfica

Ronaldo Amorim Lima
Beatriz dos Santos Feres

AULA

3

Meta da aula

Apresentar os conceitos de alomorfia,
de neutralização e de cumulação.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer o conceito de alomorfia;
2. reconhecer o conceito de neutralização;
3. reconhecer o conceito de cumulação.

INTRODUÇÃO

As línguas são sistemas e, por isso, apresentam sempre uma organização por meio da qual é possível entendermos e explicarmos seu funcionamento. Em outras palavras, Monteiro (2002) afirma que, sendo um sistema, a língua se constitui de partes interdependentes, isto é, um elemento necessita da existência dos outros e vice-versa. Em continuidade, o pesquisador declara que “o perfeito funcionamento de um sistema se caracteriza pela organização, mantida por leis próprias. As partes devem estar intimamente relacionadas, de tal modo que o todo seja harmônico”.

Leis e regras linguísticas

É relevante atentar que as leis e regras da língua às quais nos referimos ao longo das aulas são aquelas observadas por todo e qualquer falante desde o primeiro contato estabelecido com sua língua materna. Aprendemos, por exemplo, a noção de plural, obtida com o emprego do segmento *-s*, ou de passado, representado pelas terminações verbais *-va*, ou *-ra*, sem que seja preciso ir à escola, ou estudar em livros didáticos. O falante absorve as regras de funcionamento da língua no contato diário com outros falantes, desde sua infância, naturalmente.

Há, entretanto, uma prescrição gramatical, aprendida na escola (sobretudo), que impõe “regras do uso correto da língua”, segundo padrões específicos. Em geral, o “uso correto da língua” é visto como um dado que confere prestígio ao falante. Não empregar a “norma linguística de prestígio” em situações formais de comunicação, ou na escrita, por exemplo, é visto pela sociedade como algo reprovável. Por isso, confunde-se “regra linguística” – natural, própria do funcionamento de uma dada língua para fins comunicativos – com “prescrição linguística”, exigível em algumas circunstâncias mais formais, ou mais “monitoradas”.

Para compreendermos o que é um sistema, Monteiro (2002) faz uso do exemplo de um motor, que se constitui de várias peças, sendo todas interdependentes. O mau funcionamento ou a retirada de uma dessas peças provocará o mau funcionamento ou mesmo a parada de todo o sistema. Entretanto, para que se estude e se aprenda a fazer e/ou consertar um motor, é necessário que se desmonte o motor, separando todas as suas peças. É algo semelhante a isso o que se faz numa análise mórfica.

No módulo anterior, abordamos as noções de morfe e de morfema, as quais, conforme observamos, encontram-se baseadas em um princípio linguístico

geral, que aponta a relação entre significante e significado. Desse princípio geral, derivam outros princípios (MENEZES, *op. cit.*), tais como aqueles da alomorfia, da neutralização e da cumulação.

Representação dos morfes

Os morfes são apreendidos a partir da realização oral dos signos linguísticos. Desse modo, quando dizemos que o morfe *-s* indica plural, na verdade, estamos nos referindo à sua pronúncia, representada, fonologicamente, por /S/. Aqui, por razões didáticas, optamos pela referência ao morfe a partir de sua representação gráfica, ou seja, pela(s) letra(s) correspondente(s) ao morfe.

Vejamos esses princípios.

ALOMORFIA



Figura 3.1 Exemplos de alomorfes.

Conforme vimos na aula anterior, morfe é a realização concreta de um morfema. Em *novíssimos*, por exemplo, o segmento *-s* marca o plural do vocábulo, mas nem todo plural no português é marcado a partir desse segmento. O plural de *cruz*, por exemplo, é *cruzes*, ou seja, nesse caso, o segmento *-es* é o que marca o plural da palavra.

Observa-se que a marcação de plural em nossa língua manifesta-se, pelo menos, por meio de dois morfes, o *-s* e o *-es*. Assim, pode-se falar em morfema marcador de plural (noção abstrata) que se realiza de maneira concreta no português através dos morfes *-s* ou *-es*. E, pelo fato desses dois morfes remeterem ao mesmo morfema, eles são chamados **ALOMORFES**.

ALOMORFES

Significam “outra forma”. Na Morfologia, dá-se o nome de alomorfes às diferentes formas que um mesmo morfema pode adquirir, tendo em vista o dinamismo da língua. Ao processo de variação de forma, dá-se o nome de *alomorfia*.

Devemos lembrar que estamos analisando a morfologia da língua portuguesa sob o ponto de vista *sincrônico*. Você poderá encontrar outra explicação para as formas de plural com terminação em *-es* na obra *História e estrutura da língua portuguesa*, de Mattoso Câmara Jr., sob o ponto de vista *diacrônico*, ou seja, considerando-se a evolução da língua ao longo do tempo.

Quando há mais de um morfe para o mesmo morfema, ocorre a alomorfia. Alomorfes são, nesse sentido, as diversas realizações de um único morfema. Os segmentos *-s*, *-es* e *-is* são morfes do morfema de plural no português, portanto, dizemos que eles são alomorfes.

Exemplos: casa – casas
mar – mares
anel – anéis

A vogal temática dos verbos da primeira conjugação (*-a*) é encontrada na maior parte das flexões do modo indicativo. No pretérito perfeito, ela se apresenta assim, na segunda pessoa do singular (*amavas*) e nas três pessoas do plural, (*amávamos*, *amáveis*, *amavam*). Na primeira e na terceira pessoa do singular, ela se materializa por meio de outros morfes, *-e* e *-o* (*amei*, *amou*), respectivamente, configurando-se estes como alomorfes. E ainda, ao analisarmos as formas *ilógico/ilegal* e *infeliz/incapaz*, verificaremos que elas têm em comum um morfema, na posição de **PREFIXO** que indica negação, representado pelos morfes *i-* e *in-*.

PREFIXO

Afixo que se junta ao início das palavras, dando-lhes nova significação (Exemplo: armar – desarmar) em um processo de formação conhecido como prefixação ou derivação prefixal.

O verbo *dizer*, conforme vimos na aula anterior, apresenta um morfema lexical que se realiza concretamente nos alomorfes *diz-* (*dizer*), *diss-* (*disse*), *di-* (*direi*) e *dig-* (*digo*).

Se considerarmos as formas verbais de terceira pessoa do plural do verbo *dizer*, por exemplo, veremos que predominam as formas que terminam em *-m*, como em *dizem*, *diriam*, *dissessem*, *digam*, etc. Mas, no futuro do presente do indicativo, há a forma *dirão*. Observa-se, assim, que a noção de terceira pessoa do plural do verbo *dizer*, e também da maioria dos verbos em português, realiza-se concretamente por meio dos alomorfes *-m* (átono) e *-ão* (tônico).

Esse conceito de alomorfa resolve grande parte dos problemas encontrados na segmentação de palavras em unidades mínimas significativas. Se considerarmos alguns cognatos da palavra *vinho*, por exemplo, teremos:

GRUPO 1	GRUPO 2
Vinhateiro	Vinícola
Vinhaço	Vinífero
Vinháceo	Vinicultor
Vinhataria	Vinagre

Poderíamos falar, em um primeiro momento, de um problema relacionado à diferença dos radicais nas palavras cognatas: mesmo sendo todos os vocábulos, dos grupos 1 e 2, cognatos de *vinho*, os do grupo 1 apresentam como radical o morfema *vinh-*, enquanto os vocábulos do grupo 2 apresentam como radical o morfema *vin-*.

No entanto, considerando o conceito de alomorfa, pode-se dizer que *vinh-* e *vin-* são variações mórficas de um mesmo morfema, ou seja, são alomorfes. Não se trata, portanto, de morfemas distintos, mas sim de formas alternativas que apresentam o mesmo significado. Essas formas alternativas são alomorfes.

A alomorfa, conforme aponta Ribeiro (2013), pode ser de natureza:

a) mórfica, privativa da primeira articulação da linguagem, conforme ocorre nos pares *noite/noturno*, *fazer/feito*, *saber/soube*, *trazer/trouxe*, etc.;

b) fonológica, como acontece com a vogal temática do pretérito perfeito do indicativo dos verbos regulares da primeira conjugação: *andamos/andei/andou*;

c) gramatical, como no caso das formas de particípio dos *verbos abundantes*, para as quais a regra gramatical determina que sejam regulares, quando acompanhadas dos *verbos auxiliares* *ter* ou *haver* (Ele *tem expressado* suas ideias com muita convicção), e irregulares, quando acompanhadas dos auxiliares *ser* ou *estar* (Assim *foram expressos* todos os seus pensamentos).

Consulte uma gramática para lembrar o que são verbos abundantes e verbos auxiliares.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 1

1. Leia o fragmento da letra a seguir:

Tempestade e solidão

Quase não dormia
Quando te esperava
E se amanhecia
Eu ficava na sacada
Descerá um raio
Haverá trovão
Uma tempestade e a solidão...

Fonte: PONCIANO, Rui. *Tempestade e solidão*. Disponível em: <http://kdletras.com/rui-ponciano/tempestade-e-solid%C3%A3o>. Acesso em: 20 abr. 2013.

No texto em referência, as formas verbais *esperava* e *dormia* se apresentam na primeira pessoa do singular, no pretérito imperfeito do indicativo. Experimente conjugar outros verbos de primeira e de terceira conjugações no mesmo tempo e pessoa. Você pode utilizar, por exemplo, os verbos de primeira conjugação *comprar*, *estudar* e *falar*, e os de terceira *medir*, *sentir* e *subir*. Em seguida, comente o que se deduz em termos de alomorfia.

RESPOSTA COMENTADA

1. Os verbos de primeira conjugação, na primeira pessoa do singular, no pretérito imperfeito do indicativo são: *comprava*, *estudava* e *falava*; os de terceira são: *media*, *sentia* e *subia*.

Os verbos de primeira conjugação apresentam o morfe final *-va*, enquanto os verbos de terceira apresentam na mesma posição o morfe *-ia*. Isso significa que *-va* e *-ia* são alomorfes.

NEUTRALIZAÇÃO

A neutralização morfológica é o processo que anula a diferença entre dois morfemas pelo aparecimento de um morfema único. Vejamos o que ocorre com o morfema destacado na forma verbal *relataram*. Observe a conjugação do pretérito perfeito e do pretérito mais que perfeito do verbo *relatar* e, mais precisamente, a terceira pessoa do plural:

	PRETÉRITO PERFEITO	PRETÉRITO MAIS QUE PERFEITO
Eu	relatei	relatara
Tu	relataste	relataras
Ele	relatou	relatara
Nós	relatamos	relatáramos
Vós	relatastes	relatáreis
Eles	relataram	relataram

Não é difícil constatar que ambas as formas de terceira pessoa do plural (eles) são idênticas externamente. Vejamos, agora, o uso dessas duas formas em oposição às formas de terceira pessoa do singular (ele).

- (1) Os suspeitos já *relataram* todos os detalhes do crime antes da nossa chegada.
- (2) O suspeito já *relatara* todos os detalhes do crime antes da nossa chegada.
- (3) Os suspeitos *relataram* todos os detalhes do crime ontem.
- (4) O suspeito *relatou* todos os detalhes do crime ontem.

A neutralização do morfema de tempo e modo *-ra* ocorre, nesse caso, quando não se percebe a distinção entre *relataram* (terceira pessoa do plural do pretérito perfeito) e *relataram* (terceira pessoa do plural do pretérito mais que perfeito).

Essa neutralização da forma *relataram* é compensada de duas maneiras: pelo contexto de comunicação e pelo paradigma verbal de que faz parte. Em outras palavras, é o contexto de comunicação que evidencia, em determinada frase, se o emprego de *relataram* está em terceira pessoa do plural do pretérito perfeito ou do mais que perfeito do indicativo, desfazendo-se a neutralização.

Além disso, a forma *relataram* não ocorre isolada, mas sim atrelada a todo um paradigma verbal que apresenta outras formas que mostram a distinção anulada pela neutralização.

Assim, se a oposição entre a terceira pessoa do plural do pretérito perfeito e a terceira pessoa do plural do pretérito mais que perfeito se anulam em *relataram*, a oposição retorna se consideramos as formas *falou* e *falara*.

Para deixar mais claro, Menezes (*op. cit.*) destaca a oposição existente entre a primeira e a terceira pessoas do singular na flexão dos verbos no presente do indicativo (eu falo/ele fala), no pretérito perfeito (eu falei/ele falou) e no futuro do presente (eu falarei/ele falará). Essa oposição deixa de ser morfológicamente marcada no pretérito imperfeito (eu falava/ele falava), no pretérito mais que perfeito (eu falara/ele falara), no futuro do pretérito (eu falaria/ele falaria), nos tempos do subjuntivo: presente (eu fale/ele fale), imperfeito (eu falasse/ele falasse) e futuro (eu falar/ele falar).

A *Moderna gramática portuguesa*, escrita pelo prof. Evanildo Bechara, apresenta, para esses casos aqui expostos, outra nomenclatura e outro conceito. Neste momento de nossos estudos, optamos por não entrar nessa discussão. Mas, caso você se interesse, leia, nas páginas 344-346 daquela obra, o tópico sobre neutralização e sincretismo.

Essa oposição só será, portanto, apreendida tendo em vista o contexto sintático ou discursivo em que se apresentar.

**ATIVIDADE****Atende ao Objetivo 2**

2. Observe as duas frases a seguir:

- Maria e eu conversamos com as crianças todos os dias.
- Maria e eu conversamos com as crianças ontem.

Tendo em vista os princípios de análise mórfica, o que você sabe dizer a respeito das duas formas verbais apresentadas.

RESPOSTA COMENTADA

2. As formas verbais são morfologicamente idênticas e encontram-se na primeira pessoa do plural. Entretanto, a primeira está no presente do indicativo e a outra, no pretérito perfeito do mesmo modo. Assim, pode-se dizer que entre as duas formas ocorre o fenômeno da neutralização.

CUMULAÇÃO

Figura 3.2: Exemplo de acúmulo de funções.

A ilustração é apenas para fazer um paralelo entre o acúmulo de funções que a mulher tradicionalmente tem em nossa sociedade e o acúmulo de significações que alguns morfemas detêm.

Em uma análise mórfica, espera-se que cada forma apresente um único significado e vice-versa. No entanto, não é isso o que sempre se verifica. Em alguns casos, o morfema pode assumir uma significação mais ampla ou cumulativa.

Se considerarmos as formas verbais estudaremos, estudaríamos e estudássemos, por exemplo, podemos perceber que se trata de formas flexionadas na primeira pessoa do plural, já que podemos identificar em todas o morfema *-mos* marcando essa noção gramatical:

estud- + -a- + -re- + -mos

estud- + -a- + -ria- + -mos

estud- + -a- + -sse- + -mos

Temos, dessa forma, um morfema cumulativo, já que um único segmento (*-mos*) marca duas noções, a de pessoa (primeira pessoa) e a de número (plural). Este morfema é chamado, por esse motivo, desinência número-pessoal.

Observemos, agora, as seguintes formas verbais:

PRETÉRITO IMPERFEITO (INDICATIVO)	PRETÉRITO IMPERFEITO (SUBJUNTIVO)
<u>fa</u> lava	fa <u>l</u> asse
<u>fa</u> lavas	fa <u>l</u> asses
<u>fa</u> lava	fa <u>l</u> asse
<u>fa</u> lávamos	fa <u>l</u> ássemos
<u>fa</u> láveis	fa <u>l</u> ásseis
<u>fa</u> lavam	fa <u>l</u> assem

Em ambas as colunas, as formas verbais estão no pretérito imperfeito. Mas, na primeira coluna, temos o pretérito imperfeito do modo indicativo, e, na segunda, o pretérito imperfeito do modo subjuntivo. O que marca esta diferença são os morfemas sublinhados (*-va/-ve* e *-sse*, respectivamente).

Temos aqui mais dois exemplos de cumulação, uma vez que *-va/-ve* indicam, ao mesmo tempo, o tempo pretérito imperfeito e o modo indicativo; e *-sse* indica o tempo pretérito imperfeito e o modo subjuntivo.

Por esse motivo, esses morfemas são chamados desinências modo-temporal. Nestes exemplos, temos a desinência modo-temporal do pretérito imperfeito do indicativo (*-va/-ve*) e a desinência modo-temporal do pretérito imperfeito do subjuntivo (*-sse*).

No que se refere ao processo de cumulação, não podemos deixar de falar sobre o *aspecto verbal*, que é encontrado tanto cumulativamente nas desinências modo-temporais quanto nos verbos auxiliares. Nas desinências verbais, o aspecto verbal, conforme definição de Mattoso Câmara Jr., é “a propriedade que tem uma forma verbal de designar a *duração* de um processo (momentâneo ou durativo) ou o aspecto propriamente dito sob que ele é considerado pelo falante”: incoativo (em seu começo), imperfeito (em seu curso e ainda inconcluso), perfeito (concluso), permansivo (perfeito, mas permanente em seus efeitos).

Na *Gramática do português contemporâneo* (CUNHA; CINTRA, p. 370-372), você vai encontrar outras informações sobre o aspecto nos verbos da língua portuguesa.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

1. Observe os pares de palavras a seguir: anual/anuais, pastel/pastéis, barril/barris, anzol/anzóis, azul/azuis. Considerando o processo de formação de plural da língua portuguesa e o fenômeno da alomorfia, como se dá esse processo nessas palavras?

2. Nesta atividade, você deverá indicar o princípio de análise mórfica que explica ou exemplifica, justificando, o que se afirma em cada um dos parágrafos a seguir:

a) As formas verbais *brincava* (primeira pessoa do pretérito imperfeito do indicativo) e *brincava* (terceira pessoa do pretérito imperfeito do indicativo) não

apresentam diferenças mórficas, sendo distinguíveis semanticamente de acordo com o contexto em que se apresentarem.

b) Um mesmo morfema, representado por um mesmo morfe, pode apresentar mais de uma noção. Por exemplo, o morfe grafado em *dormiremos* representa o *tempo* futuro do presente do *modo* indicativo.

c) Os radicais das palavras *renda* e *rentável* representam o mesmo morfema, ainda que apresentem uma diferença entre si.

d) É possível que um morfema seja representado por mais de um morfe. Os radicais sublinhados das formas verbais *sabia*, *soube* e *saiba* são exemplos disso.

3. Considere os pares de palavras *insensível/intransigente*, *irresistível/iletrado*, *idêntico/irado*. Em quais deles encontramos morfemes que representam um morfema prefixal de negação? Tendo em vista o conceito de alomorfia, o que se pode dizer sobre essas palavras?

RESPOSTAS COMENTADAS

1. A formação do plural nessas palavras se dá por meio do acréscimo de um alomorfe de plural (-is) diferente daquele da regra geral, que consiste no acréscimo apenas do morfe -s ao final da forma singular, ou do acréscimo do alomorfe -es. Há que se destacar que, tendo em vista os exemplos aqui apresentados, em todas ocorre a retirada do -l e, em seguida, o acréscimo de -is, com exceção daquelas terminadas em -il, em que, além da retirada do -l, ocorre apenas o acréscimo do -s.

2. a) *neutralização* – a oposição entre a primeira e a terceira pessoa do singular, no pretérito imperfeito, não existe, como ocorre, por exemplo, no futuro do presente, em *brincarei/brincará*; b) *cumulação* – o morfema *-re-* guarda a noção de modo e tempo verbal; c) *alomorfia* – dois morfemas que representam o mesmo morfema, neste caso, o radical *rend-*; d) *alomorfia* – três morfemas que representam o mesmo morfema, neste caso, o radical do verbo *saber*.

Exercício 3: Nos primeiros dois pares, encontramos os morfemas *-i* e *-in*, que representam o morfema de negação. No último par, o morfema de negação não está presente.

RESUMO

Nesta aula, estudamos alguns princípios de análise mórfica, baseados em Mattoso Câmara Jr. (1992):

1. a *alomorfia*, processo que consiste na representação de um mesmo morfema por dois ou mais morfemas diferentes. O conceito que auxilia na apreensão da diferença entre morfema e morfema, pois enquanto o primeiro é aquele que detém a significação e se encontra no plano do conteúdo; o segundo é seu representante, no plano da expressão, e pode se apresentar por meio de mais de uma forma;
2. a *neutralização morfológica*, processo que anula a diferença entre dois morfemas pelo aparecimento de um morfema único, como ocorre entre a terceira pessoa do plural do pretérito perfeito e aquela do pretérito mais que perfeito;
3. a *cumulação* – processo em que um morfema, diferentemente do que se espera, pode assumir significação mais ampla ou cumulativa, isto é, pode ter mais de um significado.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

No nosso próximo encontro, vamos estudar os conceitos de palavra e de vocábulo. Vamos pensar a respeito de como um falante sabe o que é uma palavra e qual a diferença entre ela e o vocábulo. Também vamos estudar as *formas livres, presas e dependentes* e analisar a organização interna do vocábulo.

O conceito de palavra

Ronaldo Amorim Lima
Beatriz dos Santos Feres

AULA

4

Metas da aula

Levar você a pensar a respeito de como um falante sabe o que é uma palavra e qual a diferença entre ela e o vocábulo; diferenciar as formas livres, presas e dependentes e analisar a organização interna do vocábulo.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

- 1 diferenciar palavra de vocábulo;
- 2 distinguir formas livres, formas dependentes e formas presas;
- 3 identificar o vocábulo mórfico e sua estrutura.

Pré-requisito

Para compreender bem esta aula, é preciso que você retome a definição de Morfologia, que você encontra na Aula 1.

INTRODUÇÃO

“Ai, palavras, ai, palavras, que estranha potência a vossa!”

Os versos de Cecília Meireles revelam o poder que as palavras têm: com elas trocamos ideias, convencemos os outros a respeito de um ponto de vista, acarinhemos as pessoas queridas, afastamos as indesejáveis... Enfim, com as palavras, nos *comunicamos*, isto é, tornamos comuns nossos pensamentos. Falamos sem parar, usando a palavra de forma tão natural, que nem pensamos como ela funciona. A palavra aponta para as coisas do mundo; ela pode guardar muitos sentidos, ou ter um sentido bem preciso, ou pode se transformar em outra palavra e ainda assim continuar a ter sentido para o falante... Mas, afinal, o que é a *palavra*? Um grupo de letras? Qualquer grupo de sons? Um “pedaço” de texto? Cada “entrada” no dicionário? “Guarda-chuva” é uma palavra só, ou são duas? A “manga” (da camisa) a “manga” (fruta) são a mesma palavra, ou são duas? “De”, “em”, “se”, “mim”, que não têm tanto significado como “elefante”, ou “aperfeiçoamento”, também podem ser considerados palavras? Nesta aula, vamos parar para pensar a respeito do que é uma *palavra* e como é possível identificá-la.

Trecho do *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles:

Ai, palavras, ai palavras,
que estranha potência, a vossa!
Ai, palavras, ai palavras,
sois o vento, ides no vento,
e, em tão rápida existência,
tudo se forma e transforma!
Sois de vento, ides no vento,
e quedais, com sorte nova!
Ai, palavras, ai palavras,
que estranha potência, a vossa!
Todo o sentido da vida
principia à vossa porta;
o mel do amor cristaliza
seu perfume em vossa rosa;
sois o sonho e sois audácia,
calúnia, fúria, derrota...
A liberdade das almas,
ai! com letras se elabora...
E dos venenos humanos
sois a mais fina retorta:
frágil como o vidro
e mais que o são poderosa!
Reis, impérios, povos, tempos,
pelo vosso impulso rodam...
[...]

Cecília Meireles viveu entre 1901 e 1964. Foi professora, jornalista, poetisa e criadora de histórias infantis. É considerada uma das maiores escritoras brasileiras de todos os tempos.



Fonte: http://pt.wikipedia.org/wiki/Cecilia_Meireles

A PALAVRA



Figura 4.1: A palavra.

Observe com atenção a **Figura 4.1**. Cada elemento é formado por várias partes menores, as letras. As letras, isoladas, não têm significado, mas, agrupadas, formam conjuntos com significado, as palavras.

Na escrita, as palavras aparecem isoladas umas das outras por meio de espaços em branco.

Se pensarmos que esses mesmos conjuntos, em vez de escritos, podem ser pronunciados, diremos que essas palavras são formadas por vários sons (os fonemas). Na fala, as palavras também podem ser pronunciadas de modo isolado, uma a uma, mas, em geral, ao falarmos, juntamos tudo e, às vezes, uma palavra atropela a outra.

Veja esta outra figura:

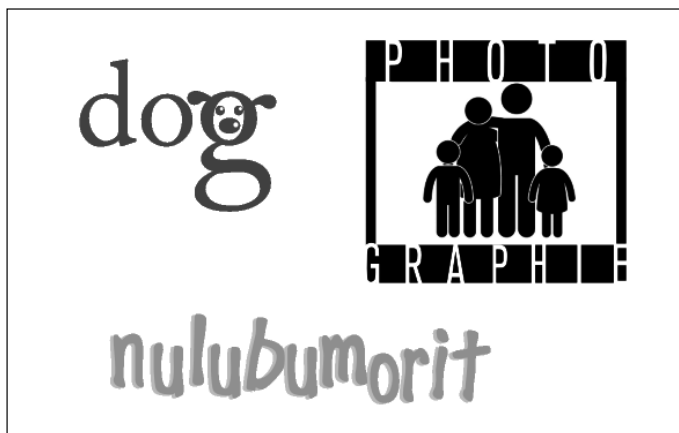


Figura 4.2: Palavras de outras línguas.

Não reconhecemos esses elementos como palavras da língua portuguesa. As duas primeiras – *dog* e *photographie* – pertencem ao inglês e ao francês, respectivamente. Percebemos que suas formas não se parecem com as das palavras do português: *dog* termina com *gê*, e terminar a palavra com a consoante *gê* não é característica das palavras portuguesas; já *photographie*, embora parecida com *fotografia*, tem o som [f] grafado com *ph*, o que também não ocorre em português.

A terceira palavra, *nulubumorit*, também não é reconhecida como pertencente à língua portuguesa. Sua forma não é usual entre as palavras que conhecemos. Ela foi inventada sem que se recorresse às estruturas típicas do português.

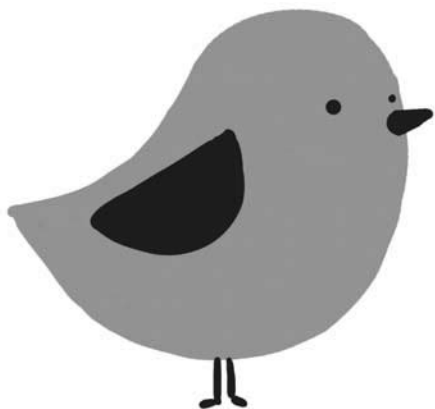


Figura 4.3: O Twitter e as novas palavras.

Já venho “twitando” há alguns anos e gostaria de compartilhar com vocês estas experiências. O Twitter é um software (microblog) de mídia social que permite criar relações um-para-muitos, onde você posta um texto na tuitoesfera e seus seguidores podem ler e comentar a qualquer hora, assincronamente, embora, de maneira geral, os comentários são postados quase que imediatamente após o texto original circular.

Fonte: <http://www.saladacorporativa.com.br/2011/11/por-que-comecei-a-tuitar/>. Acesso em: 25 fev. 2013.

Recentemente, temos ouvido palavras novas como *twitar*, cuja origem é o inglês. Na citação, lemos: “Já venho ‘twitando’ há alguns anos...” *Twitar* significa “espalhar uma notícia para ser comentada, ou comentar algo que outra pessoa espalhou por meio do Twitter”, um

tipo de rede social. Reconhecemos nessa palavra a origem estrangeira, mas também reconhecemos sua “importação”, porque sua terminação é típica da língua portuguesa para verbo da primeira conjugação: *-ar*, em *twitar*, e *-ando*, em *twitando*. Assim, logo, logo o falante do português entende essas palavras como verbos.

Isso significa que podemos reconhecer as palavras de uma língua por dois motivos: *são amplamente divulgadas entre os falantes e apresentam estruturas típicas da língua.*

Essa é a maneira como o falante comum reconhece uma palavra de uma língua. Mas, teoricamente, como devemos definir o que é uma palavra?

COM A PALAVRA, O LÉXICO!

As palavras de uma língua são registradas nos dicionários a partir de seu uso constante pelos falantes. Elas formam o *léxico* da língua. Com o passar do tempo, novas palavras surgem e outras caem em desuso. Também pode acontecer de uma palavra passar a ter um significado diferente, ou deixar de ter mais de um emprego, tornando seu significado bem específico.

No dicionário, em cada verbete, temos, basicamente:

- a) a palavra;
- b) sua origem;
- c) a indicação de sua classe gramatical;
- d) a indicação de gênero, no caso dos substantivos;
- e) a indicação de regência, no caso dos verbos;
- f) os significados mais recorrentes;
- g) alguns exemplos de uso.

palavrão

[De palavra + -ão.]

S. m.

1. Palavra obscena ou grosseira; palavrada, pachouchada.
2. Palavra grande e difícil de pronunciar.
3. P. ext. Termo enfático ou empolado; palavrada.

verbo[Do lat. *verbu*]

S. m.

1. Palavra, vocábulo.
2. Tom de voz; entonação.
3. Rel. A segunda pessoa da Santíssima Trindade, encarnada em Jesus Cristo.

[Com cap.]

4. A sabedoria eterna.
5. Expressão (3).
6. E. Ling. Classe gramatical que tipicamente indica ação e que pode ou constituir, sozinha, um predicado, ou determinar o número de elementos que este conterà.

Dessas informações, a origem da palavra, a indicação da classe gramatical e a indicação de gênero têm relação com a morfologia.

Em *palavrão*, por exemplo, observamos uma origem derivacional, em que se acrescentou a terminação *-ão* a *palavra*. Já em *verbo*, constatamos uma origem no latim *verbu*. A origem por meio de modificações previstas no sistema da língua, como em *palavrão*, é estudada pela *morfologia sincrônica*. A origem mais remota, como em *verbo*, que veio do latim, é estudada pela *morfologia diacrônica*. Nesta aula, a perspectiva é a da *morfologia sincrônica*.

Se você não lembra o que é morfologia diacrônica, reveja nossa primeira aula.

Vamos ver que a classe gramatical indicada no verbete também pode ser determinada pela morfologia. Há terminações (sufixos) que identificam classes específicas, como, por exemplo, *-oso* (*gostoso*), típica de adjetivos, ou *-ndo* (*falando*), típica de verbos no gerúndio, ou *-ção* (*produção*), típica de substantivos.

Da mesma maneira, a indicação de gênero dos substantivos pode, em alguns casos, ser realizada pela terminação (em geral, *-o*, para masculino e *-a*, para feminino).

Porém, há casos em que se torna impossível identificar o gênero pela terminação. Por exemplo, *poema*, substantivo masculino, termina em *-a*. Às vezes, só se reconhece o gênero de um substantivo pelo artigo *e/ou* pronome que o antecede, ou pelo adjetivo que com ele concorda, ou ainda pelo contexto em que ele, o substantivo, se insere.

Veja os exemplos:

- (1) A *estudante* devolveu meu *lápiz*.
- (2) O *estudante* deixou esse *boné* vermelho no vestiário.
- (3) A pílula do dia seguinte não é contraindicada para *tabagistas*.

O gênero da palavra *estudante* só pode ser reconhecido pelo artigo que a antecede (feminino, na primeira ocorrência, e masculino, na segunda). O gênero da palavra *lápiz* é marcado pelo pronome possessivo. Já com relação à palavra *boné*, detecta-se o gênero pela presença do pronome demonstrativo *esse* e do adjetivo *vermelho*.

Por esse motivo, afirma-se que o gênero do substantivo é indicado pelos termos determinantes que o acompanham, e não porque o substantivo apresenta obrigatoriamente uma desinência que revele seu GÊNERO, ou porque esteja relacionado ao sexo do ser a que se refere.

Em uma de nossas próximas aulas, trataremos da formação do gênero em língua portuguesa.

Estudiosos, como Margarida Basílio, optam por uma definição de *palavra* orientada pela perspectiva da morfologia, isto é, que leve em consideração, principalmente, sua estrutura interna, ou os elementos que compõem sua forma:

Do ponto de vista da morfologia, a palavra é uma construção que se estrutura de uma maneira específica: seus elementos componentes, ou formativos, apresentam ordem fixa e são rigidamente ligados uns aos outros, não permitindo qualquer mudança de posição ou interferência de outros elementos (BASÍLIO, 2006, p. 14).

Ou seja: para a morfologia, a *palavra* é algo que se organiza internamente de uma determinada maneira, a fim de corresponder a um significado.

Assim, é possível identificar não só a *palavra*, mas também seus *elementos constituintes* e a *ordem* em que eles se apresentam.

GÊNERO INERENTE

O gênero de um substantivo, masculino ou feminino, é uma questão de convenção. Diz-se que é inerente porque o gênero faz parte do substantivo.

Exemplos: o mar, o lanche, o poeta, a lua, a parede, a tribo, o giz, a cal, o telefonema. Só se pode afirmar que a terminação indica o gênero quando está relacionada a um par opositivo, como em *menino* x *menina*.

ATENÇÃO!!!

A maioria das palavras pode ser fragmentada. Essa fragmentação pode se realizar de três maneiras diferentes: *pelos sons* que compõem a palavra (ou pelas letras que os representam); *pelos sílabas* e *pelos formas mínimas significativas*. Veja:

BATATA

tem 6 sons (quando pronunciada) e 6 letras (quando escrita): b + a + t + a + t + a;

tem 3 sílabas: ba + ta + ta e

tem 2 formas mínimas significativas: batat- + a (radical + vogal temática).

A morfologia se interessa unicamente pela fragmentação em *formas mínimas significativas*, organizadas em uma ordem fixa.

Por exemplo:

a) *guarda-chuva* é uma palavra, mas não admitimos a forma *guarda-muita-chuva*;

b) *participação* é uma palavra, mas não admitimos a forma *çãoparticipa*;

c) *infeliz* é uma palavra, mas não admitimos *felizin*;

d) *entorpecer* é uma palavra, mas não admitimos *entorpenecer*.

Laroca repete uma historinha contada por Sapir, outro linguista:

Não pode haver prova mais convincente do que a seguinte: o índio, ingênuo e completamente despercebido do conceito da palavra escrita, não tem, apesar disso, dificuldade séria em ditar um texto a um investigador linguístico, palavra por palavra [...] (SAPIR *apud* LAROCA, 2011).

PALAVRA E VOCÁBULO

Uma mesma palavra pode apresentar diferentes formas, por causa da flexão.

Veja:

- (4) Eu *levo* flores para minha mulher diariamente.
- (5) Não *levarei* você ao cinema caso não se comporte.
- (6) Vocês *levaram* o cachorro para passear?
- (7) Eu esperava que você *levasse* a roupa para a lavanderia.

O sentido geral de “levar”, “fazer passar de um lugar para o outro”, se mantém nas formas em itálico; são todas *formas* de uma mesma *palavra*, alterada pela *flexão*.

Por quê?

Porque, mesmo havendo modificações para o ajuste no verbo *levar* em relação à pessoa a que se refere, ao número, ao tempo, ao modo e ao aspecto, o conteúdo lexical permanece o mesmo. Afirma-se, então, que o verbo *levar* corresponde a uma unidade lexical; suas diferentes formas são os *vocábulos*.

As formas verbais são *lexemas*, assim como também o são os substantivos, os adjetivos e os advérbios, pois apresentam *significado lexical*, um significado relacionado a uma parcela da realidade. Já as preposições, as conjunções e os verbos auxiliares, por não apresentarem significado lexical, são considerados *vocábulos gramaticais*. Sua função básica é a de organizar a estrutura *das frases*.

VOCÁBULO MÓRFICO

É a unidade a que se chega quando não é possível nova divisão em duas ou mais formas livres.

Você vai ainda ler ou ouvir expressões como *vocábulo fonológico* e *vocábulo mórfico*. No campo da morfologia, o que nos interessa observar e analisar é a estrutura do **VOCÁBULO MÓRFICO**. Futuramente, na disciplina Língua Portuguesa V, um dos assuntos que você deverá estudar será o *vocábulo fonológico*.

VOCÁBULO MÓRFICO

O *vocábulo mórfico* é identificado, na escrita, pelo espaço em branco que o separa dos outros vocábulos. Mesmo quando, na pronúncia, um vocábulo se amalgama a outro, como em “Quero uma almofada aqui no sofá” (/’kerumawmu’fadakinuso’fa/), na escrita, cada elemento é tomado como uma unidade mórfica.

As unidades formais (que vão compor cada vocábulo) podem ser *formas livres*, ou *formas presas*.

Formas livres são aquelas que funcionam como comunicação suficiente (mesmo que essa “comunicação suficiente” seja uma resposta: “O que você quer?” Resposta: “Nada!”). Já as *formas presas* só funcionam ligadas a outras (Por exemplo: *re-*, de *reler*).

O vocábulo mórfico é composto por, pelo menos, uma forma livre (*luz*), mas também pode ser composto por duas ou mais formas presas

(*im-* + *pre-* + *vis-* + *-ível*), ou por uma forma livre e uma ou mais formas presas (*re-* + *tomar*).

Mattoso Câmara (1983) acrescenta a essa explicação a ideia de forma dependente, que abarcaria as partículas proclíticas e enclíticas em português.

As partículas a que Mattoso se refere são palavras de pouca força tonal. São ditas proclíticas quando aparecem em posição anterior a uma palavra, como os artigos *o*, *a*, *os*, *as*; se posteriores, são consideradas enclíticas, como os pronomes oblíquos, por exemplo.

A *forma dependente* não funciona isoladamente como comunicação suficiente (e, portanto, não pode ser considerada uma *forma livre*); mas também não é presa, porque, entre ela e a forma presa a que se refere, é possível interpor outro elemento, ou então pode ser mudada a posição em relação à forma livre a que está ligada. Veja os exemplos:

- (8) A casa está vazia.
- (9) A minha casa está vazia.
- (10) Fala-se muita bobagem; não *se* fala de coisas sérias.

A forma dependente é a prova de que não há coincidência absoluta entre vocábulo fonológico e vocábulo formal. Ela é uma parte do vocábulo fonológico, pois se agrega, pelo acento, ao grupo de força a que este se acha ligado. Exemplo: em "A praia de Icarai estava lotada", o artigo "a" é pronunciado como se fosse uma das sílabas fracas de "praia" e "de", como se fosse uma das sílabas fracas de Icarai".

O vocábulo mórfico apresenta uma *coesão interna* baseada nas possibilidades combinatórias oferecidas pela língua. Essa organização lhe garante um significado próprio.

Um vocábulo pode ser composto por:

- a) um único **RADICAL**: *mar*;
- b) um radical e **AFIXOS**: *repensar* (*re* + *pens* + *a* + *r*).

RADICAL

É o núcleo semântico e formal da palavra. Com ele, é possível fazer referência ao mundo extralinguístico. A partir dele, as famílias de palavras podem ser reconhecidas.

AFIXOS

São formas presas que se adicionam às bases para formar outras palavras. Quando acrescentados à direita da base, são chamados sufixos; à esquerda, prefixos. Eles podem ser adicionados um de cada vez: "Filho de peixe, peixinho é".
peix(e) + -inho → peixinho
Às vezes, são adicionados ao mesmo tempo:
"Não se fala de corda em casa de enforcado".
en- + forc- + -do

VOGAIS TEMÁTICAS

Se fixam à direita dos radicais e formam, com eles, as bases para a criação de outras palavras, como em azeite, vinho, mundo: “Azeite de cima, mel do meio e vinho do fundo, não enganam o mundo”.

Nos verbos, as vogais temáticas indicam a conjugação a que pertencem: “A felicidade é algo que se multiplica quando se divide”.

1ª conjugação, com a vogal temática *a* (multiplicar)
 2ª conjugação, com *e* (*ser*)
 3ª conjugação, com *i* (*dividir*)

DESINÊNCIAS

São tipos específicos de sufixos, usados na flexão dos nomes (para a expressão de gênero e número) e dos verbos (para expressão de tempo, modo, aspecto, pessoa e número).

Quando colocamos um substantivo ou um adjetivo no plural, por exemplo, usamos a *desinência de plural*: “Águas passadas não movem moinhos.”

água + -s
 passada + -s
 moinho + -s

Nos verbos, as desinências indicam tempo, modo, aspecto, número e pessoa.

Em *movem*, a nasalidade, representada graficamente pelo *-m*, indica que a forma verbal pertence à 3ª pessoa do plural.

A estrutura interna do vocábulo pode ser composta por radical, afixos, **VOGAIS TEMÁTICAS** e **DESINÊNCIAS**.



Alguns estudiosos consideram ainda outras categorias de afixos, tais como os infixos, os confixos e os circunfixos. Se você estiver interessado em saber mais sobre o assunto, leia MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. São Paulo: Pontes, 2002.

Veja:
 “A pressa é inimiga da perfeição.”

Aqui, *pressa* (radical + vogal temática) é base para a formação de outras palavras:

“À *apressada* pergunta, *vagarosa* resposta.”

↓
 a- + *pressa* + -ada

Há palavras formadas por *dois radicais*: são as palavras compostas. Nesse caso, a palavra composta tem um significado próprio, diferente daqueles apresentados pelos seus elementos formadores: *guarda-chuva*; *homem-bomba*.

Os prefixos só alteram o sentido da palavra a que se juntam, mas os sufixos, além do sentido, podem alterar a classe gramatical.

Veja:
 “Relembrar é viver, esquecer é morrer.”
relembrar (verbo) = *re-* (prefixo) + *lembrar* (verbo)
 “Por fora bela viola, por dentro pão bolorento.”
bolor (substantivo) + *-ento* (sufixo) = *bolorento* (adjetivo)

CONCLUSÃO

As palavras são formadas por elementos recorrentes no sistema da língua. Sua estrutura interna pode ser composta de várias maneiras, a partir dos radicais, sufixos, vogais temáticas e desinências, que os falantes conhecem ao longo de seu contato com os demais membros de seu grupo de convivência. Quem conhece esses recursos tem a capacidade de aprender palavras desconhecidas e os neologismos criados a todo instante.

ATIVIDADE FINAL**Atende aos Objetivos 1, 2 e 3**

1. No provérbio “Quem com ferro fere, com ferro será ferido”, há dois vocábulos referentes a uma mesma palavra. Quais são? Explique sua resposta.

2. Veja os elementos destacados no trecho a seguir. Identifique a forma livre, a dependente e a presa. Justifique sua resposta.

BEIJA EU

Molha eu,

Seca eu,

Deixa que eu seja o céu.

E receba

o que seja seu.

Anoiteça e amanheça eu.

[...]

Fonte: Arnaldo Antunes / Marisa Monte / Arto Lindsay. BMG / SM Publishing Edições Musicais LTDA. Disponível em: http://www.arnaldoantunes.com.br/new/sec_discografia_todas.php. Acesso em: 11 mar. 2013.



Você pode ouvir a canção *Beija eu*, cantada por Marisa Monte, em <http://www.youtube.com/watch?v=40MdALPWnTw>.

Atividade 3:

Identifique os elementos formadores das palavras destacadas no texto a seguir (prefixos, radicais, sufixos, vogais temáticas, desinências).

ANJOS

Pegue duas medidas de *estupidez*
Junte trinta e quatro partes de mentira
Coloque tudo numa forma
Untada *previamente*
Com *promessas não cumpridas*
Adicione a seguir o *ódio* e a inveja
As dez *colheres* cheias de *burrice*
Mexa tudo e misture bem
E não se esqueça: antes de levar ao forno
Temperar com essência de *espírito* de porco,
Duas xícaras de *indiferença*
E um tablete e meio de preguiça.
[...]

Fonte: Renato Russo. Disponível em: <http://letras.mus.br/renato-russo/74526/>. Acesso em: 11 mar. 2012.

a) *estupid-* + *-ez*

b) *previa-* + *-mente*

c) *promessa* + *-a* + *-s*

d) *colher* + *-es*

e) *burr-* + *-ice*

f) *temper-* + *-a* + *-r*

g) espírit- + -o

h) in- + diferenç- + -a



Se você gostou da letra da música e quiser ouvi-la na interpretação de Renato Russo, entre em <http://letras.mus.br/renato-russo/74526/>.

RESPOSTAS COMENTADAS

1. Fere e ferido são formas diferentes – então, vocábulos diferentes – referentes à mesma palavra ferir.

Observação: A palavra ferro aparece duas vezes, mas se deve considerar que houve, nesse caso, o emprego da mesma palavra duas vezes, com a mesma forma, ou seja, houve também o emprego de um mesmo vocábulo.

2. • "deix-" é uma forma presa, pois necessita da presença da vogal temática, pelo menos, para se constituir como palavra capaz de comunicar.
- "o" é uma forma dependente, porque se agrupa a "céu" e forma, com essa palavra, um vocábulo fonológico.
 - "céu" é uma forma livre, já que, isoladamente, pode constituir comunicação suficiente.

3. a) radical + sufixo
 b) radical + sufixo
 c) radical + VT + desinência de plural
 d) radical + desinência de plural
 e) radical + sufixo
 f) radical + VT + desinência de infinitivo
 g) radical + VT
 h) prefixo + radical + VT

RESUMO

As palavras são unidades autônomas de sentido que formam o vocabulário (léxico) de uma língua.

Os vocábulos são as formas que uma palavra pode adquirir quando flexionada. No caso dos nomes, a flexão pode ser de gênero e de número; já no caso dos verbos, a flexão é de tempo, modo, aspecto, número e pessoa.

Os elementos formadores das palavras são o radical (que contém o conteúdo lexical), as vogais temáticas (que formam o tema dos nomes e dos verbos e, assim, permitem a junção de outros elementos para formação de outras palavras e vocábulos), os afixos e as desinências (estas, para a flexão das palavras; aquelas, para a formação de outras palavras).

Os morfemas na estrutura verbal e nominal

Leandro Santos de Azevedo

Ronaldo Amorim Lima

AULA

5

Meta da aula

Apresentar o conceito de morfema lexical e morfema gramatical, discutindo os subtipos deste último.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer os morfemas lexicais e os morfemas gramaticais;
2. identificar as classes de morfemas gramaticais: morfemas classificatórios, derivacionais, flexionais;
3. distinguir diferentes tipos de morfemas: morfemas aditivos, subtrativos, alternativos e zero.

INTRODUÇÃO

Nesta aula, vamos tratar da distinção entre morfema lexical (as unidades que representam significações referentes às noções gerais do mundo e indicam seres, ações, conceitos abstratos etc.) e morfema gramatical (instrumentos gramaticais que possuem significação interna à estrutura gramatical; são os artigos, as conjunções, as preposições, os pronomes, alguns advérbios, além dos afixos).

Em seguida, falaremos sobre as classes dos morfemas gramaticais: morfemas classificatórios, ou aqueles que distribuem as palavras pelas diversas classes de palavras (substantivo, adjetivo, advérbio etc.); derivacionais, ou aqueles que uma vez adicionados a uma base lexical criam uma nova palavra (feliz – *felizmente* – *infelizmente*) e flexionais, ou aqueles que modificam o número (singular – plural) ou gênero (masculino – feminino) dos nomes, ou ainda indicam pessoa, número, tempo e modo dos verbos.

No final, discutiremos alguns tipos diferentes de morfemas, quais sejam, os morfemas aditivos, subtrativos, alternativos, além do morfema (zero).

BREVE DESCRIÇÃO DOS MORFEMAS

Como já discutido em aula anterior, o morfema é a menor unidade linguística que possui significado, compreendendo **RAIZES** (*regra, régua, esclarecer*), **RADICAIS** (*regra, esclarecer*), **VOGAIS TEMÁTICAS** (*carro, casa, cantar, vender, partir*), **AFIXOS** (*reler, obrigação*) e **DESINÊNCIAS** (*alunos, cantaste*); formas livres (*lar, jacaré*), formas presas (*alun-, -o-, -s*) e formas dependentes (*o aluno, importar-se*); e vocábulos gramaticais (*preposições, conjunções e pronomes como eu, tu, o, a, meu, cada*).

RAIZ

É um elemento mórfico primário de significação comum às palavras.

RADICAL

Geralmente se identifica com a raiz, porém, o que o distingue dela é o fato de ele, o radical, poder sofrer alterações, ao passo que a raiz nunca pode ser alterada. Observe: Raiz: amar (am-), esclarecer (-clar-), mar (mar), regra (reg-) Radical: amar (am-), esclarecer (esclarec-), mar (mar), regra (reg-)

VOGAL TEMÁTICA

É um elemento mórfico que se acresce ao radical para a formação do tema (radical acrescido da vogal temática). Sua função é caracterizar nomes e verbos da língua portuguesa, reunindo-os em classes morfológicas estanques: a) nomes: *casa, pente, copo*; b) verbos: *cantar, vender, partir*.

AFIXOS

Elementos mórficos modificadores de sentido, que se acrescentam a radicais ou a temas, formando novas palavras. Quando anteposto ao radical, chama-se prefixo; quando posposto, chama-se sufixo. Prefixos: *infeliz (in-), interpor (inter-), amoral (a-), refazer (re-)*. Sufixos: *formosa (-osa), somente (-mente), francês (-ês), felicidade (-dade)*.

DESINÊNCIAS

Elemento mórfico de significação interna da palavra, que se espõe a radicais ou a temas, acrescentando uma noção gramatical à palavra. As desinências podem ser nominais (*menino/menina, meninos/meninas*) ou verbais (*amará, amamos*).

De acordo com Azeredo (2008, p. 143), sabe-se que a palavra é uma unidade autônoma constituída de um ou de vários morfemas, em que um deles serve de base mórfica da palavra e responde pelo seu núcleo semântico, e os demais ocupam posição periférica.

Observe os pares:

mar/marinho

capim/capinzal

feliz/infeliz

capuz/encapuzar

Os primeiros vocábulos dos pares são constituídos de um único morfema, que lhes serve de base: mar, capim, feliz, capuz.

Mar, capim, feliz, capuz, assim como jacaré e urubu, são palavras constituídas de um único morfema porque são atemáticas, ou seja, não apresentam vogal temática, sendo formadas, portanto, apenas pelo radical. Isso acontece com palavras cujo final é grafado por uma consoante e também com palavras oxítonas. Nesses casos, o vocábulo constitui um único morfema.

Os segundos vocábulos dos pares, por sua vez, revelam morfemas periféricos: *marinho, capinzal, infeliz, encapuzar*.

Sendo assim, conclui-se que os morfemas pertencem a duas ordens principais. São elas: o morfema lexical (morfema dotado de significação externa, também chamado lexema) e o morfema gramatical (morfema dotado de significação interna, também chamado gramema).



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 1

1. Marque V (verdadeiro) ou F (falso) para as afirmativas a seguir:
- () Apenas os prefixos e sufixos são classificados como morfemas gramaticais.
 - () Palavras desprovidas de vogal temática, formadas apenas pelo radical, são chamadas de atemáticas.
 - () A língua portuguesa possui os seguintes grupos de vogais temáticas: *-a, -e, -o*, para os verbos; *-a, -e, -i*, para os substantivos.
 - () Tema é o resultado da junção de uma vogal temática a um morfema gramatical.
 - () As palavras *azul, lápis* e *pastel* são formadas por apenas um morfema.

RESPOSTA COMENTADA

1. a) F – Afixos são apenas parte do conjunto de morfemas gramaticais, dentre os quais ainda se encontram os artigos, as conjunções, as preposições, os pronomes e alguns advérbios.
- b) V – As palavras atemáticas não possuem vogal temática e compõem-se apenas de radical.
- c) F – Na língua portuguesa, as vogais temáticas dos verbos são *-a, -e, -i*, e as dos substantivos são *-a, -e, -o*.
- d) F – Tema é o nome que se dá ao resultado da junção de uma vogal temática a um radical, ou seja, a um morfema lexical.
- e) V – Essas palavras são formadas apenas por um radical e não apresentam vogal temática, sendo classificadas, portanto, de atemáticas.

MORFEMAS LEXICAIS E MORFEMAS GRAMATICAIS

Os morfemas lexicais, ou lexemas (ou, ainda, semantemas, de acordo com a linguística francesa), servem de base a uma palavra; representam um conceito da natureza humana; e relacionam-se ao mundo extralinguístico. Possuem, pois, a significação básica do vocábulo.

São exemplos de morfemas lexicais:

trist-: *triste, tristeza, tristonho, entristecer, contristar*;

afirm-: *afirmar, afirmou, afirmação, reafirmar*.

Rocha Lima (2012, p. 241), por exemplo, ao analisar o vocábulo *menino*, atribuiu ao radical *menin-* a noção de morfema lexical, lexema ou semantema, conforme outras terminologias.

Terminologia significa “conjunto de termos específicos ou sistema de palavras utilizadas numa disciplina particular (p. ex., a terminologia da botânica, da marinharia, da matemática)”;

é o mesmo que nomenclatura (*Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Disponível em: <http://houaiss.uol.com.br>. Acesso em: 14 abr. 2013).

Os morfemas gramaticais ou gramemas, por sua vez, são os morfemas responsáveis pelos papéis gramaticais da palavra. Isso significa que esses morfemas distribuem as palavras pelas classes gramaticais, além de darem a essas palavras as noções de gênero, ou de número, ou de tempo etc.

Vejam a seguinte frase:

“O ladrilheiro continua a *desfazer* o serviço *incansavelmente*.”

Os fragmentos grifados são alguns dos morfemas gramaticais presentes na frase. Esses morfemas, como vimos anteriormente, são chamados também de afixos e, nunca é demais repetir, aqueles que se encontram antes do semantema (*des-* e *in-*) são chamados mais especificamente de prefixos, ao passo que aqueles que se apresentam depois do semantema (*-eiro*, *-er* e *-mente*) são chamados mais especificamente de sufixos.

Os prefixos, na frase em referência, desempenham ali um caráter de negação ao semantema, ou seja, *desfazer* ≠ *fazer*; *incansavelmente* ≠ *cansavelmente*.

O sufixo *-eiro* indica que a palavra é um substantivo que designa uma profissão; o sufixo *-er* indica que a palavra *desfazer* é um verbo em sua forma infinitiva, além de inseri-la na segunda conjugação verbal; o sufixo *-mente* indica que a palavra *incansavelmente* é um advérbio, mais especificamente classificado como advérbio de modo.

Observe, agora, mais estas explicações.

a) *amar*, *cantar*, *falar* → *-a-*; *vender*, *correr*, *ler* → *-e-*; *abolir*, *partir*, *competir* → *-i-*; *carro*, *livro*, *quadro* → *-o-*; *casa*, *palestra*, *gravura* → *-a-*; *pente*, *alicate*, *pele* → *-e*

b) *reabastecer*, *reelaboração*, *invalidar*, *incompleto* → *re-*, *in-*; *lealdade*, *barrigudo*, *beleza* → *-dade*, *-udo*, *-eza*

c) *aluno/aluna* → *-o*, *-a*; *aluno/alunos* → *-Ø*, *-s*

Em (a), destacam-se os morfemas gramaticais *-a-*, *-e-* e *-i-* (vogais temáticas verbais) e os morfemas gramaticais *-o*, *-a* e *-e* (vogais temáticas nominais).

Já em (b), destacam-se os morfemas gramaticais *re-*, *in-*, *-dade*, *-udo* e *-eza* (afixos), em que os dois primeiros são chamados prefixos, e os demais, sufixos.

E, por fim, em (c), destacam-se *-o*, *-a*, *-s* e *-Ø* (desinências), em que *-o* representa a desinência de gênero masculino; *-a* representa a desinência de gênero feminino; *-s*, a desinência de número plural; e *-Ø*, o morfema gramatical que representa a ausência de uma marca específica que represente o singular: morfema zero.

Conforme veremos, em breve, a desinência de número plural, nos nomes, pode também apresentar-se como *-es* ou *-is*, em determinados casos. Assim, com exceção do radical e/ou da raiz, os demais constituintes morfológicos de qualquer palavra são chamados *morfemas gramaticais*.

ATIVIDADE



Atende aos Objetivos 1 e 2

2. Revisite o texto “O verde”, no corpo da Aula 2. Lá, você encontrará estas três palavras: *flores*, *floração* e *florescia*. Analise-as morfológicamente, tendo em conta as seguintes questões: Que morfemas gramaticais podem ser identificados e que funções eles desempenham? Qual é o morfema lexical ou semantema comum a essas palavras? A que classes de palavras elas pertencem?

RESPOSTA COMENTADA

2. • Podem ser identificados os seguintes morfemas gramaticais e suas respectivas funções: a) em *flores*, o morfema flexional de número dos nomes; b) em *floração*, o morfema derivacional formador de substantivo; c) em *florescia*, o morfema flexional de tempo e modo dos verbos.
- O morfema lexical ou semantema comum às três palavras é a forma *flor*.
 - *Flores* e *floração* são substantivos; *florescia* é uma forma verbal.

MORFEMAS CLASSIFICATÓRIOS, DERIVACIONAIS E FLEXIONAIS

Conforme sua função, os morfemas gramaticais podem ser divididos em três classes: morfemas classificatórios, morfemas derivacionais e morfemas flexionais. Os morfemas classificatórios são representados pelas vogais temáticas verbais e nominais. Quando verbal, a vogal temática caracteriza-se como o morfema indicador das três conjugações verbais. Veja:

Cantar → *-a-* (1ª conjugação)

Vender → *-e-* (2ª conjugação)

Partir → *-i-* (3ª conjugação)



Consulte uma gramática para lembrar as três conjugações verbais.

Quando nominal, as vogais temáticas distribuem-se por três classes, cada uma das quais terminada por uma vogal identificadora, sempre átona. Veja:

aluno, livro, quadro → *-o*

aula, palestra, gravura → *-a*

pena, alicate, pele → *-e*

Os morfemas derivacionais são representados pelos afixos. Estes juntam-se a bases léxicas, ou morfemas lexicais, para a criação de novas palavras. Dividem-se em:

a) prefixos (morfemas derivacionais que se colocam antes do radical) – *inabalável*, *subaéreo*, *encapar*, *transamazônico*;

b) sufixos (morfemas derivacionais que se colocam depois do radical) – *menininho*, *normal(i)dade*, *construção*, *acidez*.

Por fim, os morfemas flexionais são aqueles representados pelas desinências. Estas indicam as categorias de tempo, de modo, de número e de pessoa para os verbos, e de gênero e de número para os nomes. As primeiras, desinências verbais, referem-se, como o próprio nome sugere, a verbos, acrescentando-lhes uma noção:

a) modo-temporal

cantava, cantávamos (pretérito imperfeito do indicativo)

cantarei, cantaremos (futuro do presente do indicativo)

b) número-pessoal

cantas, vendes, partes (segunda pessoa do singular)

cantamos, vendemos, partimos (primeira pessoa do plural)

Já as desinências nominais referem-se a nomes, acrescentando-lhes a noção gramatical de:

a) de gênero feminino (-a)

gata

menina

cantora

Observe que apenas o feminino possui uma desinência de gênero (-a). A desinência de gênero masculino, de acordo com Câmara Jr. (1992), é Ø, e o morfema final presente nas palavras *gato* e *menino*, por exemplo, é uma vogal temática.

b) de número: singular (-Ø) e plural (-s)

carro (-Ø) / carros

belo (-Ø) / belos

este (-Ø) / estes

ATIVIDADE**Atende ao Objetivo 2**

3. Explique sucintamente a diferença entre morfema classificatório, morfema derivacional e morfema flexional. Dê exemplos.

RESPOSTA COMENTADA

3. Os morfemas classificatórios são aqueles responsáveis pela caracterização das conjugações verbais e das classes nominais (vogais temáticas). Os derivacionais são responsáveis pela criação de palavras (afixos). E os flexionais são responsáveis por indicar as categorias de tempo, de modo, de número e de pessoa para os verbos, e de gênero e de número para os nomes (desinências).

TIPOS DE MORFEMAS: ADITIVOS, SUBTRATIVOS, ALTERNATIVOS E ZERO

Morfemas aditivos

Sob o ponto de vista do significante, os morfemas aditivos são segmentos fônicos que se acrescentam ao radical. São representados por afixos (formas presas, que, conforme a sua posição em relação à base, podem ser: prefixos ou sufixos), vogais temáticas (na formação de temas nominais e verbais) e as desinências (nominais e verbais). Veja os exemplos:

Infeliz, anormal, desfazer (prefixos)

Felizmente, realidade, beleza (sufixos)

Casa, leite, menino (vogais temáticas nominais)

Cantar, vender, partir (vogais temáticas verbais)

Bela, primeira, outra (desinências nominais de gênero)

Carros, cores, funis (desinências nominais de número)

Amará, morria, sorrisse (desinências modo-temporais)

Falavas, vendemos, pedissem (desinências número-pessoais)

Morfemas subtrativos

Os morfemas subtrativos representam a supressão de um segmento fônico. Em português, é comum a eliminação do fonema final do radical dos verbos *fazer*, *trazer* e *dizer*, na formação do futuro do presente e no futuro do pretérito, criando formas alomórficas. Além disso, essa supressão também ocorre em alguns nomes. Dá-se o nome de **HAPLOLOGIA** a esse fenômeno. Veja os exemplos:

HAPLOLOGIA

É uma mudança linguística que consiste na supressão de uma de duas sílabas iguais ou semelhantes no interior do vocábulo, como se pode perceber em *semínima* < *se(mi) mínima*, *tragicomédia* < *trági(co)comédia* e *bondoso* < *bond(ad)oso*.

farei < *fa(ze)rei*

trarás < *tra(ze)rás*

diríamos < *di(ze)ríamos*

semínima < *se(mi)mínima*

tragicomédia < *trági(co)comédia*

bondoso < *bond(ad)oso*



As formas supletivas dos verbos são tradicionalmente denominadas formas irregulares. Em uma de nossas próximas aulas, abordaremos os verbos irregulares. Se você quiser adiantar seus conhecimentos sobre isso, consulte a gramática.

Morfemas alternativos

Os morfemas alternativos ou suprafixos espelham a substituição de fonemas, resultantes de uma alternância fônica que, no português, é causada pela mudança de timbre (aberto/fechado) ou de altura (alta/média de 2º grau) ou da posição da sílaba tônica. Veja os exemplos:

corpo, com /ô/ – *corpos*, com /ó/ (mudança de timbre)

bebo /ê/ – *bebes*, *bebem* /é/ (mudança de timbre)

estive /i/ – *estive* /ê/ (mudança de altura)

dúvida (incerteza) – *duvida* (flexão de “duvidar”) (mudança da sílaba tônica)

1ª observação: a alternância de timbre da vogal tônica, em alguns nomes e pronomes, opõe o singular ao plural ou o masculino ao feminino:

ovo → *ovos*

esse → *essa*

2ª observação: em alguns verbos de segunda conjugação, há alternâncias de timbre no presente do indicativo:

morro, morremos, morreis → *mores, morre, morrem*

perco, perdemos, perdeis → *perdes, perde, perdem*

3ª observação: também pode haver alternância nos pronomes, a fim de distinguir o animado do neutro:

este → *isto*

todo → *tudo*

4ª observação: há alternância em alguns verbos, para distinguir flexões:

fez → *fiz*

pôs → *pus*

firo → *feres*

descubro → *descobre*

Morfema zero (-Ø)

O morfema zero constitui a ausência de morfema aditivo, criando com este uma oposição entre uma forma marcada (aquela a que se adicionou um morfema) e uma forma não marcada (aquela que apresenta o morfema Ø). Veja os exemplos:

*carros/carro*Ø → -s indica o plural, e sua ausência, caracterizada por Ø, o singular.

*vendes/vende*Ø → -s indica a segunda pessoa do singular, e a sua ausência e a ausência de outra desinência número-pessoal, caracterizada por Ø, a terceira pessoa do singular do presente do indicativo.

*amarial/ama*Ø → -ria indica o futuro do pretérito do indicativo, e a sua ausência e a ausência de outra desinência modo-temporal, caracterizada por Ø, a terceira pessoa do singular do presente do indicativo.

CONCLUSÃO

Como se trata de uma disciplina referente à morfologia, é de significativa relevância conhecer os tipos de morfemas e, sobretudo, saber discernir morfema lexical de morfema gramatical, para melhor compreender os mecanismos gramaticais e de formação de palavras da nossa língua, a língua portuguesa.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

Vamos agora realizar alguns exercícios para relembrarmos os conceitos aqui apresentados e as distinções estabelecidas.

1. Explique a diferença entre morfema lexical e morfema gramatical.

2. Explique a noção de morfema zero.

3. Dê, pelo menos, três exemplos em que são percebidos.

a) morfemas aditivos

b) morfemas subtrativos

c) morfemas alternativos

d) morfema zero

4. Observe os morfemas destacados e diga se é um morfema lexical ou um morfema gramatical. Quando gramatical, diga, também, se é um morfema classificatório, ou um morfema derivacional, ou um morfema flexional.

a) *subcapilar*

b) *janitá*

c) *estudar*

d) *aprofundável*

e) *falara*

f) *lápiz*

g) *estude*

h) *alfaiate*

RESPOSTAS COMENTADAS

1. Os morfemas lexicais contêm significação externa (a que se refere ao mundo real); são representados pelos radicais e pelas raízes das palavras. Já os morfemas gramaticais contêm significação interna (a que se insere no âmbito gramatical); são representados pelos morfemas classificatórios, derivacionais e flexionais.

2. O morfema zero constitui a ausência de morfema aditivo, criando com este uma oposição. Em *carro/carros*, por exemplo, percebe-se a oposição entre o singular (*carro*) e o plural (*carros*), no qual este é caracterizado por um morfema gramatical aditivo *-s*, e aquele, pela ausência de uma marca formal, \emptyset .

3. a) morfemas aditivos: *refazer* (prefixo), *deleitável* (sufixo), *encapsulando* (prefixo/sufixo), *costurar* (desinência verbal), *mares* (desinência nominal).

b) morfemas subtrativos: *traria* < *tra(ze)ria*, *caridoso* < *cari(da)doso*, *idolatria* < *ido(lo)latria*.

c) morfemas alternativos: *porco/porcos*, *morremos/morrem*, *avô/avó/avôs/avós*.

d) morfema zero: *copo*, *caneca*, *abacate* (a ausência de morfema no fim do vocábulo marca o singular), *amava* (a ausência de morfema no fim do vocábulo

marca seu número – singular – e sua pessoa – primeira ou terceira pessoa verbal, dependendo do contexto).

4. a) subcapilar: morfema gramatical derivacional (cria novas palavras: prefixo).

b) janitá: morfema lexical (todo ele é um radical, pois, como todas as palavras oxítonas, é aтемático).

c) estudar: morfema gramatical classificatório (vogal temática verbal de primeira conjugação).

d) aprofundável: morfema gramatical derivacional (cria novas palavras: sufixo).

e) falara: morfema gramatical flexional (determina o tempo – pretérito mais-que-perfeito – e o modo – indicativo – do verbo: desinência verbal).

f) lápis: morfema lexical (todo ele é um radical, pois, como em todas as palavras terminadas por consoante, é aтемático).

g) estude: morfema gramatical flexional (determina o tempo – presente – e o modo – imperativo – do verbo: desinência verbal).

h) alfaiate: morfema gramatical classificatório (vogal temática nominal).

RESUMO

Vimos nesta aula que os morfemas lexicais, ou lexemas (ou, ainda, semantemas, de acordo com a linguística francesa) servem de base a uma palavra, representam um conceito da natureza humana; e relacionam-se ao mundo extralinguístico. Possuem, pois, a significação básica do vocábulo.

Já os morfemas gramaticais são os morfemas responsáveis pelos papéis gramaticais da palavra. Podem ser classificatórios, derivacionais e flexionais. Os morfemas classificatórios são representados pelas vogais temáticas. Os derivacionais, pelos afixos. E os flexionais, pelas desinências.

Além disso, vimos outros tipos de morfemas: aditivos, subtrativos, alternativos e zero. Os morfemas aditivos são segmentos fônicos que se acrescentam ao radical. Os subtrativos representam a supressão de um segmento fônico, como o próprio nome sugere.

Os morfemas alternativos espelham a substituição de fonemas, resultantes de uma alternância fônica que, no português, é causada pela mudança de timbre ou de altura ou da posição da sílaba tônica.

E, por fim, o morfema zero constitui a ausência de morfema aditivo, criando com este uma oposição.

Flexões da língua portuguesa. O que é flexão nominal?

Beatriz dos Santos Feres

Ronaldo Amorim Lima

AULA

6

Metas da aula

Apresentar e discutir os mecanismos flexionais da língua portuguesa.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer os mecanismos flexionais da língua portuguesa;
2. distinguir as flexões nominais das flexões verbais;
3. analisar e explicar a flexão nominal de número.

INTRODUÇÃO

CRANÇAS TRAVESSAS
CORREDORES VELOZES
TRABALHOS FINAIS

TAL TAIS
MAL MALES

A CAL É BRANCA
O SAL É BRANCO

MOL MOLES
SOL SÓIS
GOL GOLS

ESTUDANTE FELIZ
UM ESTUDANTE FELIZ
UMA ESTUDANTE FELIZ
DEZ ESTUDANTES DÓCEIS, INTELIGENTES E SÉRIOS
DEZ ESTUDANTES DÓCEIS, INTELIGENTES E SÉRIAS

AVÔ AVÓ
TORTO TORTA TORTAS

A TRIBO GUARANI
O EMBLEMA DA ESCOLA

Leia a letra da música “Inútil”. Observe como a banda Ultraje a Rigor “brinca” com a flexão nominal e verbal a fim de provocar uma crítica. Veja como isso ocorre:

Inútil

(Ultraje a Rigor)

A gente não sabemos
Escolher presidente
A gente não sabemos
Tomar conta da gente
A gente não sabemos
Nem escovar os dente
Tem gringo pensando
Que nós é indigente...
Inútil!
A gente somos inútil!



A banda Ultraje a Rigor surgiu nos anos 1980 e teve um de seus sucessos, “A gente somos inútil”, relacionado à campanha Diretas Já, por causa de seu conteúdo crítico, demonstrado no verso “a gente não sabemos escolher presidente” (ver http://pt.wikipedia.org/wiki/Ultraje_a_Rigor), sendo citada em comícios e em um discurso de um dos maiores líderes da oposição, deputado Ulisses Guimarães, na Câmara Federal. Veja o clipe da época em: <http://www.youtube.com/watch?v=9aHoWTs6xE0>.

De acordo com a norma padrão da língua portuguesa, a expressão *a gente* concorda com o verbo da 3ª pessoa do singular: *sabe* (teríamos “a gente não sabe”). Na canção, porém, usa-se *sabemos*, da 1ª pessoa do plural, a partir de uma concordância ideológica, por causa da ideia de “mais de um”, contida em “a gente não sabemos”. Também em “nós é indigente”, o verbo, da 3ª pessoa do singular, não acompanha o sujeito, *nós*, da 1ª pessoa do plural (para concordar, teríamos: “nós somos indigentes”).

Essas são formas muito frequentes na oralidade de grande parte dos falantes de língua portuguesa, em situações comunicativas distensas, ou ainda entre falantes de baixa escolaridade, que não dominam a norma linguística tomada como de prestígio na sociedade.

A falta de concordância ocorre igualmente em “escovar os dente”, quando o artigo indica o plural do sintagma nominal *os dente*, sem a concordância com o substantivo, exigida pela norma padrão, em algumas circunstâncias de fala (“escovar os dentes”).

Os mecanismos de concordância funcionam em virtude de regras linguísticas que “combinam” e “ajustam” as palavras nas frases. São mecanismos morfossintáticos, ou seja, atuam no nível da sintaxe e no nível morfológico, pois, em geral, para que se proceda a esse ajuste, algumas alterações são operadas na forma das palavras, com o acréscimo de desinências à direita do radical, como em *os dentes*, ou como em *sabemos*. São mecanismos *flexionais* que, além da concordância nominal e verbal, atuam no “ajuste” de tempos, modos e aspectos verbais, assim como na expressão de grau, como veremos. A banda Ultraje a Rigor usou a ausência de concordância para representar não só um modo de falar próprio do povo brasileiro, mas, sobretudo, para expressar, por meio do emprego desse modo de falar relacionado ao povo, sua insatisfação em uma época de pouca abertura política.

Nesta aula, daremos início ao estudo das flexões da língua portuguesa e, mais especificamente, das flexões nominais.

OS MECANISMOS FLEXIONAIS

O que é flexão

De acordo com os estudos de Câmara Jr. (1981), a flexão é um processo da língua portuguesa que consiste na variação de um dado vocábulo para nele expressar determinadas categorias gramaticais. A flexão é, então, a aplicação de um morfema ao vocábulo, morfema este que pode ser aditivo, subtrativo, alternativo ou reduplicativo, ficando a variação fora do radical, no caso do morfema aditivo, ou dentro do radical, no caso dos outros tipos de morfemas flexionais.

O linguista afirma ainda que, no que se refere à língua portuguesa, “[...] o mecanismo gramatical da flexão se assenta *fundamentalmente no morfema aditivo* em seguida ao radical, ou seja, nos sufixos flexionais, ou desinências [...]” (CÂMARA JR., 1981, grifo nosso). Por exemplo, ao flexionarmos a palavra *menino* para o feminino plural, teremos a forma *menin* (radical) + *a* (desinência de gênero) + *s* (desinência de número).

Os vocábulos passíveis de receber esses sufixos flexionais ou desinências são chamados de variáveis ou flexionais e dividem-se em dois grupos: os nomes (em que se incluem os substantivos, adjetivos, alguns numerais e vários pronomes) e os verbos. Desse modo, podemos dizer que, na língua portuguesa, existem flexões ou desinências nominais e flexões ou desinências verbais.

O que é uma palavra *variável*?

São consideradas *variáveis* as palavras que admitem *flexão*. Na língua portuguesa, *substantivos*, *adjetivos*, *artigos*, *pronomes* e *verbos* são flexionados e, portanto, *variáveis*. *Preposições*, *conjunções* e *interjeições* não admitem flexão, então, são consideradas *invariáveis*.

A flexão se restringe à *palavra*, alterando-a, com o acréscimo de alguma categoria gramatical, como plural, ou tempo e modo verbal, mas não a transforma em outra palavra, com outro significado lexical. O que pode alterar o significado lexical é a *derivação*, e não a *flexão*.

As desinências nominais marcam o gênero (feminino ou masculino) ou o número (plural ou singular). As desinências verbais podem ser modo-temporais (determinantes do modo, tempo e aspecto) e número-pessoais (determinantes da pessoa – 1ª, 2ª ou 3ª – e do número – singular ou plural) (CÂMARA JR., 1981).

Consideramos, assim como tantos pesquisadores e autores, que a expressão de grau (aumentativo, diminutivo, comparativo e superlativo) é um caso de derivação, e não de flexão, ocorrendo não apenas em substantivos e adjetivos, mas também em advérbios e, mais raramente, em pronomes e numerais.

Como se processa a flexão

A flexão se dá por meio da junção de desinências (sufixos) à palavra a fim de acrescentar-lhe uma categoria gramatical (ou mais de uma).

É relevante destacar que a flexão é um processo que altera a palavra *gramaticalmente*, mas não *lexicalmente*. Isto é, a flexão, ao acrescentar uma desinência à palavra, não altera seu significado lexical (relacionado à referência que faz ao mundo), mas acrescenta significados gramaticais que ajustam a palavra à frase, como o de plural, ou de passado, como, por exemplo, na seguinte manchete:

Assassino de taxistas deixou carta antes de morrer: “tudo por drogas”

Criminoso era matador em série em São Paulo. A polícia ainda não tinha feito ligação entre as mortes. Até que o próprio bandido confessou tudo.

Fonte: <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2013/04/assassino-de-taxistas-deixou-carta-antes-de-morrer-tudo-por-drogas.html>. Acesso em: 29 abr. 2013.

Aqui, *taxistas*, *drogas* e *mortes* apresentam plural em *-s* e *deixou* e *confessou* têm a desinência *-u* para marcar a 3ª pessoa do singular de formas verbais do pretérito perfeito do indicativo.

Como já dissemos na Introdução, as duas principais classes gramaticais da língua portuguesa – os *nomes* e os *verbos* – apresentam o mecanismo de flexão: a flexão nominal (ou flexão dos nomes) e a flexão verbal (flexão dos verbos).

Com relação aos fenômenos da flexão nominal e da flexão verbal, Câmara Jr. (1992, p. 78) afirma que:

[...] a oposição de forma separa nitidamente, em português (como já sucedia em latim), o nome e o verbo. Aquele [o nome] se pode objetivar por meio de uma partícula, ou forma dependente, que é o “artigo”, e é passível de um plural em /S/ (além da distinção de gênero). Este [o verbo] apresenta as noções gramaticais, e morfemas gramaticais correspondentes, de tempo e de modo, referentes a si mesmos, e de pessoa referente ao seu sujeito, ou ser a que ele é associado como ponto de partida do processo que designa. Enquanto /S/ no nome *cantos* significa plural, o morfema homônimo /S/ em *cantas* indica 2ª pessoa do singular.

Tendo em vista que uma forma é sempre a manifestação de um significado, a oposição formal existente entre nomes e verbos, apontada por Câmara Jr., encontra-se necessariamente associada às noções gramaticais representadas por essas duas classes de palavras, ou classes gramaticais.

Comparemos os dois morfemas finais das palavras (as) *salas* e (tu) *falas*. Observe que ambos possuem a mesma forma *s*, deixando, à primeira vista, a impressão de que são idênticos em todos os pontos. Entretanto, se nos detivermos numa análise mais apurada, constataremos que o primeiro *-s* é a representação do morfema flexional de plural dos nomes e o segundo é o morfema flexional da segunda pessoa do singular dos verbos.

Para deixar essa comparação mais clara, aproveitamos os estudos realizados por Menezes (2008, p. 49), que afirma que, no nome *sala*, o morfe *-s* encontra-se associado ao valor de número plural (ou seja, mais de uma unidade), ao passo que, na forma verbal *falas*, o morfe *-s* expressa, ao mesmo tempo, o valor de pessoa e de número (segunda pessoa do singular). Portanto, sendo essas duas noções tão diferenciadas, justificam-se os estudos das flexões nominal e verbal serem feitos separadamente.

A FLEXÃO NOMINAL

A flexão nominal atinge *substantivos*, *adjetivos*, *artigos*, vários *pronomes* e alguns *numerais* e se refere às categorias de *gênero* (masculino/feminino) e de *número* (singular/plural). Já a flexão verbal atinge *verbos* e indica as categorias de *tempo*, *modo*, *aspecto*, *número* e *pessoa*.

O que é *nome*?

O termo *nome* pode remeter mais diretamente à classe dos *substantivos*, que, numa abordagem semântica, são definidos como “palavras que dão nomes aos seres”. Segundo Azeredo (2000):

O nome era identificado graças às categorias de gênero, número e caso, partilhadas por substantivos e adjetivos nas línguas clássicas – o grego e o latim. A distinção, estabelecida no século XIV pelos gramáticos modistas, deixa ver sua origem sintática na própria etimologia daqueles termos.

Há, porém, palavras que funcionam igualmente como substantivos ou como adjetivos, dependendo de seu “comportamento sintático”, conforme explica Câmara Jr. (1992): “O velho atravessou a rua./Aquele homem está velho demais para enfrentar esse tempo frio”. Mas também há substantivos que, mesmo funcionando como modificadores, continuam substantivos, como em “palavras-chave”.

Ainda segundo Câmara Jr. (*op. cit.*), os vocábulos formais da língua portuguesa devem ser classificados a partir de um “critério composto”, isto é, a partir de três critérios “combinados”: o semântico, o formal e o funcional. Assim, *semanticamente*, os nomes representam “coisas” ou “seres” (considerando-se ser como algo que tenha existência material ou não), os verbos indicam “processos” ou “estados”, e os pronomes limitam-se a “mostrar o ser no espaço”, sem “sugerir as propriedades vistas como intrínsecas aos seres”.

Morfologicamente, nomes diferem de verbos por seus mecanismos flexionais: os nomes são flexionados em gênero e número, enquanto os verbos, em número, pessoa, tempo, modo e aspecto.

Funcionalmente, os nomes e pronomes podem ter *função substantiva* (como centros de expressão), ou *adjetiva* (como modificadores).

O advérbio seria um nome, ou pronome, que modifica um verbo (e não um substantivo, como faz o adjetivo): “Ele se exercita *exaustivamente*./ Ele se exercita *aqui*”.

Os numerais são nomes?

Segundo Azeredo (2000), os numerais também podem ser considerados uma espécie de *nome*.

No *Dicionário de filologia e gramática*, Câmara Jr. define os numerais como uma espécie de *nome*, porque, lexicalmente, os *numerais* designam uma quantidade definida e podem, como os *nomes*, atuar como termos adjuntos, ou como núcleos do sintagma nominal. Alguns variam em gênero (trezentos/trezentas). A alguns se podem aplicar sufixos formadores de outras palavras, como em *quinzenal/quinzenal*, como nos *nomes*. Azeredo (*op. cit.*) ainda explica que os *adjetivos numerais* precedem os substantivos (duas páginas) e os *substantivos numerais* “nomeiam” os *números* (dez, quarenta e três), denotam frações (terço), múltiplos (triplo) e coletivos (década), sendo usados como aposto com valor ordinal (capítulo três).

**ATIVIDADE****Atende ao Objetivo 2**

2. Na frase “A menina passeava alegremente com seu cachorro branco”, considerando as classes de palavras, temos a seguinte sequência:

artigo + substantivo	+	verbo	+	advérbio	+	preposição	+	pronome	+	substantivo	+	adjetivo
A		menina		passeava		alegremente		com		seu		cachorro branco

No quadro a seguir, ajuste as palavras da frase a fim de que acompanhem os substantivos no plural. Depois, apresente os elementos que podem sofrer *flexão de número* e os que não podem.

artigo + substantivo	+	verbo	+	advérbio	+	preposição	+	pronome	+	substantivo	+	adjetivo
A		menina		passeava		alegremente		com		seu		cachorro branco
		meninas										cachorros

RESPOSTA COMENTADA

2. • As meninas passeavam alegremente com seus cachorros brancos.
 • Todas as palavras podem ser flexionadas em número, exceto alegremente e com, que pertencem, respectivamente, à classe dos advérbios e à classe das preposições.

FLEXÃO DE NÚMERO

A ideia de número nos nomes

Na língua portuguesa, diferentemente do que ocorre em algumas línguas, a noção gramatical de número compreende dois valores, os quais, tendo em vista os estudos de Câmara Jr., ocupam posições opostas, quais sejam, o *singular* – que consiste na ideia de uma unidade ou um conjunto de unidades que forma um todo – e o *plural* – que traduz a ideia de mais de uma unidade ou mais de um conjunto de unidades.

Exemplos:

A

peixe (singular – uma unidade)

≠

peixes (plural – mais de uma unidade)

B

cardume (singular – conjunto de mais de uma unidade)

≠

cardumes (plural – mais de um conjunto de unidades)

Há que se ressaltar que, em termos gramaticais, a noção de número *não* é equivalente à ideia de agrupamento, de conjunto, de reunião, de coleção etc. Essa ideia se manifesta por meio de nomes substantivos denominados *coletivos* (por exemplo: *matilha* – grupo de cães, *cardume* – grupo de peixes, *biblioteca* – coleção de livros, *banca* – reunião de professores, *orquestra* – conjunto de músicos etc.).

Pode-se dizer que a oposição singular/plural ocorre em praticamente todos os nomes da língua portuguesa. Em alguns deles, embora o número não seja marcado morfológicamente, ele se apresentará externamente por meio da flexão de um termo **DETERMINANTE** (Por exemplo: pires branco/pires brancos, tênis colorido/tênis coloridos, a xérox/as xérox, fórceps/os fórceps etc.).

DETERMINANTE

Nas aulas de Linguística, você deve ter aprendido o significado de *determinado* e *determinante*. Vamos relembra-los em rápidas palavras: *determinante* é o termo que tem por função especificar o sentido de outro termo; *determinado* é o termo cujo sentido é especificado pelo determinante. Por exemplo, na frase “A árvore frondosa estava repleta de folhas coloridas”, as palavras “A” (artigo definido) e “frondosa” (adjetivo) caracterizam a palavra “árvore”, dando-lhe um sentido determinado, específico. Trata-se de certa árvore frondosa que já se conhece, não de uma árvore qualquer, pequena, ou seca, ou feia etc. Assim, dizemos que “frondosa” (nesse contexto) atua como determinante de “árvore”. O mesmo ocorre com “coloridas”, cuja função ali é determinar o sentido de “folhas”.

A expressão de número nos nomes

Regra geral

A expressão de número *plural* nos nomes da língua portuguesa se dá por meio do acréscimo do morfe /S/ após vogais e ditongos (na escrita, *-s*), ou de seu alomorfe /iS/ (na escrita, *-is*, ou *-es*), quando aposto a consoantes. Essa forma se opõe à do singular por esta se expressar morfe \emptyset , ou seja, por não apresentar marca alguma.

Veja que a expressão de plural nos nomes no fragmento do poema “Como abater uma nuvem a tiros”, de Leminski, ajuda a sugerir a ideia de repetição de cenas. O morfe *-s* aparece nos nomes terminados em vogal (chamas, paredes, danceterias, poemas) e o alomorfe *-es*, após consoante (bares), ou em *tradicional*, em que ocorre a substituição de *-l* por *-is* (sinais).

Como abater uma nuvem a tiros

(Paulo Leminski)

sirenes, bares em chamas,

...

...

a coisa escrita em sangue
nas paredes das danceterias

...

...

e o vermelho sempre verde dos sinais

Fonte: <http://pauloleminskipoemas.blogspot.com.br/2008/09como-abater-uma-nuvem-tiros-paulo.html>. Acesso em: 30 abr. 2013.

É interessante notar que, assim como a terminação *-al*, as terminações *-el*, *-il*, *-ol* e *-ul* têm comportamento semelhante quando flexionadas no plural (anéis, funis, anzóis, azuis). A terminação *-il*, entretanto, quando não faz parte da sílaba tônica, torna-se, no plural, *-eis* (fósseis, úteis, projéteis etc.).

Existem ainda alguns poucos casos de palavras terminadas em *-l* que se flexionam apenas pelo acréscimo do alomorfe *-es*. Como exemplo, destacamos as palavras *males* e *cônsules*.



Consulte a *Moderna gramática* portuguesa (BECHARA, 2009, p. 121-122), na qual você encontrará uma explicação, pela diacronia, sobre a formação do plural dos nomes terminados em *-al*, *-el*, *-il*, *-ol* e *-ul*.

Plural dos nomes terminados em *-ão*

Os nomes terminados em *-ão* consistem em um problema à parte no que se refere às flexões nominais. Menezes (2008, p. 60) ressalta a impossibilidade de se determinar, por meio da morfologia sincrônica, o alomorfe (*-s* ou *-es*) a ser utilizado, tendo em vista que, no singular, as terminações são idênticas (*-ão*).

No momento, para não entrarmos numa análise diacrônica, devemos ter em conta que os nomes terminados em *-ão* formam o plural de três formas: *-ãos*, *-ães* e *-ões*. Considera-se que aqueles que formam o plural em *-ãos* estão perfeitamente incluídos na regra geral, ou seja, recebem apenas o acréscimo do morfe *-s*. Os que apresentam as terminações *-ães* ou *-ões* também podem ser incluídos na regra geral, tendo em vista que eles passam pela redução do ditongo *-ão* para *-ã* ou para *-õ*, recebendo em seguida o acréscimo do alomorfe *-es*.

Veja o esquema:

mão → mão- + -s = mãos

pão → pã- + -es = pães

limão → limõ- + -es = limões

Metafonia

Existem, na língua portuguesa, muitas palavras que, ao se flexionarem para o plural, mudam o timbre da vogal tônica, ou seja, alguns substantivos e adjetivos, além de receberem a desinência de número -s, mudam a vogal tônica fechada (ô) pela tônica aberta (ó). Esse fenômeno é a metafonia. Como exemplos, podemos citar os pares: *olho/olhos*; *posto/postos*; *caroço/carçoos*; *novos/novos*; *gostoso/gostosos* etc.

Deve-se ter em conta, entretanto, que esse tipo de fenômeno também ocorre na flexão de gênero: *novos/novas*; *gostoso/gostosa*; *brilhosos/brilhosa* etc.

Isso significa que a metafonia é um fenômeno comum nas flexões de algumas palavras da nossa língua.



Para descobrir um pouco, assista ao vídeo “Assalto à língua portuguesa” em: <http://www.youtube.com/watch?v=EDmBUTVh-nw>. Trata-se de um quadro humorístico em que os personagens, durante a interação, praticam várias transgressões à norma culta da língua portuguesa e apresentam suas soluções.

ATIVIDADE**Atende ao Objetivo 3**

3. Leia a manchete a seguir para avaliar se as afirmações são verdadeiras ou falsas.

Quadrilha levou terror a outros consultórios

Foram pelo menos 6 dentistas assaltados.

Fonte: <http://g1.globo.com/>. Acesso em: 29 abr. 2013.

- a) Considera-se que o substantivo “quadrilha” está no plural porque traz a ideia de um grupo de bandidos. () falsa () verdadeira
- b) A ideia de plural é expressa nos nomes “outros” e “consultórios” pela desinência -s. () falsa () verdadeira
- c) “Consultórios” é um termo determinante e, por isso, aplica o gênero masculino a “outros”. () falsa () verdadeira

RESPOSTA COMENTADA

3. a) Falsa. A ideia de plural corresponde à de quantidade (“mais de um”). A ideia de agrupamento pode ser dada por um nome coletivo, como “quadrilha”, que, embora se refira a um grupo de bandidos, é uma palavra que se encontra no singular.

b) Verdadeira. Em ambos os casos, a ideia de “mais de um” é expressa pelo morfe -s.

c) Falsa. “Consultórios” é o termo central do sintagma, determinado por “outros”, seu periférico.

CONCLUSÃO

Com a flexão, são realizados, no nível da frase, ajustes combinatórios entre as palavras. Esses ajustes são perceptíveis justamente porque há alterações na forma das palavras, em geral, em suas terminações.

Nos nomes, essas alterações indicam as categorias de gênero (feminino ou masculino) e de número (singular e plural). Já nos verbos, as alterações indicam as categorias de tempo, modo, aspecto, número e pessoa.

Basicamente, a flexão de número é marcada pelo acréscimo do morfe -s e pelos alomorfes -es e, em casos mais restritos, -is ao nome singular.

Com o mecanismo da flexão, é possível perceber a relação entre as palavras e o grupo sintagmático que formam. A observação das regras de flexão nominal e verbal é uma exigência da norma linguística considerada padrão.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2 e 3

Leia o texto e faça, em seguida, os exercícios propostos.

O padeiro

Levanto cedo, faço minhas abluções, ponho a chaleira no fogo para fazer café e abro a porta do apartamento – mas não encontro o pão costumeiro. No mesmo instante me lembro de ter lido alguma coisa nos jornais da véspera sobre a “greve do pão dormido”. De resto não é bem uma greve, é um *lock-out*, greve dos patrões, que suspenderam o trabalho noturno; acham que obrigando o povo a tomar seu café da manhã com pão dormido conseguirão não sei bem o que do governo.

Está bem. Tomo o meu café com pão dormido, que não é tão ruim assim. E enquanto tomo café vou me lembrando de um homem modesto que conheci antigamente. Quando vinha deixar o pão à porta do apartamento ele apertava a campainha, mas, para não incomodar os moradores, avisava gritando:

– Não é ninguém, é o padeiro! Interroguei-o uma vez: como tivera a idéia de gritar aquilo? “Então você não é ninguém?”

Ele abriu um sorriso largo. Explicou que aprendera aquilo de ouvido. Muitas vezes lhe acontecera bater a campainha de uma casa e ser atendido por uma empregada ou outra pessoa qualquer, e ouvir uma voz que vinha lá de dentro perguntando quem era; e ouvir a pessoa que o atendera dizer para dentro: “não é ninguém, não senhora, é o padeiro”. Assim ficara sabendo que não era ninguém...

Ele me contou isso sem mágoa nenhuma, e se despediu ainda sorrindo. Eu não quis detê-lo para explicar que estava falando com um colega, ainda que menos importante. Naquele tempo eu também, como os padeiros, fazia o trabalho noturno. Era pela madrugada que deixava a redação de jornal, quase sempre depois de uma passagem pela oficina – e muitas vezes saía já levando na mão um dos primeiros exemplares rodados, o jornal ainda quentinho da máquina, como pão saído do forno.

Ah, eu era rapaz, eu era rapaz naquele tempo! E às vezes me julgava importante porque no jornal que levava para casa, além de reportagens ou notas que eu escrevera sem assinar, ia uma crônica ou artigo com o meu

nome. O jornal e o pão estariam bem cedinho na porta de cada lar; e dentro do meu coração eu recebi a lição de humildade daquele homem entre todos útil e entre todos alegre; “não é ninguém, é o padeiro!”

E assobiava pelas escadas.

BRAGA, Rubem. *O padeiro*. In: ANDRADE, Carlos Drummond de; SABINO, Fernando; CAMPOS, Paulo Mendes; BRAGA, Rubem. *Para gostar de ler*. Vol. I – Crônicas. Carlos Drummond de Andrade, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos e Rubem Braga. 12. ed. São Paulo: Editora Ática, 1989, p.63-64.)

1. Relacione as palavras da coluna da direita de acordo com o tipo de flexão apresentada na coluna da esquerda.

- | | |
|---|-----------------|
| (a) flexão nominal de gênero apenas | () notas |
| (b) flexão nominal de número apenas | () suspenderam |
| (c) flexão nominal de gênero e de número | () antigamente |
| (d) flexão verbal de modo/tempo e número/pessoa | () jornal |
| (e) não há flexão | () povo |
| | () moradores |
| | () conseguirão |
| | () quentinho |
| | () diplomas |

2. Explique a formação do plural das seguintes palavras:

a) escadas

b) moradores

c) jornais

3. A palavra *forno*, além de receber o morfe *-s* quando flexionada no plural, sofre o fenômeno da metafonía. Explique esse fenômeno.

4. Como se explica a formação do plural da palavra *lição* em *lições*.

RESPOSTAS COMENTADAS

1. a) não há palavras flexionadas apenas em gênero; b) notas, moradores e diplomas estão flexionadas apenas em número; c) "não há palavras flexionadas" em gênero e número; d) suspenderam e conseguirão são formas verbais e estão flexionadas em modo/tempo e número/pessoa; e) não há flexão em antigamente, jornal, povo e quentinho.

2. a) escadas – a flexão de número se dá pelo acréscimo do morfe *-s* à palavra escada.
b) moradores – a flexão de número se dá pelo acréscimo do alomorfe *-es* à palavra morador.
c) jornais – a flexão de número se dá pela supressão do *-l* e "acrécimo do alomorfe" *-is* à palavra jornal.

3. A metafonía é um processo que sofrem algumas palavras que, ao serem flexionadas, têm sua vogal tônica mudada de fechada para aberta. No caso em questão há a mudança de *ô* para *ó*.

4. O plural de *lições* é explicado pela redução da terminação *-ao* para *-ô* e em seguida o acréscimo do alomorfe *-es*.

RESUMO

Na língua portuguesa, algumas classes gramaticais são passíveis de flexões. Daí, dizemos que temos, na nossa língua, flexões nominais e verbais. As flexões verbais, como o próprio nome diz, ocorrem nos verbos e podem ser de modo e tempo (modo-temporal) e número e pessoa (flexão número-pessoal). Já as flexões nominais, relativas aos nomes, podem ser de gênero e de número e ocorrem em substantivos, adjetivos, artigos, vários pronomes e alguns numerais. É preciso ressaltar que quase a totalidade dos substantivos e adjetivos é passível de receber a flexão de número. A flexão de gênero é característica de adjetivos e de grande parte dos substantivos que nomeiam seres animais. A flexão de número se dá pelo acréscimo do morfe *-se* ou dos seus alomorfes *-es* e, em casos especiais, *-is*.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, daremos continuidade ao estudo das flexões nominais, enfocando a flexão de gênero. Até lá!

Flexões da língua portuguesa. A flexão nominal de gênero.

Cláudia Franco

Ronaldo Amorim Lima

AULA

7

Meta da aula

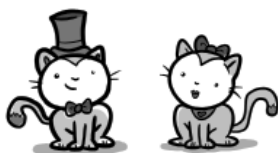
Apresentar e discutir a formação do gênero e suas peculiaridades.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. distinguir a flexão nominal de gênero;
2. reconhecer os mecanismos de formação do gênero dos nomes;
3. analisar os diferentes tipos de gênero tradicionalmente apresentados nos livros escolares.

INTRODUÇÃO



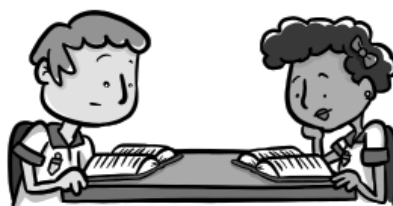
gato gata



cantor cantora



touro vaca



estudante estudante



criança criança

Na língua portuguesa, a distinção de gênero dos substantivos (masculino ou feminino) é um importante e complexo fato gramatical. No processo de ensino-aprendizagem e nos livros didáticos, via de regra, esse assunto é tratado de forma superficial e equivocada. Muitas vezes, o estudante é levado a confundir gênero com sexo, deixando de perceber que sexo é um atributo exclusivo dos animais, enquanto gênero é atributo de todos os nomes. Nesta aula, trataremos da flexão nominal de gênero dos nomes (substantivos e adjetivos). Devemos ter em conta que os artigos, alguns pronomes e alguns numerais também podem ser flexionados em gênero. Como essas três classes apresentam quantidade de elementos muito reduzida em relação à classe dos substantivos e adjetivos, falaremos sobre o assunto na Aula 17.

Na crônica “Sexa”, Luís Fernando Veríssimo brinca com a noção de gênero das palavras na língua portuguesa. No diálogo entre pai e filho, mostra-se a dificuldade de diferenciar a noção de gênero feminino de uma correspondência com o sexo feminino. Veja um trecho:

- [...] – E como é o feminino de sexo?
- Não tem feminino. Sexo é sempre masculino.
- Mas tu mesmo disse que tem sexo masculino e feminino.
- O sexo pode ser masculino ou feminino. A palavra “sexo” é masculina. O sexo masculino, o sexo feminino.
- Não devia ser “a sexa”?
- Não.
- Por que não?
- Porque não! Desculpa. Porque não. “Sexo” é sempre masculino.
- O sexo da mulher é masculino?
- É. Não! O sexo da mulher é feminino.
- E como é o feminino?
- Sexo mesmo. Igual ao do homem.
- O sexo da mulher é igual ao do homem?
- É. Quer dizer... Olha aqui. Tem o sexo masculino e o sexo feminino, certo?
- Certo.
- São duas coisas diferentes.
- Então como é o feminino de sexo?
- É igual ao masculino.
- Mas não são diferentes?
- Não. Ou, são! Mas a palavra é a mesma. Muda o sexo, mas não muda a palavra.
- Mas então não muda o sexo. É sempre masculino.
- A palavra é masculina.
- Não. “A palavra” é feminino. Se fosse masculina seria “o pal...”
- Chega! Vai brincar, vai. [...]

Fonte: VERÍSSIMO, L. F. http://www.passeiweb.com/na_ponta_lingua/livros/resumos_comentarios/c/comedias_para_se_ler_na_escola. Acesso em: 12 ago. 2013.



Ouçá o texto completo, lido por um ator, em <http://www.youtube.com/watch?v=YyGstDNuP-0&noredirect=1>.

O GÊNERO

Relembrando a explicação da nossa aula anterior, a flexão é um processo da língua portuguesa que consiste na variação de um dado vocábulo para nele expressar determinadas categorias gramaticais, consistindo fundamentalmente na aplicação de um morfema aditivo em seguida ao vocábulo (CÂMARA JR., 1981).

Devemos destacar também que *todos* os nomes da língua portuguesa possuem um gênero; *poucos*, entretanto, são passíveis de receberem flexão de gênero.

A flexão nominal de gênero, dentre os estudiosos do assunto, é um daqueles temas que provocam intensas discussões. Mattoso Câmara chega a chamar de “inteiramente descabidas e perturbadoras” as divisões das gramáticas sobre “[...] o que chamam inadequadamente ‘flexão de gênero’ na exata descrição gramatical”.

Os professores pesquisadores Evanildo Bechara (2009, 131-140) e José Carlos Azeredo (2010, 110-112), por exemplo, afirmam que o morfe que marca o gênero feminino (-a) insere-se no rol dos **SUFIXOS DERIVACIONAIS**, o que significa que, no par *menino – menina*, ocorre um processo de derivação, isto é, trata-se de duas palavras com significados distintos, sendo a segunda formada por derivação da primeira, e não uma flexão dela. Assim, pode-se dizer que a oposição masculino – feminino também serve para distinguir traços semânticos além de sexo, como em *jarro-jarra*, *barco-barca*; o masculino é forma geral não marcada, enquanto o feminino, forma marcada, indica uma especialização.

Não acreditamos que este seja o momento apropriado para entrarmos nessa discussão. Desse modo, trataremos a questão da formação de feminino dos substantivos como um caso de flexão. Nada impede, entretanto, que você queira aprofundar seus conhecimentos sobre o assunto e busque maiores informações nas obras dos autores citados anteriormente: Bechara (2009) e Azeredo (2010). Ressalte-se, porém, que partiremos do princípio de que o fenômeno da flexão de gênero, na língua portuguesa, se desenvolve pelo acréscimo da desinência de gênero -a a uma forma masculina.

Devemos ressaltar ainda que, para que tenhamos um ponto de apoio para nossos estudos, vamos estabelecer, desde já, que não consideramos a terminação -o de muitos substantivos como desinência de

SUFIXOS DERIVACIONAIS

Afixos que se apõem à direita de um radical para formar uma nova palavra. Por exemplo: útil + idade = utilidade; fácil + mente = facilmente; cas(a) + inha = casinha.

gênero, mas sim como vogal temática. Em grande parte dos casos, ela estará presente em substantivos de gênero masculino, mas não necessariamente. Aliás, não é a terminação do substantivo o elemento que determina seu gênero. Veja estes exemplos com pares de substantivos de mesma terminação, mas de gêneros diferentes:

- o trema / a algema
- o estribo / a tribo
- o gramal / a grama
- o estudante / a estudante
- o pão / a mão
- o mingau / a nau
- o odor / a dor
- o sal / a cal
- o dia / a pia

Viram? Nesses exemplos, temos pares com terminações idênticas, mas a primeira é de gênero masculino e a segunda, de gênero feminino. É possível constatar que só se pode reconhecer o gênero de cada uma por meio do elemento que está fora delas, ou seja, nesse caso, por meio do artigo definido (o/a)

Há palavras femininas que se referem a seres do sexo feminino (*menina*), assim como há palavras masculinas que se referem a seres do sexo masculino (*menino*), mas, embora pareçam muitas, isso acontece na menor parte desse tipo de palavras. Em geral, pode-se considerar uma palavra feminina ou masculina simplesmente por convenção: *o mar, a grama, o grama, a pedra, o estalactite*. Não há, no sentido delas, nada que as vincule ao sexo masculino ou feminino. Assim, diz-se que essas palavras possuem **gênero inerente**.

O que é gênero inerente?

Em relação aos **substantivos**, na maior parte dos casos, o gênero é **inerente**, pois a ideia de masculino ou de feminino é dada por pura convenção.

O recurso mais produtivo para identificar o gênero de um substantivo é o emprego de um artigo como determinante. Por exemplo, em *o poema*, ou em *a parede*, só se sabe o gênero do substantivo pelo artigo que o determina.

Já no caso dos **adjetivos**, a flexão de gênero permite seu maior ajuste em relação ao substantivo a que se refere: *lindo poema; grama crescida*.

Então, como você acabou de ler, sabemos que o gênero de um substantivo só pode seguramente ser constatado por meio de um determinante. Quando o substantivo, por outro lado, traz em si a marca flexional de gênero (-a), como em *menina*, *professora*, *aluna* etc., dizemos que se trata de uma marca redundante, isto é, repetitiva.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. Marque V para verdadeiro e F para falso para as assertivas abaixo:

- a) () Uma das características da língua portuguesa é a existência de três gêneros para os substantivos.
- b) () Todos os substantivos da língua portuguesa podem ser flexionados em gênero.
- c) () É possível reconhecer o gênero de um substantivo pela sua terminação.
- d) () Todos os substantivos da língua portuguesa têm um gênero.
- e) () As palavras *emblema* e *tribo* são, de modo equivocado, distribuídas no gênero masculino e no feminino, respectivamente, tendo em vista que, pelas suas terminações, são, na verdade, de gênero feminino e masculino.
- f) () Não se deve confundir gênero gramatical com sexo, tendo em vista que nem sempre essas duas características são coincidentes em um dado substantivo.

RESPOSTA COMENTADA

- 1. a) (F) – Na língua portuguesa só existem dois gêneros para os substantivos.
- b) (F) – Apenas um pequeno grupo de substantivos, que nomeiam seres animais, são flexionados em gênero.
- c) (F) – Nem sempre o gênero está marcado na terminação do substantivo.
- d) (V) – Embora poucas vezes marcados, todos os substantivos estão enquadrados em um gênero.
- e) (F) – Não é a terminação que indica o gênero dos substantivos.
- f) (V) – Gênero é uma classificação gramatical, enquanto sexo é uma característica biológica.

A FLEXÃO DE GÊNERO

A regra geral

Relembrando as palavras de Câmara Jr. (1981), expostas anteriormente, “[...] o mecanismo gramatical da flexão se assenta fundamentalmente no morfema aditivo em seguida ao radical, ou seja, nos sufixos flexionais, ou desinências [...]”. Já sabemos também que o morfema flexional de gênero da língua portuguesa é o *-a*. Esse fenômeno ocorre de modo bem simples. Diz-se, então, de acordo com Câmara Jr., que a forma feminina é uma forma marcada, em oposição à masculina, não marcada.

Veja os dois pares de exemplos:

PALAVRA	RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA DE GÊNERO
SAPO	SAP	O	Ø
SAPA	SAP	Ø	A

PALAVRA	RADICAL	VOGAL TEMÁTICA	DESINÊNCIA DE GÊNERO
PERU	PERU	Ø	Ø
PERU	PERU	Ø	A



Quando Câmara Jr. (1981) fala que a flexão de gênero ocorre “fundamentalmente no morfema aditivo”, é porque existem dois casos muito especiais em que isso ocorre de modo diferente: a flexão de gênero por meio de morfema subtrativo (*réu* → *ré*) ou de morfema alternativo (*avô* → *avó*).

Casos especiais

Os nomes que têm em sua terminação o sufixo derivacional *-eu* sofrem alteração nesse sufixo: a semivogal *u /w/* é suprimida e, em seu lugar, posiciona-se o morfema flexional de gênero, a vogal *e /e/* alterna para *é /ɛ/* e se torna um ditongo */ɛy/*. Veja: *europa(u)* → *européa* → *européia*.

Os nomes masculinos terminados em *-ão*, ao se flexionarem em gênero, podem passar por um dos seguintes processos:

a) adição da desinência de gênero feminino *-a*, com duas possibilidades de alteração:

- Redução da terminação *-ão* a uma vogal nasal */õ/* (on), seguida de desenvolvimento de uma consoante nasal. Exemplo: *grandão* → *grandõ* (*grandon*) → *grandona*.
- Redução da terminação *-ão* a uma vogal oral */o/*. Exemplo: *leão* → *leo* → *leoa*.

b) redução do ditongo nasal *-ão* */awm/* a uma vogal nasal */ã/* (an). Exemplo: *irmão* → *irmã*.



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 2

2. Tendo em vista a regra geral da flexão de gênero da língua portuguesa, numere a coluna da esquerda de acordo com a coluna da direita.

- | | |
|----------------------------|--|
| () cidadão / cidadã | (1) adição da desinência de gênero <i>-a</i> |
| () leitão / leitoa | (2) adição da desinência de gênero <i>-a</i> , com a eliminação da vogal temática |
| () amigo / amiga | (3) adição da desinência de gênero <i>-a</i> , com a redução da terminação <i>-ão</i> a uma vogal nasal, seguida do desenvolvimento de uma consoante nasal |
| () irmão / irmã | (4) adição da desinência de gênero <i>-a</i> , com a redução da terminação <i>-ão</i> a uma vogal oral |
| () plebeu / plebeia | (5) redução do ditongo nasal a uma vogal nasal |
| () bode / cabra | (6) alteração no sufixo derivacional e adição da desinência de gênero |
| () príncipe / princesa | (7) a regra geral não se aplica a esse caso |
| () professor / professora | |
| () diretor / diretora | |
| () aluno / aluna | |
| () valentão / valentona | |

RESPOSTA COMENTADA

2. (5) São casos de redução do ditongo nasal a uma vogal nasal os pares: cidadão/cidadã e irmão/irmã.

(4) É caso de adição da desinência de gênero -a, com a redução da terminação -ão a uma vogal oral, o par: leitão/leitoa.

(2) São casos de adição da desinência de gênero -a, com a eliminação da vogal temática, os pares: amigo/amiga e aluno/aluna.

(6) É caso alteração no sufixo derivacional, com adição da desinência de gênero, o par: plebeu/plebeia.

(7) Não se aplica a regra geral aos pares: bode/cabra e príncipe/princesa.

(1) São casos de adição da desinência de gênero -a, os pares: professor/professora e diretor/diretor.

(3) É caso de adição da desinência de gênero -a, com a redução da terminação -ão a uma vogal nasal, seguida do desenvolvimento de uma consoante nasal, o par: valentão/valentona.

A FLEXÃO DE GÊNERO NAS GRAMÁTICAS TRADICIONAIS E NOS LIVROS DIDÁTICOS

Um dos pontos de maior controvérsia na discussão gramatical é a questão da flexão de gênero. Câmara Jr. (1992), com muita ênfase, afirmava que “as divisões das nossas gramáticas a respeito do que chamam inadequadamente ‘flexão de gênero’ são inteiramente descabidas e perturbadoras na exata descrição gramatical”.

Isso se deve principalmente à relação que a tradição insiste em manter entre gênero e sexo. Devemos estabelecer que gênero é uma classificação linguística, enquanto sexo é uma classificação biológica dos seres. Palavras como *águia*, *lebre* e *cobra*, por exemplo, são sempre do gênero feminino, independentemente do sexo do animal a que eles se referem. Já palavras como *jacaré* e *mosquito* são sempre do gênero masculino, seja o animal macho ou fêmea.

A subdivisão de *flexão de gênero* representada pelos chamados *epícenos*, entre os quais é comum serem utilizadas as expressões *macho* e *fêmea* para indicar a *flexão de gênero* dos substantivos que se referem a animais, é completamente injustificável, primeiramente, porque não se trata de flexão, pois se dá por meio de mecanismo sintático, ou seja,

fora dos limites da palavra, e, segundo, por se tratar apenas da indicação do sexo do animal.

Na verdade, morfológicamente, esses substantivos, por si só, poderiam ser classificados como uma espécie de gênero neutro, representando indivíduos de um sexo ou outro, tendo em vista os determinantes que a eles se referem.

Temos também que demonstrar que outro tipo de *flexão de gênero* dos substantivos, aquele denominado *comum de dois gêneros*, ou simplesmente *comum de dois*, não pode ser atribuído aos substantivos, já que estes permanecem imutáveis e podem representar um gênero ou outro em face ao determinante que a ele precede ou acompanha.

Observe: *gerente atencioso* → *gerente atenciosa*
a famosa artista → *o famoso artista*

Na verdade, morfológicamente, esses substantivos, por si só, podem ser considerados de gênero neutro, representando indivíduos de um sexo ou outro, de acordo com os determinantes que a eles se referem.

Outro tipo de formação de feminino que não pode ser considerado flexão é aquele que ocorre em pares como *ator* → *atriz*, *profeta* → *profetisa*.

E, para completar o quadro de tipos de *flexão de gênero* relacionados a sexo, resta-nos o grupo de substantivos de gênero único, ou seja, não flexionáveis, que por sua vez se referem a um único sexo, mas que formam pares sexuais com outros substantivos também de gênero único, também não flexionáveis. Esses pares de palavras são chamados de heterônimos.

Veja os exemplos:

<i>homem</i>	→	<i>mulher</i>
<i>touro</i>	→	<i>vaca</i>
<i>bode</i>	→	<i>cabra</i>
<i>pai</i>	→	<i>mãe</i>
<i>compadre</i>	→	<i>comadre</i>
<i>frade</i>	→	<i>freira</i>

**ATIVIDADE****Atende ao Objetivo 3**

3. Com relação aos substantivos abaixo, informe como se constitui morfologicamente o par feminino correspondente (flexão, derivação ou heteronímia) e, ainda, como eles são classificados quanto ao gênero pelas gramáticas tradicionais e livros didáticos.

- a) *senhor/senhora*
- b) *ator/atriz*
- c) *poeta/poetisa*
- d) *carneiro/ovelha*
- e) *tio/tia*
- f) *homem/mulher*
- g) *órfão/órfã*
- h) *patrão/patroa*
- i) *cão/cadela*
- j) *juiz/juíza*
- k) *gato/gata*
- l) *cavalheiro/dama*

RESPOSTA COMENTADA:

3. Há flexão em senhor/senhora, tio/tia, órfão/órfã, patrão/patroa, juiz/juíza e gato/gata.

Há derivação em: ator/atriz, poeta/poetisa e cão/cadela.

Há heteronímia em: carneiro/ovelha, homem/mulher e cavalheiro/dama.

CONCLUSÃO

Todos os substantivos da língua portuguesa estão distribuídos entre os gêneros feminino e masculino. Entretanto, a flexão nominal de gênero não atinge a maioria dos substantivos. Esse fenômeno só se realiza em parte daqueles que nomeiam seres animais (dentre eles, os humanos, naturalmente) e consiste, basicamente, no acréscimo da desinência de gênero *-a* a uma forma masculina não marcada, havendo, em alguns casos, eliminação da vogal temática ou pequenas alterações nas terminações de algumas palavras. Nos outros casos, diferentemente do que se apresenta em diversas gramáticas tradicionais e em livros didáticos, não ocorre flexão, mas sim, derivação. Dentre os substantivos que não trazem em si, em termos morfológicos, a marca de gênero, reconhece-se esta pelo gênero do artigo ou de outro determinante, que também carregue essa marca.

ATIVIDADES FINAIS

Atendem aos Objetivos 1, 2 e 3

1. Leia as frases abaixo e informe, se possível, como se pode reconhecer o gênero dos substantivos destacados.

- a) A *jovem* se emocionou ao reencontrar a avó.
- b) *Estudante* muito inteligente recebe prêmio da Secretaria de Educação.
- c) Amanhã é o grande *dia* da nossa confraternização.
- d) Deve-se ter cuidados redobrados no caso de *gestantes* alcoólatras.
- e) O zoológico da cidade agora tem um novo exemplar de *jacaré* fêmea.
- f) *Crianças* são vítimas da violência doméstica.

2. Discuta o que se afirma nas frases a seguir:

- a) Os nomes *artista* e *testemunha* não são flexionados em gênero, entretanto, com relação à indicação dessa categoria, eles se comportam de modo diferente.

- b) Observando-se a estrutura das palavras *menina* e *pessoa*, percebe-se que ambas são do gênero feminino e, embora tenham, aparentemente, a mesma terminação em *-a*, morfológicamente, isso não se sustenta.

- c) Na frase "*A Confederação Brasileira de Futebol é a entidade máxima do futebol no Brasil*", o gênero do nome *Confederação* não é apresentado morfológicamente, mas é marcado duas vezes de outra forma.

1. a) O gênero é feminino e está marcado no artigo definido a.
- b) Não é possível reconhecer o gênero da palavra estudante nessa frase.
- c) O gênero é masculino e está marcado no artigo definido o.
- d) O gênero é feminino e encontra-se implícito na própria palavra gestantes.
- e) O gênero é masculino e encontra-se implícito na própria palavra jacaré.
- f) O gênero é feminino e encontra-se implícito na própria palavra crianças.

2. a) Os dois nomes não são efetivamente flexionados. Eles se diferenciam, entretanto, na indicação de gênero, tendo em vista que artista admite artigo (ou outro determinante) masculino ou feminino. A palavra testemunha, por outro lado, admite apenas o artigo (ou outro determinante) feminino.

b) Na palavra menina, o morfema final -a representa a marca de gênero feminino, em oposição a seu par masculino menino. Na palavra pessoa, por outro lado, o morfema final não representa a marca de gênero, mas sim a vogal temática -a.

c) O gênero da palavra Confederação é indicado pelo artigo feminino a e pelo adjetivo Brasileira, flexionado em gênero.

RESUMO

Nesta aula, estudamos o gênero dos nomes e a regra geral para a formação desse tipo de flexão nominal, além dos casos especiais em que ela também ocorre. Discutimos ainda como esse mecanismo de flexão é apresentado, de modo equivocado, nas gramáticas tradicionais e em muitos livros didáticos.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, daremos início ao estudo das categorias, flexões e usos do verbo, além de discutir o modo, tempo e aspecto verbais. Até lá!

Categorias, flexões e usos do verbo

Leandro Santos de Azevedo

Ronaldo Amorim Lima

AULA

8

Meta da aula

Apresentar o modo e o tempo nos verbos
e o aspecto verbal.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. distinguir o modo nos verbos;
2. identificar o tempo nos verbos;
3. reconhecer o aspecto verbal.

INTRODUÇÃO

O verbo é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo. Ele ocorre em frases sob diferentes formas para a expressão das categorias de tempo, aspecto, modo, número e pessoa. Neste texto, daremos destaque ao estudo do modo, do tempo e do aspecto verbais.

O MODO NOS VERBOS

Conforme Azeredo (2008), uma tradição descritiva que remonta à Idade Média e que se inspira na **FILOSOFIA ESCOLÁSTICA** nos ensina a reconhecer dois componentes na construção dos **ENUNCIADOS**: o *dictum* – aquilo que é objeto da comunicação – e o *modus* – a atitude ou o ponto de vista do enunciador relativamente ao objeto de sua comunicação.

A expressão *modus* é realizada de várias maneiras. Uma delas consiste em variar a entoação da frase para exprimir certeza, admiração, dúvida, ceticismo etc. Também se pode recorrer a verbos que expressam atitudes, como *saber*, *duvidar* e *supor*, e a advérbios, como *talvez*, *sinceramente*, *obviamente* etc. Trata-se de recursos de modalização ou modalidade.

Ao produzir um enunciado, o falante inscreve nele, portanto, algumas marcas que servem para limitar a compreensão a ser realizada pelo interlocutor, como na diferença entre

a) Vocês *podem* sair agora. (permissão)

e

b) Vocês *precisam* sair agora. (obrigatoriedade)

Essas duas frases se distinguem quanto à modalidade.

Ademais, a análise clássica da modalidade distingue quatro pares de conteúdos contrastantes: possível/impossível, certo/contestável, obrigatório/facultativo, permitido/proibido.

Dado isso, entendamos o que é o modo nos verbos. *Modo* é como se chamam as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude de certeza, de dúvida, de suposição, de mando etc. da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia. Assim, quem diz

FILOSOFIA ESCOLÁSTICA

Pensamento cristão da Idade Média, baseado na tentativa de conciliação entre um ideal de racionalidade, corporificado especialmente na tradição grega do *platonismo* e *aristotelismo*, e a experiência de contato direto com a verdade revelada, tal como a concebe a fé cristã.

ENUNCIADOS

Enunciado, segundo a Linguística, é uma frase, uma parte de um discurso ou um discurso (oral ou escrito) em associação com o contexto em que é enunciado. Conforme rubrica da Linguística Estrutural, o enunciado é um segmento da cadeia falada produzida por um falante numa determinada língua que é delimitado por certas marcas formais: de entonação, de silêncios (expressão oral), de pontuação (expressão escrita). O conjunto dos enunciados constitui o *corpus* utilizado para a descrição e a análise de uma língua.

- 1) João *está* aqui.
- 2) João *estava* aqui.
- 3) João *estará* aqui.

Em qualquer caso, *está* se referindo a situações que retrata como reais. Sua relação com o que enuncia é, nesses casos, de *certeza*. Contudo, se diz

- 4) É possível que João *esteja* aqui.
- 5) Acreditávamos que João *estivesse* aqui.
- 6) Conte histórias se João *estiver* aqui.

a ‘presença de João’ não é mais uma informação concebida como um dado no mundo, mas a representação da possibilidade desse dado. Agora, sua relação com o que enuncia é de *dúvida* ou *suposição*. Esta segunda atitude vem expressa duplamente em cada frase: de um lado, por meio dos termos *É possível que*, *Acreditávamos* e *se*; e, de outro, por meio das formas verbais *esteja*, *estivesse* e *estiver*, variações do verbo *estar*.

Em cada série, expressa-se, portanto, uma diferente atitude do falante em relação ao conteúdo proposicional do enunciado: *certeza* em (1), (2) e (3); e *suposição* em (4), (5) e (6).

Dessa forma, a variação da forma do verbo (*está/esteja*, *estava/estivesse*, *estará/estiver*) para a expressão da atitude do enunciador constitui a categoria gramatical que denominamos *modo*.

Há três modos em português: o *indicativo*, o *subjuntivo* e o *imperativo*. Com o modo indicativo, exprime-se, em geral, uma ação ou um estado considerados na sua realidade ou na sua certeza, quer em referência ao presente, quer ao passado ou ao futuro. Esse modo é próprio dos enunciados declarativos simples, em que ocorre apenas um verbo ou uma locução verbal.

Ao empregarmos o modo subjuntivo, é completamente diversa a nossa atitude. Encaramos a existência ou não existência do fato como uma coisa *incerta*, *duvidosa*, *eventual*, ou, mesmo, *irreal*. Esse modo, que serve para representar fatos como dependentes do ponto de vista pessoal do enunciador, é o usual nas formas verbais de dois grupos principais: as estruturas dependentes de alguma expressão que exige o subjuntivo, como o *É possível que* e o *se* dos exemplos (4) e (6), e as construções que expressam hipóteses, como a do exemplo (5).

Além dos modos indicativo e subjuntivo, há um terceiro, o modo imperativo. Este é usado em frases em que o enunciador expressa uma ordem, uma exortação, um conselho, uma advertência, um pedido:

7) *Saia*. (ordem)

8) Não *reaja* a assaltos. (exortação)

9) *Venha* à festa. Será bem-vinda. (convite)

10) *Valha-me* Nossa Senhora! (súplica)

Por fim, cabe ainda mencionar duas importantes diferenças entre o modo imperativo e os modos indicativo e subjuntivo. As formas verbais dos modos indicativo e subjuntivo variam para situar os fatos em diferentes intervalos de tempo (*amo*/presente; *amei*, *amava*, *amaral* passado; *amarei*, *amarial*/futuro; *ame*/presente; *amasse*/passado; *amar*/futuro), ao passo que as formas do imperativo são invariáveis quanto ao tempo (ama, ame, amemos, amai, amem/imperativo afirmativo; não ames, ame, amemos, ameis, amem/imperativo negativo).

A segunda diferença diz respeito às funções da linguagem. As formas do indicativo e do subjuntivo se empregam em todas as funções da linguagem, já as do modo imperativo são exclusivas dos usos da língua em que o enunciador se dirige explicitamente ao seu coenunciador e frequentemente o nomeia pelo emprego de um **VOCATIVO**, o que limita a ocorrência do imperativo à *função conativa* da linguagem.

VOCATIVO

Expressão de natureza exclamativa através da qual chamamos ou pomos em evidência a pessoa a que nos dirigimos:

José, vem cá!

Tu, *meu irmão*, precisas escutar!

O vocativo também pode aplicar-se às coisas inanimadas como se lhes emprestássemos vida:

“*Ó mar*, o teu rugido é um eco incerto
Da criadora voz, de que surgiste.

Seja, disse; e tu foste,
e contra as rochas
As vagas compeliste”
(GONÇALVES DIAS).

As **funções da linguagem** são recursos de ênfase que atuam segundo a intenção do produtor da mensagem, cada qual abordando um diferente *elemento da comunicação* (emissor, receptor, mensagem, canal, referente ou contexto, e código).

Segundo Jacobson, há seis funções da linguagem: função referencial, conativa, emotiva, fática, metalinguística e poética. Normalmente não se encontram mensagens verbais que preencham uma única função. A estrutura verbal de uma mensagem depende basicamente da função predominante.

Função referencial - Observa-se o referente como predominante. Indica a significação básica, ou seja, a significação propriamente dita. É objetiva.

Ex.: O escritor e teórico da comunicação Marshall McLuhan morreu no dia 31 de dezembro de 1980, em sua residência, aos 69 anos.

Função conativa - O destinatário é o elemento básico. Orienta-se para o receptor. Encontra a sua expressão mais pura no vocativo e no imperativo.

Ex.: Fale, amor, que eu a ajudarei.

Função emotiva - É centrada no remetente e “visa a uma expressão direta da atitude de quem fala em relação àquilo de que está falando”. Mostra a impressão de certa emoção, verdadeira ou simulada. Indica os estados de alma, a atitude de alguém diante de um fato. Representa, em síntese, uma exteriorização psíquica.

Ex.: Que dia lindo!

Ai, que saudade da Amélia! (LAGO, Mário; ALVES, Ataulfo, 1942)

Função fática - Procura estabelecer a comunicação atraindo a atenção do destinatário. Há predominância do canal (ou contacto).

Ex.: Alô, ouça-me com atenção, queridinha! Escutem-me todos! Está observando bem, ó Raimundinha?

Função metalinguística - Predominância do código. A mensagem é explicada em outras palavras, a fim de ser entendida pelo destinatário.

Ex.: Picassiano? Sim, pertencente ou relativo ao pintor espanhol Pablo Picasso.

Chama-se quimbundo ao indivíduo dos quimbundos, indígenas bantos de Angola.

Função poética - O enfoque da mensagem por ela mesma. Explora os recursos da retórica (metáforas, metonímias etc.); todavia não se encontra apenas nos escritores. Como diz Jacobson, “qualquer tentativa de reduzir a esfera da função poética à poesia ou de confinar a poesia à função poética seria uma simplificação excessiva e enganadora”.

Assim, observemos os exemplos:

“Entre de *sola* na *escola*” - propaganda de um calçado. Observe-se a rima interna: *sola* × *escola*. Além disso, a escolha dos dois vocábulos se encaixa perfeitamente na mensagem. Vê-se, ainda, nessa frase, a função conativa: orienta-se para o receptor.

“Se o seu negócio é a *vista*, nós vendemos a *prazo*” – propaganda de uma ótica.

“Tua beleza incendiará os navios do mar./Tua beleza incendiará as florestas./Tua beleza tem um gosto de morte./Tua beleza tem uma tristeza de aurora” (SCHMIDT, Augusto Frederico).



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 1

1. Defina modos verbais, caracterizando cada um deles.

RESPOSTA COMENTADA

1. *Modo é cada um dos diferentes paradigmas que o verbo apresenta na língua portuguesa para indicar a modalidade, a atitude (de certeza, dúvida, desejo etc.) da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia. Em português, há três paradigmas modais: indicativo, subjuntivo e imperativo.*

O TEMPO NOS VERBOS

De acordo com Cunha e Cintra (2007), tempo é a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo. Os três tempos naturais são o *presente*, o *pretérito* (ou *passado*) e o *futuro*, que designam, respectivamente, um fato ocorrido no momento em que se fala, antes do momento em que se fala e após o momento em que se fala.

O presente é indivisível. No entanto, o pretérito e o futuro subdividem-se, conforme podemos perceber na tabela a seguir:

Tabela 8.1: Tempos verbais

Indicativo	Presente: <i>canto</i>		
	Pretérito	Imperfeito: <i>cantava</i>	
		perfeito	simples: <i>cantei</i> composto: <i>tenho cantado</i>
		mais-que-perfeito	simples: <i>cantara</i> composto: <i>tinha ou havia cantado</i>
	Futuro	do presente	simples: <i>cantarei</i> composto: <i>terei ou haverrei cantado</i>
		do pretérito	simples: <i>cantaria</i> composto: <i>teria ou haveria cantado</i>

Subjuntivo	Pretérito	Presente: <i>cante</i>
		imperfeito: <i>cantasse</i>
		perfeito: <i>tenha</i> ou <i>haja cantado</i>
	mais-que-perfeito: <i>tivesse</i> ou <i>houvesse cantado</i>	
	Futuro	simples: <i>cantar</i> composto: <i>tiver</i> ou <i>houver cantado</i>
Imperativo	Presente	afirmativo: <i>canta, cante...</i> negativo: <i>não cantes, não cante...</i>

Presente do indicativo

O presente do indicativo emprega-se para enunciar um fato atual, fato que ocorre no momento em que se fala:

11) *Está* tarde.

Também se emprega o presente para indicar ações e estados permanentes ou assim considerados:

12) A Terra *é* redonda.

Além disso, o presente é empregado para expressar uma ação habitual ou uma faculdade do sujeito:

13) *Como* muito!

No mais, emprega-se o presente para dar vivacidade a fatos ocorridos no passado ou para marcar um fato futuro, mas próximo:

14) O homem *sequestra, tortura, mata, esquarteja e joga* os restos mortais de uma mulher aos cães, e *recebe* pena de 22 anos?

15) *Janto* contigo em outra ocasião.

Pretérito do indicativo

O pretérito do indicativo apresenta-se de três formas: imperfeito, perfeito e mais-que-perfeito. Quanto ao pretérito imperfeito do indicativo, a própria denominação deste tempo nos ensina o seu valor fundamental: designa um fato passado, mas não concluído, inacabado. Esse tempo compreende uma noção de continuidade, de duração do processo verbal mais acentuada do que os outros tempos pretéritos. Emprega-se esse tempo quando nos transportamos a uma época passada e descrevemos o que então era presente:

16) Quando criança, eu *pegava* goiaba escondido na casa do vizinho.

O pretérito imperfeito também é empregado para indicar uma ação passada habitual ou repetida e para indicar fatos passados concebidos como contínuos ou permanentes:

17) *Íamos* para Friburgo em todas as férias de janeiro.

18) Ele sempre *cantava* na missa.

Ademais, emprega-se o pretérito imperfeito para situar, vagamente, contos, lendas, fábulas etc. no tempo:

19) *Era* uma vez uma princesa...

O pretérito perfeito do indicativo, por sua vez, apresenta-se de duas formas: a simples e a composta. Quando simples, ele indica uma ação que se produziu em certo momento do passado, ação essa completamente concluída. É empregado para descrever o passado tal como aparece a um observador situado no presente e que o considera do presente:

20) *Assisti* a um belíssimo filme ontem.

Quando composto, o pretérito perfeito do indicativo exprime a repetição de um ato ou a sua continuidade até o presente em que falamos. Ele aproxima-se, pois, do presente:

21) *Tenho lido* muitos livros bons.

Conforme Cunha e Cintra (2007, p. 456), convém ter presentes as seguintes distinções de emprego do pretérito *imperfeito* e do pretérito *perfeito* simples do indicativo:

a) o pretérito imperfeito exprime o fato passado habitual; o pretérito perfeito, o não habitual:

Quando o *via*, *cumprimentava-o*.

Quando o *vi*, *cumprimentei-o*.

b) o pretérito imperfeito exprime a ação durativa, e não a limita no tempo; o pretérito perfeito, ao contrário, indica a ação momentânea, definida no tempo. Comparem-se estes dois exemplos:

O mancebo *desprezava* o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos *furtavam* de longe, *levava* o arrojo a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.

O mancebo *desprezou* o perigo e pago até da morte pelos sorrisos, que seus olhos *furtaram* de longe, *levou* o arrojo a arrepiar a testa do touro com a ponta da lança.

Finalmente, o pretérito mais-que-perfeito indica uma ação que ocorreu antes de outra ação passada:

- 21) Perguntei-lhe se ele *fizera* todos os exercícios.
- 22) Perguntei-lhe se ele *tinha feito* todos os exercícios.



Note que, apesar de o pretérito mais-que-perfeito simples ter o mesmo conteúdo da forma composta, ambos têm uma aplicabilidade distinta: enquanto a forma simples é restrita aos usos formais da língua escrita, a forma composta é uma alternativa à forma simples na escrita, mas a única empregada na fala corrente.

Futuro do indicativo

Tempo verbal que situa a ação ou o estado num momento posterior ao momento em que se fala, o futuro apresenta-se de duas formas: o futuro do presente e o futuro do pretérito. O futuro do presente pode ser simples ou composto. Quando simples, é empregado para indicar fatos certos ou prováveis e incertos:

- 23) *Viajarei* para o Paraná amanhã.
- 24) *Será* que chove hoje?

O futuro do presente composto é empregado para indicar que uma ação futura está consumada antes de outra:

- 25) Amanhã *terei acabado* este trabalho.

Também é empregado para exprimir a certeza de uma ação futura:

- 26) Caso eu não volte em cinco minutos, *terei sido* atendido.

Além disso, o futuro do presente composto também é aplicado para significar a incerteza sobre fatos passados:

- 27) Ao chegar a casa, me perguntei: *terá passado* aqui um furacão?!

Assim como o futuro do presente, o futuro do pretérito pode ser simples ou composto. Quando simples, designa ações posteriores à época de que se fala:

- 28) O Papa comunicou que *renunciaria* ao papado.

Também designa incerteza sobre fatos passados:

- 29) Quem *seria* aquele homem?

Ademais, o futuro do pretérito é empregado nas afirmações condicionadas, quando se referem a fatos que não se realizaram e que, provavelmente, não se realizarão:

30) Se seus credores lhe pagassem o que lhe devem, ele *ficaria* rico.

Quando composto, o futuro do pretérito indica que um fato teria acontecido no passado, mediante certa condição:

31) Se eu tivesse chegado mais cedo, nada disso *teria acontecido*.

No mais, o futuro do pretérito composto exprime a possibilidade de um fato passado e a incerteza sobre fatos passados, em certas frases interrogativas que dispensam a resposta do interlocutor:

32) Você *teria sido* um excelente linguista.

33) O que *teria acontecido* para justificar tamanho atraso?

Presente do subjuntivo

Situando um fato num intervalo de tempo simultâneo ou posterior ao presente, o presente do subjuntivo representa-o como não concluído:

34) Acredito que eles *conheçam* este filme.

35) Espero que eles *venham*.

Pretérito do subjuntivo

O pretérito do subjuntivo pode ser imperfeito, perfeito ou mais-que-perfeito.

O *imperfeito* do subjuntivo pode ter o valor de passado, de futuro e de presente:

36) *Chovesse* ou *fizesse* sol, Dona Lúcia ia à missa.

37) Todas as quartas, George presenteava com uma canção o primeiro que *chegasse*.

38) Se *tivesse* paciência, teria conseguido mais.

O perfeito do subjuntivo pode exprimir um fato passado (supostamente concluído) e um fato futuro (terminado em relação a outro fato futuro):

39) Espero que você *tenha encontrado* a sua mãe.

40) Espero que você *tenha terminado* a lição quando eu voltar.

Finalmente, o pretérito mais-que-perfeito pode indicar uma ação anterior a outra ação e uma ação irreal no passado:

41) Todos os alunos que *tivessem terminado* a prova sairiam mais cedo.

42) Se *tivessem ganhado* o campeonato carioca, não lhes faltaria o reconhecimento merecido.

Futuro do subjuntivo

O futuro do subjuntivo apresenta-se de duas formas: a simples e a composta. Quando simples, marca a eventualidade no futuro e é empregado em orações subordinadas:

a) adverbiais (condicionais, conformativas e temporais), cuja oração principal vem enunciada no futuro ou no presente:

43) Se *estudar*, passará num concurso.

44) Faça conforme *souber*.

45) Quando *puder*, venha falar comigo.

b) adjetivas cuja principal venha enunciada no futuro ou no presente:

46) Serei grato aos que me *ajudarem*.

O futuro do subjuntivo composto, por sua vez, indica um fato futuro como terminado em relação a outro fato futuro:

47) Quando *tiver terminado* a leitura, poderá sair.

Presente do imperativo

Como já mencionado e, agora, reiterado por Rocha Lima (2012, p. 169), o imperativo só tem um tempo – o presente –, que também se aplica às ordens que se dão para o futuro e o passado.

Há, em português, duas formas de imperativos: a afirmativa e a negativa. O imperativo afirmativo é um tempo misto; para a sua formação concorrem o presente do indicativo e o presente do subjuntivo.

Por outro lado, no imperativo negativo, basta antepor a partícula “não” às formas do presente do subjuntivo, excluída a primeira pessoa do singular (eu). Isso se dá tanto para esta forma, imperativo negativo, quanto para a forma afirmativa.

RESPOSTA COMENTADA

2. Tempo é a categoria verbal que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo. Em português, o conteúdo dessa categoria compreende presente, pretérito (ou passado) e futuro, e suas subdivisões. Abaixo, encontram-se todas as subdivisões, sendo as seis primeiras do modo indicativo, seguidas de três do modo subjuntivo e duas do modo imperativo:

Presente (Indicativo)

Pretérito imperfeito (Indicativo)

Pretérito perfeito

Pretérito mais-que-perfeito

Futuro de presente

Futuro do pretérito

Presente (Subjuntivo)

Pretérito imperfeito (Subjuntivo)

Futuro

Presente (Imperativo afirmativo)

Presente (Imperativo negativo)

O ASPECTO VERBAL

Levando em conta o que nos ensina Azeredo (2008), o conceito de aspecto não é tradicionalmente mencionado com esse nome nas gramáticas escolares. Apesar disso, é ao aspecto verbal que os gramáticos se referem quando explicam, seja a diferença de significado entre ‘O céu é azul’ (qualidade *permanente* do céu) e ‘O céu está azul’ (qualidade *adquirida e temporária*, resultante de alguma mudança), seja a diferença de significado entre as formas verbais assinaladas em ‘Paulo *comeu* dois pães no café da manhã’ (ação *perfectiva, momentânea, concluída e unitária*) e ‘Paulo *comia* dois pães no café da manhã’ (ação *imperfectiva, não concluída e habitual*).

Assim, o aspecto refere-se à duração do processo verbal, independentemente da época em que esse processo ocorre. Essa duração pode ser representada como *momentânea* ou *contínua*, *eventual* ou *habitual*, *completa* ou *incompleta*.

Importante notar que o tempo e o modo são categorias verbais centradas no enunciador, categorias essas que expressam relações desse

enunciador com a situação comunicativa. O aspecto, por sua vez, é uma caracterização da extensão do fato na linha do tempo, e nada tem a ver com o ponto de vista do enunciador.

Os meios de representação do aspecto em português dizem respeito a três itens, a saber:

a) a oposição entre o conteúdo perfectivo – pretéritos perfeito e mais-que-perfeito (*canteilcantara*) – e o conteúdo imperfectivo – pretérito imperfeito (*cantava*);

b) a oposição entre as formas perifrásticas de *estar + gerúndio* e as respectivas formas simples (*estou cantando* × *canto*); e

c) a oposição entre as formas compostas de *ter + participípio* e as formas imperfectivas simples (*tenho cantado* × *cantava*).

Além disso, há duas maneiras de conceber o processo expresso pelo verbo:

a) completo ou concluído – A diarista *faxinou* a casa; e

b) incompleto e não concluído – A diarista *faxinava* a casa.

Tanto o processo concluído como o não concluído podem, por sua vez, ser especificados como *progressivo* ou *não progressivo*. Chama-se progressivo o processo que é representado, necessariamente, como ‘algo que se estende no tempo’; e o não progressivo o processo simples. Observe:

48) A diarista *está faxinando* a casa. (processo não concluído, progressivo)

49) A diarista *faxina* a casa. (processo não concluído, não progressivo)

No conjunto *processo concluído*, observam-se:

50) A diarista *faxinou* a casa. (processo concluído, não progressivo)

51) A diarista *tem faxinado* a casa. (processo concluído, progressivo)

52) A diarista *está faxinando* a casa. (processo concluído, progressivo)

O que difere os dois últimos exemplos é que a ação de (51) ‘repete-se’ desde um ponto no passado até o presente (*processo iterativo*), ao passo que a ação de (52) é representada como de duração contínua (*processo cursivo*).

CONCLUSÃO

Dado o exposto, o verbo é uma importante classe de palavra pertencente a um paradigma cujas flexões indicam algumas categorias, como o tempo – que localiza ação, processo ou estado em relação ao momento de fala – o modo – que indica a atitude do enunciador quanto ao fato por ele enunciado, que pode ser de certeza, de incerteza, de ordem etc. – e o aspecto – que fornece detalhes a respeito do modo de ser da ação, se é unitária, momentânea, prolongada, habitual etc.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1, 2, e 3

Diga qual é o modo e o tempo dos seguintes verbos. Em seguida, crie, pelo menos, uma frase e faça breves comentários acerca do aspecto verbal escolhido por você.

a) saiu

b) segue

c) conseguimos

d) tocará

e) tocara

f) falar

g) partia

h) *sejas*

i) *estejas*

j) *cante*

k) *dançaria*

RESPOSTA COMENTADA

a) *saiu*

pretérito perfeito do indicativo

O Brasil saiu na frente contra a Itália na tarde desta quinta-feira, na Suíça. (aspecto: momentâneo/eventual)

b) *segue*

presente do indicativo

A seleção brasileira de futebol masculino segue sem vencer uma seleção grande desde 2009. (contínuo/habitual)

c) *conseguiu*

pretérito perfeito do indicativo

Conseguiu a tão sonhada promoção. (aspecto: momentâneo/eventual/completo)

d) *tocará*

futuro do presente do indicativo

Chico Buarque tocará todas as sextas no Teatro Municipal. (aspecto: momentâneo/eventual)

e) *tocara*

pretérito mais-que-perfeito do indicativo

Erasmu Carlos tocara no Municipal antes de convidarem Chico. (aspecto: momentâneo/eventual/completo)

f) *falar*

futuro do subjuntivo

Fique atento quando eu falar. (aspecto: momentâneo/eventual)

g) *partia*

pretérito imperfeito do indicativo

Ela partia ao amanhecer. (aspecto: contínuo/habitual)

h) *sejas*

presente do subjuntivo

Espero que sejas feliz. (aspecto: contínuo/habitual)

i) *estejas*

presente do subjuntivo

Espero que estejas feliz. (aspecto: momentâneo/eventual)

j) *cante*

presente do subjuntivo ou a forma afirmativa do imperativo (dependente do contexto)

Acredito que ela cante bem. (aspecto: momentâneo/eventual) – subjuntivo

Cante sutilmente. (aspecto: momentâneo/eventual) – imperativo

RESUMO

Vimos nesta aula que o verbo é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo, e que ele ocorre em frases sob diferentes formas para a expressão das categorias de *tempo*, *aspecto* e *modo*.

Modo é como se chamam as diferentes formas que toma o verbo para indicar a atitude de certeza, de dúvida, de suposição, de mando etc. da pessoa que fala em relação ao fato que enuncia.

O *tempo* é, por sua vez, a variação que indica o momento em que se dá o fato expresso pelo verbo. Os três tempos naturais são o *presente*, o *pretérito* (ou passado) e o *futuro*, que designam, respectivamente, um fato ocorrido no momento em que se fala, antes do momento em que se fala e após o momento em que se fala. E, por fim, o *aspecto* refere-se à duração do processo verbal, independentemente da época em que esse processo ocorre. Essa duração pode ser representada como momentânea ou contínua, eventual ou habitual, completa ou incompleta.

O mecanismo da flexão verbal I

Monclar Guimarães Lopes
Ronaldo Amorim Lima

AULA

9

Meta da aula

Apresentar o paradigma da flexão dos verbos regulares nos tempos simples dos modos indicativo, subjuntivo e imperativo.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer os verbos regulares e irregulares;
2. relacionar os morfemas flexionais às noções de tempo e modo, pessoa e número, e as vogais temáticas à distribuição dos verbos pelas três conjugações;
3. distinguir e empregar o paradigma de flexão dos verbos regulares nos tempos simples dos modos indicativo, subjuntivo e imperativo.

INTRODUÇÃO



O humor da tirinha reside no fato de a criança flexionar, no último quadro, o verbo *fazer* como uma forma regular. Tendo a mãe ensinado à filha a correta flexão do verbo *comer* (e de alguns outros verbos da 2ª conjugação) na primeira pessoa do pretérito perfeito do indicativo, ela, naquele momento, provavelmente não se lembrava da existência de formas que não apresentam a mesma **REGULARIDADE**. Como consequência, a menina fugiu ao padrão culto do idioma mais uma vez.

Embora, no exemplo em análise, a intervenção da mãe tenha parecido mal sucedida, seu raciocínio foi adequado ao observar que certos verbos apresentam o mesmo paradigma de flexão. Tradicionalmente conhecidos como *verbos regulares*, tal categoria representa o objeto de estudo desta aula.

REGULARIDADE

Por regularidade, entende-se a propriedade das formas linguísticas que se pautam em um mesmo paradigma. (CÂMARA JR. 2011, p. 258).

Você sabia que a flexão de verbos irregulares sob o paradigma de verbos regulares (como em *eu fazi, eu sabo, eu ponhei* etc.) faz parte do processo de aquisição de linguagem da criança?

As pesquisas linguísticas argumentam a favor de uma pressão morfológica, na defesa de que a criança se guia pela fidelidade ao paradigma flexional, cuja elevada recorrência de verbos regulares leva à produção de formas coerentes com o padrão regular da língua.

O QUE SÃO VERBOS REGULARES?

O verbo deve ser considerado regular quando atende aos seguintes parâmetros: a) apresenta radical invariável durante a conjugação do verbo nos diferentes tempos e modos; b) flexiona-se de acordo com o modelo que representa o tipo comum de sua conjugação.

Como exemplo, tomemos os seguintes verbos da primeira conjugação: *amar*, *cantar* e *falar*. Tais verbos atendem ao primeiro parâmetro, na medida em que seus radicais, respectivamente, *am-*, *cant-* e *fal-*, não se alteram em suas diferentes flexões. Veja:

amar – *amo*, *amei*, *amava*, *amarei*, *amaria*, *amasse* etc.

cantar – *canto*, *cantei*, *cantava*, *cantarei*, *cantaria*, *cantasse* etc.

falar – *falo*, *falei*, *falava*, *falarei*, *falaria*, *falasse* etc.

Paralelamente, atendem ao segundo parâmetro, na medida em que apresentam o mesmo modelo de flexão, isto é, as mesmas vogais temáticas, desinências modo-temporais (DMTs) e desinências número-pessoais (DNPs) nas diferentes flexões. Veja:

- *amo*, *falo* e *canto* (DNP *-o* de 1ª pessoa do singular)
- *amei*, *cantei* e *falei* (VT alomorfe *-e* e DNP *-i* de 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo)
- *amava*, *cantava* e *falava* (VT *-a* e DMT *-va* do pretérito imperfeito do indicativo)
- *amarei*, *cantarei* e *falarei* (VT *-a*, DMT *-re* do futuro do presente do indicativo e DNP *-i* da primeira pessoa do singular)
- *amaria*, *cantaria* e *falaria* (VT *-a* e DMT *-ria* do futuro do pretérito do indicativo)
- *amasse*, *cantasse* e *falasse* (VT *-a* e DMT *-sse* do pretérito imperfeito do subjuntivo)



Na Aula 3, falamos sobre vogais temáticas (VT), desinências modo-temporais (DMT) e desinências número-pessoais (DNP). Caso você não se recorde, volte até lá e faça uma releitura.

Logo, sendo os dois parâmetros em análise os critérios para a identificação dos verbos regulares, podemos compreender que consideramos irregular o verbo que não atende a esses critérios. Veja:

a) variação no radical:

perder → *perco*; *sentir* → *sinto*; *trazer* → *trago*

b) variação na flexão:

eu como, falo, digo → eu *estou*; ele parte, cumpre, ouve → ele *vem*

c) variação no radical e na flexão:

eu comia (verbo *comer*), eu vendia (verbo *vender* → eu era (verbo *ser*);

eu parti (verbo *partir*), dividi (verbo *dividir*), → eu fui (verbo *ir*)



Confira o vídeo com a aula sobre verbos do Prof. Fábio Alves, disponível no YouTube: <http://youtube/AmJZiojaT-Y> (Classificação dos verbos)

Segundo Câmara Jr. (2011, p. 104), o padrão geral dos verbos portugueses é constituído de um morfema lexical, acrescido, ou não, de vogal temática e de um ou mais morfemas flexionais. Assim, temos uma fórmula geral da estrutura do verbo regular, constituída de radical (R) e vogal temática (VT) – que, por sua vez, constituem o tema (T) do verbo – e sufixos flexionais (SF), que são, respectivamente, desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP). Veja:

$$T (R + VT) + SF (DMT + DNP)$$

Como ilustração, analisemos alguns exemplos:

Quadro 9.1: Estrutura dos verbos

Radical + VT + DMP + DNP

cant	a	rã	o
R	VT	DMT	DNP
T			

am	á	sse	mos
R	VT	DMT	DNP
T			

com	ê	ra	mos
R	VT	DMT	DNP
T			

Porém, é importante ressaltar que, em algumas flexões, esses mesmos verbos regulares podem ter VT, DMT e DNP constituídos de morfema zero (\emptyset), isto é, pela ausência de morfema(s). Veja:

Quadro 9.2: Estrutura dos verbos

Morfema \emptyset

cant	a	ria	\emptyset
R	VT	DMT	DNP
T			

am	\emptyset	\emptyset	o
R	VT	DMT	DNP
T			

com	\emptyset	ía	mos
R	VT	DMT	DNP
T			

O motivo de tais ocorrências serem consideradas regulares se deve ao fato de a ausência de um ou mais morfemas ser característica própria da flexão em análise. Por exemplo, a 1ª e 3ª pessoas do singular do futuro do pretérito do indicativo não apresentam DNP em verbos

regulares (ex.: *amar*, *cantar*, *falar*); a 1ª pessoa do singular do presente do indicativo não apresenta VT e DMT (ex.: *amo*, *canto*, *falo*); a 1ª pessoa do plural do pretérito imperfeito do indicativo dos verbos de 2ª conjugação não apresenta VT (ex.: *comíamos*, *temíamos*, *vendíamos*).

As desinências modo-temporal (DMT) e número-pessoal (DNP) também são conhecidas como sufixos modo-temporal (SMT) e número pessoal (SNP), ou ainda como morfemas modo-temporal e número-pessoal. Porém, optamos pela utilização do termo *desinências* em nossas aulas.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 1

1. No quadro abaixo, separe os verbos regulares dos irregulares no espaço que lhes foi destinado. Logo após, justifique o parâmetro utilizado para a identificação de tais categorias.

dizer ouvir pensar partir sentar fazer ter ver abrir	
REGULARES	IRREGULARES

Justificativa para os verbos regulares:

Justificativa para os verbos irregulares:

RESPOSTA COMENTADA

1. A tabela preenchida deverá ficar do seguinte modo:

dizer	ouvir	pensar	partir	sentar	fazer	ter	ver	abrir
REGULARES				IRREGULARES				
<i>pensar</i>				<i>dizer</i>				
<i>partir</i>				<i>ouvir</i>				
<i>sentar</i>				<i>fazer</i>				
<i>abrir</i>				<i>terver</i>				

Justificativa para os verbos regulares: os vocábulos do primeiro bloco são regulares na medida em que eles atendem aos dois parâmetros estabelecidos nesta unidade: a) o de invariação do radical durante as diferentes flexões do verbo; b) o da estabilidade das VTs e morfemas flexionais em acordo com o modelo de conjugação do verbo. Veja:*

	pensar	sentar	partir	abrir
	Verbos da 1ª conjugação (AR)		Verbos da 3ª conjugação (IR)	
Presente	PEN <u>So</u> PEN <u>Sas</u> PEN <u>Sa</u> PEN <u>Samos</u> PEN <u>Sais</u> PEN <u>Sam</u>	SEN <u>To</u> SEN <u>Tas</u> SEN <u>Ta</u> SEN <u>Tamos</u> SEN <u>Tais</u> SEN <u>Tam</u>	PART <u>To</u> PART <u>es</u> PART <u>e</u> PART <u>imos</u> PART <u>is</u> PART <u>em</u>	ABR <u>O</u> ABR <u>es</u> ABR <u>e</u> ABR <u>imos</u> ABR <u>is</u> ABR <u>em</u>
Pretérito perfeito	PEN <u>Sei</u> PEN <u>saste</u> PEN <u>Sou</u> PEN <u>Samos</u> PEN <u>sastes</u> PEN <u>Saram</u>	SEN <u>Tei</u> SEN <u>taste</u> SEN <u>Tou</u> SEN <u>tamos</u> SEN <u>tastes</u> SEN <u>Taram</u>	PART <u>i</u> PART <u>iste</u> PART <u>iu</u> PART <u>imos</u> PART <u>istes</u> PART <u>iram</u>	ABR <u>i</u> ABR <u>iste</u> ABR <u>iu</u> ABR <u>imos</u> ABR <u>istes</u> ABR <u>iram</u>
Futuro do presente	PEN <u>Sarei</u> PEN <u>Sarás</u> PEN <u>Sará</u> PEN <u>Saremos</u> PEN <u>Sareis</u> PEN <u>Sarão</u>	SEN <u>Tarei</u> SEN <u>Tarás</u> SEN <u>Tará</u> SEN <u>Taremos</u> SEN <u>Tareis</u> SEN <u>Tarão</u>	PART <u>irei</u> PART <u>irás</u> PART <u>irá</u> PART <u>iremos</u> PART <u>ireis</u> PART <u>irão</u>	ABR <u>irei</u> ABR <u>irás</u> ABR <u>irá</u> ABR <u>iremos</u> ABR <u>ireis</u> ABR <u>irão</u>
(...)	(...)	(...)	(...)	(...)

* Para facilitar a observação, os radicais estão marcados em caixa alta; as vogais temáticas, em negrito; as desinências flexionais, sublinhadas.

Justificativa para os verbos irregulares: não atendem aos parâmetros de identificação dos verbos regulares. Veja:

Dizer – mudança no radical diz-: eu digo, eu disse, eu direi.

Fazer – mudança no radical faz-: eu faço, eu fiz, eu farei

Ouvir – mudança no radical ouv-: eu ouço

Ver – mudança nas desinências flexionais e VT: eu vejo, quando eu vir (em comparação ao padrão dos verbos de 2ª conjugação)

Ter – mudança nas desinências e VT: eu tenho, eu tinha (em comparação ao padrão dos verbos de 2ª conjugação).

Em geral, o domínio das formas regulares do nosso idioma depende diretamente do conhecimento da manifestação da vogal temática e dos morfemas flexionais nos diferentes tempos e modos verbais e nas diferentes pessoas do discurso. Por esse motivo, esse é o tema do tópico abaixo.

OS MORFEMAS FLEXIONAIS E A VOGAL TEMÁTICA NOS VERBOS REGULARES

Uma vez que os verbos regulares se caracterizam pela invariação do radical e pela presença/ausência da vogal temática e ocorrência dos sufixos flexionais em concordância tanto com o tempo e modo verbais quanto com as pessoas do discurso, o reconhecimento de tal categoria perpassa pelo domínio desses conceitos conjugado à análise do comportamento dos verbos em suas diferentes flexões de tempo e modo, número e pessoa.

Por esse motivo, recapitularemos brevemente esses conceitos e entenderemos seus procedimentos de análise – iniciados na quinta aula –, com o objetivo de prepará-lo(a) para o reconhecimento proficiente de tais categorias.

Radical

Também conhecido como lexema ou semantema, o radical é o morfema-base na constituição do vocábulo, na medida em que representa sua significação externa.

A identificação do radical nas matrizes verbais é simples. Para tal, basta extrair a terminação *-ar*, *-er* e *-ir* do infinitivo (com exceção do verbo *pôr* e seus derivados, em que a vogal temática de 2ª conjugação *-e* só aparece em algumas flexões).

Veja alguns exemplos:

Quadro 9.3: Estrutura dos infinitivos das matrizes verbais regulares

Infinitivo	Terminação	Radical
CANTAR	-AR	CANT-
VENDER	-ER	VEND-
PARTIR	-IR	PART-

Alguns dos derivados de *pôr* são *apor*, *compor*, *decompor*, *depor*, *díspor*, *opor*, *propor*, *repor*, *supor*, *transpor* etc. São formados a partir da aposição de um prefixo ao verbo em *pôr* e seguem a mesma conjugação desse verbo (*ponho*, *componho*, *decomponho*, *deponho* etc.).

Uma das irregularidades marcantes desses verbos (*pôr* e seus derivados) é a ausência da VT na maior parte de suas flexões. Ela se apresenta, por exemplo, na segunda e na terceira pessoas do singular do presente do indicativo (*pões*, *põe*).

A explicação mais convincente sobre essa VT é dada pela Morfologia Diacrônica, que apresenta a forma *poer* como infinitivo antigo do verbo *pôr*.

Devemos lembrar que há verbos derivados, cujos radicais recebem afixos, além da terminação do infinitivo. Nesses casos, podemos tanto identificar tais afixos, separando-os dos radicais – de modo a encontrar o radical primário – quanto extrair apenas as terminações – de modo a encontrar o radical secundário. Veja:

Quadro 9.4: Radicais

Verbo derivado	Seu primitivo	Radical primário	Radical secundário
ABUSAR	USAR	US-	ABUS-
ENTRISTECER	TRISTE	TRIST-	ENTRISTEC-

Uma vez que um dos critérios para a categorização do verbo regular é a invariação do radical, o procedimento para identificação dos radicais é eficiente. Porém, vale ressaltar que o procedimento não atende plenamente à análise dos verbos irregulares, em que o radical pode apresentar alomorfia. Em alguns casos, essa alomorfia não é visível na escrita, mas apenas quando as formas verbais são pronunciadas, como no caso do verbo *descer*, em que as formas de segunda e de terceira pessoas do singular, *desces* e *desce*, em que as vogais sublinhadas são pronunciadas como “e” aberto (é), diferem das demais formas que são pronunciadas como “e” fechado (ê): *deeço*, *deescemos*, *deescia* etc.

Quadro 9.5: Alomorfia em alguns radicais

Forma verbal	Radical	Forma verbal	Radical alomorfe
CABER	CAB-	CAIBO	CAIB-
FAZER	FAZ-	FAÇO	FAÇ-
TRAZER	TRAZ-	TRAGO	TRAG-
PERDER	PERD-	PERCO	PERC-

A delimitação do radical não se encerra no radical secundário, na medida em que podemos derivar palavras de outras já derivadas. Veja:

Quadro 9.6: Radicais em níveis

Radical primário	Radical secundário	Radical terciário	Radical quaternário
<i>RÉGUA</i>	<i>REGULAR</i>	<i>DESREGULARIZAR</i>	<i>DESREGULARIZAR</i>
<i>PÔR</i>	<i>DISPOR</i>	<i>DISPONIBILIZAR</i>	-

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2. a) Identifique o infinitivo e os radicais dos verbos abaixo. Siga o modelo do primeiro exemplo.

Verbo	Infinitivo	Radical
Compraremos	COMPRAR	COMPR-
Abrirei		
Indicaria		
Convidássemos		
Vendêssemos		
Limitemos		
Criaria		
Separava		
Digitei		
Assistimos		
Emprego		
Quebravam		

b) Encontre o radical primário e o secundário dos verbos abaixo. Siga o modelo do primeiro exemplo.

Verbo	Radical primário	Radical secundário
Esverdear	VERD	ESVERDE-
Amanhecer		
Anoitecer		
Enriquecer		
Amolecer		
Endurecer		
Amadurecer		
Envergonhar		
Alistar		
Empapelar		
Empalidecer		

RESPOSTA COMENTADA

2. a) Os radicais dos verbos expressos nesta atividade são identificados através da extração de suas terminações quando no infinitivo. Desse modo, a tabela deve ser preenchida como a transcrita abaixo:

Verbo	Infinitivo	Radical
compraremos	COMPRAR	COMPR-
abrirei	ABRIR	ABR-
indicaria	INDICAR	INDIC-
convidássemos	CONVIDAR	CONVID-
vendêssemos	VENDER	VEND-
limitemos	LIMITAR	LIMIT-
criaria	CRIAR	CRI-
separava	SEPARAR	SEPAR-
digitei	DIGITAR	DIGIT-
assistimos	ASSISTIR	ASSIST-
emprego	EMPREGAR	EMPREG-
quebravam	QUEBRAR	QUEBR-

b) Os verbos abaixo são derivados de substantivos e adjetivos. Para encontrar seus radicais primários, devemos identificar o radical de sua palavra primitiva. Por exemplo, como esverdear deriva de verde, o radical primário é identificado na palavra primitiva e assim sucessivamente. Já para encontrar os radicais secundários, o procedimento é o mesmo que o utilizado anteriormente, isto é, extraem-se as terminações do infinitivo. Confira o resultado na tabela abaixo:

Verbo	Radical primário	Radical secundário
esverdear	VERD-	ESVERDE-
amanhecer	MANH-	AMANHEC-
anoitecer	NOIT-	ANOITEC-
enriquecer	RIC-	ENRIQUEC-
amolecer	MOL-	AMOLEC-
endurecer	DUR-	ENDUREC-
amadurecer	MADUR-	AMADUREC-
envergonhar	VERGONH-	ENVERGONH-
alistar	LIST-	ALIST-
empapelar	PAPEL-	EMPAPEL-
empalidecer	PALID-	EMPALIDEC-

Vogal temática

A vogal temática recebe este nome pelo fato de ser a responsável pela construção do tema quando anexada ao radical. O tema, por sua vez, é “a parte pronta da palavra para funcionar no discurso e para receber a desinência ou o sufixo” (BECHARA, 1999, p. 337).

Nas matrizes verbais, a identificação das vogais temáticas é uma atividade simples, pois são as vogais da terminação do verbo. Veja:

-a-, para os verbos da primeira conjugação (fum - a - r)

-e-, para os verbos da segunda conjugação (faz - e - r)

-i-, para os verbos da terceira conjugação (part - i - r)

Vale ressaltar que a presença da VT não é condição *sine qua non* dos verbos, na medida em que ela não se apresenta em todas as flexões verbais. Veja o exemplo:

Quadro 9.7: Ocorrência das VTs

COMER	VT	OBSERVAÇÕES
Eu comi	Não apresenta	A 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito dos verbos de 2ª conjugação no modo indicativo não apresenta VT.
Tu comeste	“e” (em negrito)	
Ele comeu	“e” (em negrito)	
PARTIR	VT	OBSERVAÇÕES
Eu parto	Não apresenta	A 1ª pessoa do singular do presente do indicativo dos verbos da 3ª conjugação não apresenta VT; a 2ª pessoa do singular e a 3ª pessoa do singular e do plural apresentam VT alomorfe.
Tu partes	“e” (alomorfe)	
Ele parte	“e” (alomorfe)	

No pretérito perfeito do indicativo, há vogais temáticas alomorfe – “E” e “O” – na 1ª e 3ª pessoas do singular dos verbos de 1ª conjugação (ex.: amei, amou); no pretérito imperfeito do indicativo, há VTs alomorfe nos verbos de 2ª conjugação (ex.: vendia, vendíamos); no presente do indicativo, há VTs alomorfe na 2ª pessoa do singular e 3ª pessoa do singular e do plural dos verbos de 3ª conjugação (ex.: partes, parte, partem).

Desinência modo-temporal (DMT) e desinência número-pessoal (DNP)

A desinência modo-temporal recebe esse nome por indicar o tempo e o modo verbais. Em *cantávamos*, por exemplo, o morfema *-va* é próprio do pretérito imperfeito do indicativo dos verbos de 1ª conjugação, pertencente a todas as suas flexões (*cantava, cantavas, cantávamos, cantáveis, cantavam*).

No mesmo sentido, a desinência número-pessoal indica o número (se singular ou plural) e a pessoa do discurso (se primeira, segunda ou terceira). Como ilustração, ainda no exemplo *cantávamos*, observamos que o morfema *-mos* indica que a flexão verbal se refere a 1ª pessoa do plural. Especificamente, no caso de *-mos*, há uma representação da 1ª pessoa do plural para todos os tempos e modos verbais.

Quadro 9.10: Quadro das desinências verbais

Modo-temporais						
-va/ve: pretérito imperfeito do indicativo – verbos da 1ª conjugação – (amava)						
-a: pretérito imperfeito do indicativo – verbos da 2ª e da 3ª conjugações (vendia/partia)						
-ra: pretérito perfeito, exclusivamente para a terceira pessoa do plural (amaram, venderam, partiram)						
-ra/re: pretérito mais-que-perfeito do indicativo (amara)						
-sse: pretérito imperfeito do subjuntivo (amasse)						
-ria/rie: futuro do pretérito do indicativo (amaria)						
-ra/re: futuro do presente do indicativo (amarei)						
-r: futuro do subjuntivo (quando eu amar)						
-a/e: presente do subjuntivo (que eu ame/peça)						
Número-pessoais						
	Presente		Pretérito perfeito		Infinitivo pessoal Fut. do subjuntivo	
Pessoa	Singular	Plural	Singular	Plural	Singular	Plural
1ª	-O	-MOS	-I	-MOS	Ø	-MOS
2ª	-S	-IS (-DES)	-STE	-STES	-ES	-DES
3ª	Ø	-M	-U	-RAM	Ø	-EM
Observações:						
1) As desinências <i>-i, -u, -ste</i> e <i>-stes</i> acumulam as funções número-pessoal e modo-temporal no pretérito perfeito do indicativo;						
2) As chamadas formas nominais do verbo, o <i>infinitivo</i> , o <i>gerúndio</i> e o <i>particípio</i> , são constituídas respectivamente pelos seguintes sufixos <i>-r, -ndo -ado(a)</i> ;						
3) No futuro do presente, os morfemas <i>-i</i> e <i>-o</i> são desinências número-pessoais (<i>amarei, amarão</i>);						
4) A vogal temática dos verbos da 1ª conjugação (terminados em <i>-ar</i>) são alomorfes na 1ª e 3ª pessoas do singular quando no pretérito perfeito, pois apenas <i>-i</i> e <i>-u</i> são DNP. Veja: <i>Amei, amaste, amou, amamos, amastes, amaram</i> (<i>-e</i> e <i>-o</i> são alomorfes na 1ª e 3ª pessoas do singular)						
5) A vogal temática dos verbos da 2ª conjugação são alomorfes no pretérito imperfeito do indicativo, substituindo-se o <i>-e</i> pelo <i>-i</i> . Ex.: <i>comia, comias, comia, comíamos, comiéis, comiam</i> .						

Embora o quadro acima facilite a identificação dos morfemas verbais, o conjunto de procedimentos explicitados ao longo deste tópico são suficientes para a identificação de tais categorias. Veja alguns exemplos:

a) *Cantássemos*

Radical	VT	DMT	DNP
CANT-	-A	-SSE	-MOS

Para encontrar o radical de *cantássemos*, extraímos a terminação do infinitivo *cantar* e obtemos, portanto, *cant-*. Paralelamente, a VT dos verbos é a mesma que se apresenta na terminação verbal. Como *cantar* é um verbo da primeira conjugação, sua vogal temática é *-a*, que está presente na flexão *cantássemos*. *-sse* é DMT, na medida em que é padrão de flexão do pretérito imperfeito do modo do subjuntivo (*cantasse, cantasses, cantássemos, cantásseis, cantassem*). *-mos* é DNP porque faz referência à pessoa do discurso “*nós*”.

b) *Vendo*

Radical	VT	DMT	DNP
VEND-	Ø	Ø	-O

Do infinitivo *vender*, retira-se a terminação, obtendo-se o radical *vend-*. Por ser um verbo de 2ª conjugação, a VT é *-e*. Porém, ela é ausente na flexão da 1ª pessoa do singular. Não há DMT no presente do indicativo, uma vez que não há nenhum morfema padrão (além do radical e da VT) que se apresenta ao longo das flexões nesse tempo e modo verbais. *-O* é DNP porque faz referência estrita à primeira pessoa do singular.

c) *Comparou*

Radical	VT	DMT	DNP
COMPAR-	-O (alomorfe)	Ø	-U

Do infinitivo *comparar*, temos o radical *COMPAR-*, retirando-se a terminação da 1ª conjugação. Embora a VT da 1ª conjugação seja *-a*, o *-o*, nesse caso, representa uma alomorfa da VT. Para tal conclusão, basta comparar a flexão da 3ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo dos verbos da 1ª conjugação com as respectivas formas na

2ª e 3ª conjugações. As formas *comeu* e *partiu*, por exemplo, apresentam suas respectivas VTs *-e* e *-i*, seguidas da DNP *-u*. Sendo, portanto, a DNP da 3ª pessoa do singular apenas a partícula *-u*, só podemos conceber o *-o* de *comparou* como VT alomorfe. Esse morfema não pode ser considerado uma DMT, uma vez que não é padrão para a flexão do respectivo tempo e modo verbais.

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

3. a) Depreenda os morfemas dos verbos abaixo. O primeiro exemplo foi feito como modelo.

	Radical	Vogal temática	D. modo-temporal	D. número-pessoal
compraríamos	COMPR-	-A-	-RIA-	-MOS
amásemos				
falaremos				
partia				
amava				
comprardes				
olhe				
vendi				
continuassem				
entendes				
criastes				
leu				
amaremos				
fecharmos				
tomo				

b) Sublinhe os verbos que possuem vogal temática alomorfe e justifique a sua escolha.

vendi partiu amassou criei
roubou amarei comprássemos diriam

RESPOSTA COMENTADA

3. a)

	Radical	VT	DMT	DNP
Comprariamos	COMPR-	-A-	-RIA-	-MOS
Amássemos	AM-	-A-	-SSE-	-MOS
Falaremos	FAL-	-A-	-RE-	-MOS
Partia	PART-	-I-	-A	Ø
Amava	AM-	-A-	-VA-	Ø
Comprardes	COMPR-	-A-	-R-	-DES
Olhe	OLH-	Ø	-E-	Ø
Vendi	VEND-	Ø	(-I)	(-I)
Continuassem	CONTINU-	-A-	-SSE-	-M
Entendes	ENTEND-	-E-	Ø	-S
Criastes	CRI-	-A-	(-STES)	(-STES)
Leu	L-	-E-	-U-	-U
Amaremos	AM-	-A-	-RE-	-MOS
Fecharmos	FECH-	-A-	-R-	-MOS
Tomo	TOM-	Ø	Ø	-O

Para identificar o radical, devemos extrair a terminação dos verbos no infinitivo. Portanto, comprar → compr-; amar → am-; falar → fal-; partir → part-; olhar → olh-; vender → vend-; continuar → continu-; entender → entend-; criar → cri-; ler → l-; fechar → fech-; tomar → tom-.

Para identificar a VT, analisamos se as vogais após o radical são as mesmas que a da conjugação. Portanto, comprar, amar, falar, olhar, continuar, entender, fechar e tomar → -a; vender, entender e ler → -e; partir → -i.

As DMTs, além de identificarem tempo e modo verbais, representam um padrão para a conjugação do verbo. Portanto, -ria se apresenta nas flexões do futuro do pretérito do indicativo (compraria, comprarias, compraria, compraríamos, compraríeis, comprariam); -sse, no pretérito imperfeito do subjuntivo (amasse, amasses, amasse, amássemos, amásseis, amassem); -ra/re, no futuro do presente do indicativo (falarei, falarás, falará, falaremos, falareis, falarão); -a, no pretérito imperfeito do indicativo dos verbos de 2ª e 3ª conjugações (partia, partias, partia, partíamos, partíeis, partiam); -va, no pretérito imperfeito do indicativo (amava, amavas, amava, amávamos, amáveis, amavam). -r, no futuro do subjuntivo (comprar, compres, comprar, compramos, comprardes, comprem); -e, no presente do subjuntivo dos verbos de 1ª conjugação (olhe, olhes, olhe, olhemos, olheis, olhem). As formas -i, -u e -stes são, ao mesmo tempo, DMTs e DNPs porque são formas particulares do pretérito perfeito do indicativo.

Quanto às DNPs, -mos faz referência à 1ª pessoa do plural; -des, à 2ª pessoa do plural; -m, à 3ª pessoa do plural; -s, à 2ª pessoa do singular; -o, à 1ª pessoa do singular.

b) as flexões que apresentam VTs alomorfas são as formas amassou, criei e roubou. Os verbos de primeira conjugação, no pretérito perfeito do indicativo, apresentam alomorfia na VT de 1ª e 3ª pessoas do singular, uma vez que a DMT/DNP são -i e -u. Veja:

	AMAR	VENDER	PARTIR
Eu	amei	vendi	partii
Ele	amou	vendeu	partiu

O PARADIGMA DA FLEXÃO VERBAL NOS TEMPOS SIMPLES

Os tempos simples são aqueles nos quais os verbos são formados por uma só palavra, em oposição aos tempos compostos, em cuja formação há locução verbal (constituída de verbo auxiliar *ter* e *haver* e acrescida de um verbo no particípio).

Cunha (2001) adota um artifício didático para uma melhor compreensão do paradigma das conjugações. Segundo o autor, tal artifício consiste “em admitir que o verbo apresente três tempos *primitivos*, sendo os outros deles *derivados*” (*op. cit.*, p. 389).

Derivados do presente do indicativo

A partir do *presente do indicativo*, formam-se o *pretérito imperfeito do indicativo*, o *presente do subjuntivo* e o *imperativo*. Primeiramente, vejamos as flexões do presente do indicativo nas três conjugações:

Quadro 9.11: Paradigmas das conjugações verbais: Presente do indicativo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
AMAR	VENDER	PARTIR
AM-o	VEND-o	PART-o
AM-as	VEND-es	PART-es
AM-a	VEND-e	PART-e
AM-amos	VEND-emos	PART-imos
AM-ais	VEND-eis	PART-is
AM-am	VEND-em	PART-em

Pretérito imperfeito do indicativo

Ao radical do verbo acrescentam-se:

- a) na 1ª conjugação, as terminações *-ava, -avas, -ava, -ávamos, -áveis, -avam* (VT= *-a*; DMT= *-va*; DNP= morfemas restantes);
- b) na 3ª conjugação, as terminações *-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam* (VT= *-i*; DMT= *-a*; DNP= morfemas restantes);
- c) na 2ª conjugação, as mesmas terminações da 3ª, por ter vogal temática *-e* passada a *-i*.

Em esquema canônico, o paradigma para o pretérito imperfeito do indicativo é o seguinte:

Quadro 9.12: Paradigmas das conjugações verbais: pretérito imperfeito do indicativo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
AMAR	VENDER	PARTIR
AM-ava AM-avas AM-ava AM-ávamos AM-áveis AM-avam	VEND-ia VEND-ias VEND-ia VEND-íamos VEND-íeis VEND-iam	PART-ia PART-ias PART-ia PART-íamos PART-íeis PART-iam

Presente do subjuntivo

Ao radical, acrescentam-se as desinências próprias do presente do subjuntivo: *-e, -es, -emos, -eis, -em*, nos verbos da 1ª conjugação; *-a, -as, -a, -amos, -ais, -am*, nos verbos de 2ª e 3ª conjugações.

Quadro 9.13: Paradigmas das conjugações verbais: presente do subjuntivo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
AMAR	VENDER	PARTIR
AM-e AM-es AM-e AM-emos AM-eis AM-em	VEND-a VEND-as VEND-a VEND-amos VEND-ais VEND-am	PART-a PART-as PART-a PART-amos PART-ais PART-am

Imperativo

O imperativo negativo é conjugado do mesmo modo que o presente do subjuntivo. Já o imperativo afirmativo também segue o modelo do presente do subjuntivo, com a exceção das 2^{as} pessoas do singular e do plural, que são flexionadas como o presente do indicativo, com a supressão do -s final.

Quadro 9.14: Paradigmas das conjugações verbais: imperativo afirmativo

AM-a(s) AM-ai(s)	BEB-e(s) BEB-ei(s)	PART-e(s) PART-i(s)
---------------------	-----------------------	------------------------

Derivados do pretérito perfeito do indicativo

Do *pretérito perfeito*, formam-se o *mais-que-perfeito do indicativo*, o *imperfecto do subjuntivo* e o *futuro do subjuntivo*. Primeiramente, vejamos as flexões do pretérito perfeito do indicativo nas três conjugações:

Quadro 9.14 : Paradigmas das conjugações verbais: pretérito perfeito do indicativo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
AMAR	VENDER	PARTIR
AM-ei AM-aste AM-ou AM-amos AM-astes AM-aram	VEND-i VEND-este VEND-eu VEND-emos VEND-estes VEND-eram	PART-i PART-iste PART-iu PART-imos PART-stes PART-iram

O mais-que-perfeito do indicativo

Juntam-se as seguintes terminações ao tema do verbo (radical + VT): *-ra, -ras, -ra, -ramos, -reis, -ram*:

Quadro 9.15: Paradigmas das conjugações verbais: pretérito mais-que-perfeito

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
AMAR	VENDER	PARTIR
AMA-ra AMA-ras AMA-ra AMÁ-ramos AMÁ-reis AMA-ram	VENDE-ra VENDE-ras VENDE-ra VENDÊ-ramos VENDÊ-reis VENDE-ram	PARTI-ra PARTI-ras PARTI-ra PARTÍ-ramos PARTÍ-reis PARTI-ram

O pretérito imperfeito do subjuntivo

Juntam-se ao tema do verbo as terminações *-sse*, *-sSES*, *-sse*, *-ssemos*, *-sseis*, *-ssem*:

Quadro 9.16: Paradigmas das conjugações verbais: Pretérito imperfeito do subjuntivo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
AMAR	VENDER	PARTIR
AMA- <i>sse</i> AMA- <i>sSES</i> AMA- <i>sse</i> AMÁ- <i>ssemos</i> AMÁ- <i>sseis</i> AMA- <i>ssem</i>	VENDE- <i>ra</i> VENDE- <i>sse</i> VENDE- <i>sSES</i> VENDÊ- <i>ssemos</i> VENDÊ- <i>sseis</i> VENDE- <i>ssem</i>	PARTI- <i>ra</i> PARTI- <i>sse</i> PARTI- <i>sSES</i> PARTI- <i>ssemos</i> PARTI- <i>sseis</i> PARTI- <i>ssem</i>

O futuro do subjuntivo

Ao tema, juntam-se as terminações *-r*, *-res*, *-r*, *-rmos*, *-rdes*, *-rem*:

Quadro 9.17: Paradigmas das conjugações verbais: futuro do subjuntivo

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
AMAR	VENDER	PARTIR
AMA- <i>r</i> AMA- <i>res</i> AMA- <i>r</i> AMÁ- <i>rmos</i> AMA- <i>rdes</i> AMA- <i>rem</i>	VENDE- <i>r</i> VENDE- <i>res</i> VENDE- <i>r</i> VENDÊ- <i>rmos</i> VENDE- <i>rdes</i> VENDE- <i>rem</i>	PARTI- <i>r</i> PARTI- <i>res</i> PARTI- <i>r</i> PARTI- <i>rmos</i> PARTI- <i>rdes</i> PARTI- <i>rem</i>

Derivados do infinitivo impessoal

Do *infinitivo impessoal* formam-se os dois futuros simples do indicativo e o infinitivo pessoal.

O futuro do presente

Ao infinitivo impessoal, acrescentam-se as terminações *-ei*, *-ás*, *-á*, *-emos*, *-eis*, *-ão*:

Quadro 9.18: Paradigmas das conjugações verbais: futuro do presente

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
AMAR	VENDER	PARTIR
AMAR- <i>ei</i> AMAR- <i>ás</i> AMAR- <i>á</i> AMAR- <i>emos</i> AMAR- <i>eis</i> AMAR- <i>ão</i>	VENDER- <i>ei</i> VENDER- <i>ás</i> VENDER- <i>á</i> VENDER- <i>emos</i> VENDER- <i>eis</i> VENDER- <i>ão</i>	PARTIR- <i>ei</i> PARTIR- <i>ás</i> PARTIR- <i>á</i> PARTIR- <i>emos</i> PARTIR- <i>eis</i> PARTIR- <i>ão</i>

O futuro do pretérito

Ao infinitivo impessoal, acrescentam-se as terminações *-ia*, *-ias*, *-ia*, *-íamos*, *-íeis*, *-iam*:

Quadro 9.19: Paradigmas das conjugações verbais: futuro do pretérito

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
AMAR	VENDER	PARTIR
AMAR- <i>ia</i> AMAR- <i>ias</i> AMAR- <i>ia</i> AMAR- <i>íamos</i> AMAR- <i>íeis</i> AMAR- <i>iam</i>	VENDER- <i>ia</i> VENDER- <i>ias</i> VENDER- <i>ia</i> VENDER- <i>íamos</i> VENDER- <i>íeis</i> VENDER- <i>iam</i>	PARTIR- <i>ia</i> PARTIR- <i>ias</i> PARTIR- <i>ia</i> PARTIR- <i>íamos</i> PARTIR- <i>íeis</i> PARTIR- <i>iam</i>

O infinitivo pessoal

Ao infinitivo impessoal, acrescentam-se as desinências pessoais *-es* (2ª pessoa do singular), *-mos*, *-des*, *-em*:

Quadro 9.20: Paradigmas das conjugações verbais: Infinitivo pessoal

1ª conjugação	2ª conjugação	3ª conjugação
AMAR	VENDER	PARTIR
AMAR AMAR- <i>es</i> AMAR AMAR- <i>mos</i> AMAR- <i>des</i> AMAR- <i>em</i>	VENDER VENDER- <i>es</i> VENDER VENDER- <i>mos</i> VENDER- <i>des</i> VENDER- <i>em</i>	PARTIR PARTIR- <i>es</i> PARTIR PARTIR- <i>mos</i> PARTIR- <i>des</i> PARTIR- <i>em</i>

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 3

4. a) Prossiga dando a pessoa, o número, o tempo e o modo das formas verbais:

Cansam	<i>3ª pessoa do plural do presente do indicativo</i>
cessariam	
deixávamos	
dançarão	
achastes	
considerem	
deixei	
deixasse	

b) Conjugue por escrito o verbo *descansar* nos tempos simples do indicativo.

	Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito
Eu			
Tu			
Ele			
Nós			
Vós			
Eles			
	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
Eu			
Tu			
Ele			
Nós			
Vós			
Eles			

c) Conjugue o verbo *falar* nos tempos do subjuntivo.

	Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
Eu			
Tu			
Ele			
Nós			
Vós			
Eles			

d) Flexione por escrito o verbo *despejar* no imperativo afirmativo e negativo.

Imperativo afirmativo	Imperativo negativo	
		eu
		tu
		você
		nós
		vós
		vocês

e) Conjugue por escrito o verbo *suar* no infinitivo pessoal.

	Infinitivo pessoal
Eu	
Tu	
Ele	
Nós	
Vós	
Eles	

RESPOSTA COMENTADA

a)

cessariam	<i>3ª pessoa do singular do futuro do pretérito do indicativo</i>
deixávamos	<i>1ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do indicativo</i>
dançarão	<i>3ª pessoa do plural do futuro do presente do indicativo</i>
achastes	<i>2ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo</i>
considerem	<i>3ª pessoa do plural do presente do subjuntivo</i>
deixei	<i>1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo</i>
deixasse	<i>1ª ou 3ª pessoa do singular do pretérito imperfeito do subjuntivo</i>

b)

	Presente	Pretérito perfeito	Pretérito imperfeito
Eu	<i>descanso</i>	<i>descansei</i>	<i>descansava</i>
Tu	<i>descansas</i>	<i>descansaste</i>	<i>descansavas</i>
Ele	<i>descansa</i>	<i>descansou</i>	<i>descansava</i>
Nós	<i>descansamos</i>	<i>descansamos</i>	<i>descansávamos</i>
Vós	<i>descansais</i>	<i>descansastes</i>	<i>descansáveis</i>
Eles	<i>descansam</i>	<i>descansaram</i>	<i>descansavam</i>
	Pretérito mais-que-perfeito	Futuro do presente	Futuro do pretérito
Eu	<i>descansara</i>	<i>descansarei</i>	<i>descansaria</i>
Tu	<i>descansaras</i>	<i>descansarás</i>	<i>descansarias</i>
Ele	<i>descansara</i>	<i>descansará</i>	<i>descansaria</i>
Nós	<i>descansáramos</i>	<i>descansaremos</i>	<i>descansaríamos</i>
Vós	<i>descansáreis</i>	<i>descansareis</i>	<i>descansaríeis</i>
Eles	<i>descansaram</i>	<i>descansarão</i>	<i>descansariam</i>

c)

	Presente	Pretérito imperfeito	Futuro
Eu	<i>fale</i>	<i>falasse</i>	<i>falar</i>
Tu	<i>fales</i>	<i>falasses</i>	<i>falares</i>
Ele	<i>fale</i>	<i>falasse</i>	<i>falar</i>
Nós	<i>falemos</i>	<i>falássemos</i>	<i>falarmos</i>
Vós	<i>faleis</i>	<i>falásseis</i>	<i>falardes</i>
Eles	<i>falem</i>	<i>falassem</i>	<i>falarem</i>

d)

Imperativo afirmativo	Imperativo negativo	
<i>despeje</i>	<i>despeje</i>	<i>eu</i>
<i>despeja</i>	<i>despejes</i>	<i>tu</i>
<i>despeje</i>	<i>despeje</i>	<i>ocê</i>
<i>despejemos</i>	<i>despejemos</i>	<i>nós</i>
<i>despejai</i>	<i>despejeis</i>	<i>vós</i>
<i>despejem</i>	<i>despejem</i>	<i>vocês</i>

e)

	Infinitivo pessoal
Eu	<i>suar</i>
Tu	<i>suares</i>
Ele	<i>suar</i>
Nós	<i>suarmos</i>
Vós	<i>suardes</i>
Eles	<i>suares</i>

CONCLUSÃO

O conhecimento das propriedades mórficas e do paradigma de flexão dos verbos é pré-requisito para um domínio proficiente do mecanismo de flexão verbal. A utilização das formas verbais e suas flexões encontra-se no dia a dia de qualquer indivíduo falante com qualquer grau de escolarização. Evidentemente que o falante leigo não se dá conta da existência de elementos estruturais que compõem aquelas construções. Quanto à morfologia, o verbo é uma palavra variável, que se flexiona em tempo (presente, pretérito ou futuro), modo (indicativo, subjuntivo ou imperativo), número (singular ou plural) e pessoa (primeira, segunda ou terceira). No que tange à semântica, o verbo pode exprimir ideia de estado, de ação ou de fenômenos naturais, representados no tempo. Em termos sintáticos (ou funcionais), verbo é o termo fundamental para a existência de uma oração, sendo seu termo nuclear.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivo 1 e 2

Leia o texto de Millôr Fernandes.

O nascer do capitalismo

Um homem tinha uma fazenda perto de um rio. Certo dia o rio começou a subir e ele percebeu que sua fazenda ia ficar submersa. Transferiu toda sua família e todo seu gado e todos seus utensílios e móveis para o alto da montanha mais próxima. Havia, na sua fazenda, exatamente 284 quilômetros de cerca de arame farpado. Era um arame de sete farpas por metro, num total de sete mil farpas por quilômetro e, portanto, toda cerca somava 1.988.000 farpas. O homem arranhou um empregado, que, sem comer nem dormir, colocou em cada uma dessas farpas um pedacinho de carne, uma isca qualquer. Quando terminou, mal teve tempo de subir a montanha. Veio o dilúvio.

Durante noventa e três horas choveu ininterruptamente. Durante noventa e seis horas o rio esteve três metros acima da cerca. Mas logo as águas cederam, e rapidamente o rio voltou ao normal. O homem desceu e examinou a cerca. Encontrou, maravilhado, um peixe pendente de cada farpa, exceto três.

Ou seja, um total de 1.987.997 peixes. Havia tainhas, e havia robalos, corvinas, namorados, galos e muitas outras espécies que ele nunca vira.

Cada peixe pesava, em média, duzentos e cinquenta gramas, de modo que o homem tinha um total de 496.099.250 gramas de peixe fresco, ou seja, palavras, 496.999 quilos de peixe. Isso tudo, vendido a 200 cruzeiros o quilo, vocês façam a conta e Ah, naturalmente o empregado foi despedido porque colocou mal as iscas nas três farpas que falharam

Fonte: Millôr Fernandes. *Fábulas Fabulosas*. Editora Nórdica – adaptado. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/millor/fabulas/023.htm>. Acesso em: 30 jun. 2012.

a) Quantas formas verbais você distingue no texto, considerando também as que se repetem?

b) Sublinhe todas elas.

c) Distribua as formas verbais que você encontrou nas três conjugações. Lembre-se de que você tem que converter as formas flexionadas para o infinitivo, de modo a reconhecer as conjugações.

d) Escolha, dentre as formas encontradas, pelo menos, seis exemplos de verbos regulares e seis de verbos irregulares.

e) Em qual das conjugações há menor ocorrência de verbos irregulares?

a) Há um total de 34 formas verbais.

b) Um homem tinha uma fazenda perto de um rio. Certo dia o rio começou a subir e ele percebeu que sua fazenda ia ficar submersa. Transferiu toda sua família, todo seu gado e todos seus utensílios e móveis para o alto da montanha mais próxima. Havia, na sua fazenda, exatamente 284 quilômetros de cerca de arame farpado. Era um arame de sete farpas por metro, num total de sete mil farpas por quilômetro e, portanto, toda cerca somava 1.988.000 farpas. O homem arranjou um empregado, que, sem comer nem dormir, pôs em cada uma dessas farpas um pedacinho de carne, uma isca qualquer. Quando terminou, mal teve tempo de subir a montanha. Veio o dilúvio.

Durante noventa e três horas choveu ininterruptamente. Durante noventa e seis horas o rio esteve três metros acima da cerca. Mas logo as águas cederam, e rapidamente o rio voltou ao normal. O homem desceu e examinou a cerca. Encontrou, maravilhado, um peixe pendente de cada farpa, exceto três. Ou seja, um total de 1.987.997 peixes. Havia tainhas, robalos, corvinas, namorados, galos e muitas outras espécies que ele nunca vira.

Cada peixe pesava, em média, duzentos e cinquenta gramas, de modo que o homem tinha um total de 496.099.250 gramas de peixe fresco, ou seja, 496.999 quilos de peixe. Isso tudo, vendido a 200 cruzeiros o quilo, vocês façam a conta e Ah, naturalmente o empregado foi despedido porque colocou mal as iscas nas três farpas que falharam!

c) Primeira conjugação (-ar): *começar, ficar, somar, arranjar, terminar, estar, voltar, examinar, encontrar, pesar, colocar, falhar*

Segunda conjugação (-er): *ter (três vezes), perceber, haver (duas vezes), ser (duas vezes), comer, pôr, chover, ceder, descer, ver, fazer*

Terceira conjugação (-ir): *subir (duas vezes), ir, transferir, dormir, vir, despedir*

d) Pertencem a verbos regulares as formas: *começar, ficar, somar, arranjar, terminar, voltar examinar, encontrar, pesar, colocar e falhar e comer*; pertencem a verbos que apresentam algum tipo de irregularidade as formas: *estar, ter, haver, perceber, ser, pôr, chover, ceder, descer, ver, fazer, subir, ir, transferir, dormir, vir e despedir*.

e) Na primeira conjugação, há menor concentração de verbos irregulares, sendo encontrado apenas o verbo *estar* no texto em questão.

RESUMO

Os verbos regulares são categorias linguísticas cujo sistema de flexão de tempo e modo, número e pessoa obedece a um padrão que, embora complexo, é previsto em parâmetros de conjugação, tempo, modo, número e pessoa do discurso.

O objetivo desta aula foi o de ensiná-lo(a) a entender o funcionamento desse complexo mecanismo, a partir do reconhecimento dos morfemas constituintes dos verbos regulares em suas diferentes flexões do tempo simples.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, daremos continuidade ao estudo dos verbos regulares, com a análise do mecanismo de flexão dos tempos compostos e das formas nominais do verbo. Até lá!

O mecanismo da flexão verbal II

Monclar Guimarães Lopes
Ronaldo Amorim Lima

AULA

10

Meta da aula

Apresentar os morfemas constituintes das formas nominais do verbo, dos verbos pronominais e os seguintes paradigmas de flexão dos verbos regulares: a) os tempos simples na voz ativa; b) os tempos compostos nas vozes ativa e passiva.

objetivos

Esperamos que, ao final desta aula, você seja capaz de:

1. reconhecer os morfemas constituintes das formas nominais do verbo – isto é, do infinitivo, do gerúndio e do particípio – e dos verbos pronominais;
2. distinguir e empregar o paradigma de flexão dos verbos regulares nos tempos simples na voz passiva, bem como nos tempos compostos nas vozes ativa e passiva.

INTRODUÇÃO

Na aula anterior, demos início ao estudo do mecanismo de flexão verbal, partindo do paradigma de flexão dos verbos regulares nos tempos simples. Nesta aula, daremos continuidade à análise dos verbos regulares, por meio do estudo de suas formas nominais, dos verbos pronominais, da conjugação dos tempos simples na voz ativa, da conjugação dos tempos compostos tanto na voz ativa quanto na passiva.

O domínio de tais conceitos e de seu paradigma de flexão é bastante relevante ao estudo do uso da língua, sobretudo no que tange ao emprego da variedade padrão do idioma, haja vista a existência de outros registros na língua. A título de ilustração dessa variedade de registros, podemos citar a omissão do *d* do gerúndio e do *r* do infinitivo em algumas ocorrências da escrita e em várias outras da oralidade; a dúvida no emprego do particípio quando em relação a um determinado verbo auxiliar; a regência dos verbos pronominais; a concordância na voz passiva sintética, entre outros. Boa aula!

AS FORMAS NOMINAIS DO VERBO

O *infinitivo*, o *gerúndio* e o *particípio* são considerados formas nominais do verbo na medida em que podem desempenhar a função de nomes. Veja:

- a) *Amar* é ter paciência quando ele não para de falar;
- b) Acrescente água *fervendo* à receita;
- c) Ele é um cara bem *conhecido*.

Em *a*, o verbo destacado exerce a função de substantivo (*amar* = o ato de *amar*); em *b* e *c*, as palavras destacadas exercem a função de adjetivo. Logo, todas as três formas nos exemplos citados exercem funções prototípicas de *nomes*.

As formas nominais do verbo são assim consideradas por não definirem as pessoas do discurso (com exceção do infinitivo pessoal) e por possuírem, quando possíveis, desinências nominais idênticas às que caracterizam a flexão dos nomes (gênero e número). Tais categorias derivam do tema (radical + vogal temática) acrescido das seguintes desinências verbo-nominais:

- a) *-r*: para o infinitivo: cantar; vender; partir;
- b) *-do*: para o particípio: cantado; vendido; partido;
- c) *-ndo*: para o gerúndio: cantando; vendendo; partindo.

O verbo *vir* e seus derivados formam seus participios como o gerúndio do verbo, isto é, *vindo* (ex.: *provir* → *provindo*; *intervir* → *intervindo*).

Os participios também podem ser compostos pela terminação *-to* ou *-so*. Esses casos serão vistos na próxima aula, uma vez que tais formas são consideradas irregulares.

Paralelamente, as formas nominais dos verbos representam um outro aspecto regular do estudo verbal. Inclusive, podemos considerar tais categorias como as mais regulares do sistema de flexão de verbos, na medida em que apresentam flexões regulares tanto para os verbos já considerados regulares quanto para os irregulares, com raras exceções. Veja:

VERBO CANTAR (REGULAR)		
Infinitivo	Gerúndio	Particípio
Cantar	Cantando	Cantado
VERBO SABER (IRREGULAR)		
Infinitivo	Gerúndio	Particípio
Saber	Sabendo	Sabido

Na formação de participios, há verbos que os formam apenas regularmente (ex.: *comprar* → *comprado*; *partir* → *partido*), outros que formam participio tanto regular quanto irregularmente (ex.: *imprimir* → *imprimido*, *impresso*; *expulsar* → *expulsado*, *expulso*) e, por fim, alguns poucos que formam participio apenas irregularmente. Estes últimos são os verbos *dizer*, *escrever*, *fazer*, *ver*, *pôr*, *abrir*, *cobrir*, *vir* e seus derivados, cujos participios apresentam as formas *dito*, *escrito*, *feito*, *visto*, *posto*, *aberto*, *coberto* e *vindo*. No caso dos derivados, exclui-se *prover*, cujo participio é *provido*.

OS VERBOS PRONOMINAIS

Existem alguns verbos que são sempre conjugados com pronomes átonos. Nesse caso, tais pronomes fazem parte da constituição do verbo e não apresentam seu sentido próprio (ex.: *queixar-se, apiedar-se, condoer-se, arrepender-se, alegrar-se, zangar-se, indignar-se* etc.).

Tais verbos são conjugados na voz ativa, associando-se a eles os pronomes *me, te, se, nos, vos, se*. Veja:

- a) Ele *se queixou* da falta de salário.
- b) Maria *se arrependeu* de sua atitude.
- c) Ele sempre *se indigna* com as posturas do filho mais novo.

Vale ressaltar que as formas da 1ª pessoa do plural perdem o -s final antes de receber o pronome enclítico, isto é, o pronome que se posiciona após o verbo, separando-se deste por hífen. Veja:

Arrependemo-nos de nossa má atitude.

Não devemos confundir verbo pronominal com voz reflexiva do verbo. Nos casos de verbo pronominal, tem-se o pronome como constituinte do próprio verbo, conforme explicação prévia. Nos casos em que há voz reflexiva do verbo, a presença do pronome oblíquo (nesse caso, pronome reflexivo) não é obrigatória. Na verdade, seu uso evidencia que o sujeito gramatical é ao mesmo tempo agente e paciente, isto é, ele faz uma ação cujos efeitos ele mesmo sofre ou recebe. Veja:

- a) Você *se prejudicará* se não fizer a prova (você prejudicará a você mesmo).
- b) Intoxiquei-me com o camarão (intoxiquei a mim mesmo).



ATIVIDADE

Atende ao Objetivo 1

1. a) Depreenda os morfemas das formas verbais e preencha o quadro abaixo.

fazer – ouvido – partindo – cair – falando –
sorrindo – cantado – permitido – parecendo

Radical	Vogal Temática	Desinências verbo-nominais

b) Fazendo uso das mesmas palavras analisadas na questão anterior, organize-as de acordo com sua classificação:

Formas do infinitivo	Formas do gerúndio	Formas do particípio

c) Distinga se os verbos destacados abaixo representam voz reflexiva (VR) ou verbos pronominais (VP)

- () Eu me deparei com sua foto naquela revista.
- () Não se queixe de todas as coisas.
- () Eu me considero um bom aluno.
- () Maria se analisou enquanto profissional.

RESPOSTA COMENTADA

1. a)

Radical	Vogal Temática	Desinências verbo-nominais
FAZ-	-E-	-R
OUV-	-I-	-DO
PART-	-I-	-NDO
CA-	-I-	-R
FAL-	-A-	-NDO
SORR-	-I-	-NDO
CANT-	-A-	-DO
PERMIT-	-I-	-NDO
PAREC-	-E-	-NDO

Devemos lembrar que o radical dos verbos primitivos é obtido com a extração da terminação do verbo em sua forma infinitiva. Portanto, fazer → faz; ouvir → ouv-; partir → part- (e assim sucessivamente). A vogal temática é a vogal da terminação do verbo. Portanto, verbos da 1ª, 2ª e 3ª conjugações têm as vogais temáticas a, e e i, respectivamente. No caso dos participios, como vimos, os verbos da segunda conjugação apresentam vogal temática alomorfe i. As desinências verbo-nominais são -r para infinitivo, -ndo para gerúndio e -do para participio (no caso dos participios regulares).

b)

Formas do infinitivo	Formas do gerúndio	Formas do participio
fazer cair	partindo falando sorrindo parecendo	ouvido cantado permitido

As formas nominais do verbo podem ser reconhecidas, exclusivamente, por suas desinências verbo-nominais: -r para infinitivo, -ndo para gerúndio e -do para participio.

c) (VP) Eu me deparei com sua foto naquela revista.

(VP) Não se queixe de todas as coisas.

(VR) Eu me considero um bom aluno.

(VR) Maria se analisou enquanto profissional.

Nas frases acima, deparar-se e queixar-se são verbos pronominais na medida em que os pronomes oblíquos átonos me e se constituem a estrutura do próprio verbo e não apresentam o sentido que é próprio dos pronomes oblíquos átonos, o de remeter-se ao sujeito como alvo, paciente da própria ação. Já nas ocorrências de considerar e analisar, me e se remetem-se ao sujeito e indicam-no como agente e paciente da própria ação, motivo pelo qual são consideradas formas da voz reflexiva.

OS TEMPOS SIMPLES NA VOZ PASSIVA

A voz verbal (ou diátese) determina a relação entre o acontecimento comunicado e seus participantes. Quando o sujeito gramatical expressa o *agente* do acontecimento, tem-se *voz ativa*; quando expressa o *paciente*, tem-se *voz passiva*. Veja dois exemplos:

- a) Marcos finalmente encontrou a camisa.
- b) A camisa finalmente foi encontrada por Marcos.

Em *a*, o sujeito gramatical *Marcos* exerce a ação de *encontrar*, sendo, portanto, o *agente* da ação. Em *b*, o sujeito gramatical *a camisa* sofre a ação de *encontrar*, sendo, portanto, *paciente*. Por conseguinte, temos, respectivamente, voz ativa e voz passiva.

No que se refere ao mecanismo de flexão, vimos, na aula anterior, o paradigma de flexão dos tempos simples na voz ativa. Neste tópico, concluiremos o estudo dos tempos simples por meio do tratamento do mecanismo de flexão na voz passiva.

Presente

Formado pelo *presente do indicativo* do verbo *ser* acrescido do *particípio* do verbo que se quer conjugar.

sou amado (-a)
és amado (-a)
é amado (-a)
somos amados (-as)
sois amados (-as)
são amados (-as)

Pretérito imperfeito

Formado pelo *pretérito imperfeito do indicativo* do verbo *ser* acrescido do *particípio* do verbo que se quer conjugar.

era amado (-a)
eras amado (-a)
era amado (-a)
éramos amados (-as)
éreis amados (-as)
eram amados (-as)

Pretérito perfeito

Formado pelo *pretérito perfeito do indicativo* do verbo *ser* acrescido do *particípio* do verbo que se quer conjugar.

fui amado (-a)
foste amado (-a)
foi amado (-a)
fomos amados (-as)
fostes amados (-as)
foram amados (-as)

Pretérito mais-que-perfeito

Formado pelo *pretérito mais-que-perfeito do indicativo* do verbo *ser* acrescido do *particípio* do verbo que se quer conjugar.

fora amado (-a)
foras amado (-a)
fora amado (-a)
fôramos amados (-as)
fôreis amados (-as)
foram amados (-as)

Futuro do presente

Formado pelo *futuro do presente do indicativo* do verbo *ser* acrescido do *particípio* do verbo que se quer conjugar.

serei amado (-a)
 serás amado (-a)
 será amado (-a)
 seremos amados (-as)
 sereis amados (-as)
 serão amados (-as)

Futuro do pretérito

Formado pelo *futuro do pretérito do indicativo* do verbo *ser* acrescido do *particípio* do verbo que se quer conjugar.

seria amado (-a)
 serias amado (-a)
 seria amado (-a)
 seríamos amados (-as)
 séreis amados (-as)
 seriam amados (-as)

OS TEMPOS COMPOSTOS NAS VOZES ATIVA E PASSIVA

No estudo de morfologia, o conceito de *composição* é relacionado aos termos linguísticos cujas estruturas são compostas de mais de um radical, isto é, a partir da junção de duas ou mais palavras. Tal fenômeno, comum nas classes nominais, manifesta-se também na categoria verbal. Veja o exemplo abaixo:

Quando cheguei à festa, eles já *tinham saído*.

Tinham saído é uma flexão da 3ª pessoa do singular no pretérito mais-que-perfeito composto. Formados a partir da junção de um verbo auxiliar e de um particípio, os tempos compostos se distinguem das demais locuções verbais pelo fato de, no tempo composto, haver um total esvaziamento de sentido do verbo auxiliar. Observe que, em *tinham saído*, o auxiliar *ter* não guarda nenhum dos sentidos que podem ser atribuídos a esse verbo. Inclusive, *ter* poderia ser, nesse caso, substituído pelo verbo auxiliar *haver* sem que implicasse mudança de sentido. Já nas outras locuções verbais, o sentido ainda está presente (mesmo que parcialmente), como em *entrei correndo na cozinha*, em que o verbo *entrar* manifesta-se como um verbo significativo.

Assim como as formas verbais simples, as compostas se apresentam em diferentes tempos e modos verbais, sendo um dos objetivos desta aula explicitar seu paradigma de flexão.

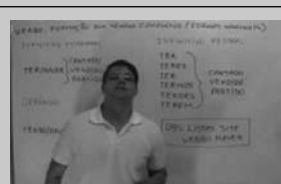


Assista aos dois vídeos abaixo, do professor Fábio Alves, para complementar seu aprendizado acerca dos conceitos de locução verbal e formação dos tempos compostos.



Locução verbal e tempos compostos

http://www.youtube.com/watch?v=_FO2Rg6TgUc



Formação dos tempos compostos

<http://www.youtube.com/watch?v=gX2NU3vio4U>

Os tempos compostos apresentam-se na voz ativa – em que o sujeito gramatical é o *agente* da ação verbal – e na voz passiva – em que o sujeito é *paciente*. Observe os seguintes exemplos:

- a) Maria *tem visto* sua família aos domingos.
- b) O rapaz *foi visto* em uma casa abandonada.

Nos dois exemplos acima, temos verbos flexionados em diferentes tempos compostos. Em *a*, o sujeito gramatical *Maria* exerce a ação de *ver*, sendo, portanto, agente; em *b*, o sujeito gramatical *o rapaz* sofre a ação de *ver*, sendo, portanto, paciente. Vejamos o paradigma de flexão nos dois casos:

Os tempos compostos na voz ativa

Na voz ativa, as formas verbais compostas são constituídas pelo verbo *ter* (ou, mais raramente, *haver*) flexionado acrescido do particípio do verbo principal. Os tempos compostos apresentam-se em menor número que os tempos simples. Eis os tempos compostos e seu paradigma de flexão:

Modo indicativo

Pretérito perfeito composto

Formado pelo *presente do indicativo* do verbo *ter* ou *haver* com o *particípio* do verbo principal:

tenho/hei cantado	tenho/hei vendido	tenho/hei partido
tens/hás cantado	tens/hás vendido	tens/hás partido
tem/há cantado	tem/há vendido	tem/há partido
temos/havemos cantado	temos/havemos vendido	temos/havemos partido
tendes/haveis cantado	tendes/haveis vendido	tendes/haveis partido
têm/hão cantado	têm/hão vendido	têm/hão partido

Pretérito mais-que-perfeito composto

Formado pelo *imperfeito do indicativo* do verbo *ter* (ou *haver*) com o *particípio* do verbo principal:

tinha/havia cantado
tinhas/havias cantado
tinha/havia cantado
tínhamos/havíamos cantado
tínheis/havíeis cantado
tinham/haviam cantado

Futuro do presente composto

Formado pelo *futuro do presente simples* do verbo *ter* (ou *haver*) com o *particípio* do verbo principal.

terei/haverei cantado
terás/haverás cantado
terá/haverá cantado
teremos/haveremos cantado
tereis/havereis cantado
terão/haverão cantado

Futuro do pretérito composto

Formado pelo *futuro do pretérito simples* do verbo *ter* (ou *haver*) com o *particípio* do verbo principal.

teria/haveria cantado
terias/haverias cantado
teria/haveria cantado
teríamos/haveríamos cantado
teríeis/haveríeis cantado
teriam/haveriam cantado

Modo subjuntivo

Pretérito perfeito composto

Formado pelo *presente do subjuntivo* do verbo *ter* (ou *haver*) com o *particípio* do verbo principal.

tenha/haja cantado
 tenhas/hajas cantado
 tenha/haja cantado
 tenhamos/hajamos cantado
 tenha/haja cantado
 tenham/hajam cantado

Pretérito mais-que-perfeito composto

Formado pelo *imperfeito do subjuntivo* do verbo *ter* (ou *haver*) com o *particípio* do verbo principal.

tivesse/houvesse cantado
 tivesses/houesses cantado
 tivesse/houvesse cantado
 tivéssemos/houéssemos cantado
 tivésseis/houesses cantado
 tivessem/houessem cantado

Futuro composto

Formado pelo *futuro simples do subjuntivo* do verbo *ter* (ou *haver*) com o *particípio* do verbo principal.

tiver/houver cantado
 tiveres/houveres cantado
 tiver/houver cantado
 tivermos/houvermos cantado
 tiverdes/houverdes cantado
 tiverem/houverem cantado

Os tempos compostos na voz passiva

Na voz passiva, os tempos compostos são constituídos pela cooperação dos verbos *ter* ou *haver* e *ser* com o *particípio* do verbo principal. Eis os tempos compostos existentes na voz passiva:

Modo indicativo

Pretérito perfeito composto

Formado pelo *presente do indicativo* do verbo *ter* (ou *haver*) com os participípios do verbo *ser* e do verbo que se quer conjugar.

tenho/hei sido amado (-a)
tens/hás sido amado (-a)
tem/há sido amado (-a)
temos/havemos sido amados (-as)
tendes/haveis sido amados (-as)
têm/hão sido amados (-as)

Pretérito mais-que-perfeito composto

Formado pelo *pretérito imperfeito do indicativo* do verbo *ter* (ou *haver*) com os *particípios* do verbo *ser* e do verbo que se quer conjugar.

tinha/havia sido amado (-a)
tinhas/havias sido amado (-a)
tinha/havia sido amado (-a)
tínhamos/havíamos sido amados (-as)
tínheis/havíeis sido amados (-as)
tinham/haviam sido amados (-as)

Futuro do presente composto

Formado pelo *futuro do presente do indicativo* do verbo *ter* (ou *haver*) com os participípios do verbo *ser* e do verbo que se quer conjugar.

terei/haverei sido amado (-a)
terás/haverás sido amado (-a)
terá/haverá sido amado (-a)
teremos/haveremos sido amados (-as)
tereis/havereis sido amados (-as)
terão/haverão sido amados (-as)

Futuro do pretérito composto

Formado pelo *futuro do pretérito do indicativo* do verbo *ter* (ou *haver*) com os particípios do verbo *ser* e do verbo que se quer conjugar.

teria/haveria sido amado (-a)
 terias/haverias sido amado (-a)
 teria/haveria sido amado (-a)
 teríamos/haveríamos sido amados (-as)
 teríeis/haveríeis sido amados (-as)
 teriam/haveriam sido amados (-as)

Modo subjuntivo

O modo subjuntivo apresenta apenas o futuro composto. É formado pelo *futuro do subjuntivo* do verbo *ter* (ou *haver*) com os particípios do verbo *ser* e do verbo que se quer conjugar.

tiver/houver sido amado (-a)
 tiveres/houveres sido amado (-a)
 tiver/houver sido amado (-a)
 tivermos/houvermos sido amados (-as)
 tiverdes/houverdes sido amados (-as)
 tiverem/houverem sido amados (-as)

ATIVIDADE



Atende ao Objetivo 2

2. a) Identifique se a forma verbal em destaque se apresenta na voz ativa (VA) ou na passiva (VP):

- () Marcos *foi visto* naquela loja.
 () Branca de Neve *mordeu* a maçã envenenada.
 () As palavras mágicas *foram pronunciadas* por Ali Babá.
 () Alice *seguiu* o coelho branco.
 () Peter Pan *derrotou* o Capitão Gancho.
 () Mário *tinha sido preso* naquela época.

3. Identifique o tempo, o modo, a pessoa, o número e a voz das formas verbais destacadas.

a) Valdinei já *tinha saído* quando ela chegou.

b) Ela é *querida* de todos.

c) Não saia desta sala até que a tarefa *tenha sido concluída*.

d) *Tenho frequentado* esta igreja nos últimos meses.

e) Se você *tivesse se empenhado* mais, *teria recebido* aumento.

f) Ele *tinha sido suspeito* de assassinato.

g) Quando voltar, certamente *terei terminado* o que pedi.

4. Flexione os verbos abaixo nos tempos verbais, modos, pessoas e números pedidos.

a) 3ª pessoa do plural do pretérito mais-que-perfeito simples do indicativo na voz passiva do verbo *ouvir*.

b) 3ª pessoa do plural do pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo na voz ativa do verbo *sair*.

c) 1ª pessoa do plural do pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo na voz ativa do verbo *cantar*.

d) 1ª pessoa do singular do futuro do subjuntivo composto do indicativo na voz passiva do verbo *comer*.

e) 2ª pessoa do singular do futuro do presente composto do indicativo na voz passiva do verbo *perder*.

f) 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito composto do subjuntivo na voz ativa do verbo *saber*.

RESPOSTAS COMENTADAS

2. (VP) *Marcos foi visto naquela loja.*

(VA) *Branca de Neve mordeu a maçã envenenada.*

(VP) *As palavras mágicas foram pronunciadas por Ali Babá.*

(VA) *Alice seguiu o coelho branco.*

(VA) *Peter Pan derrotou o Capitão Gancho.*

(VP) *Mário tinha sido preso naquela época.*

A voz ativa se caracteriza pelo papel de *agente* expresso pelo sujeito, enquanto a voz passiva, pelo papel *paciente*. Portanto, temos sujeitos agentes na 2ª, 4ª e 5ª frases (*Branca de Neve* faz a ação de *morder*; *Alice* faz a ação de *seguir*; *Peter Pan* faz a ação de *derrotar*) e pacientes na 1ª, 3ª e 6ª frases (*Marcos* sofre a ação de *ver*; *As palavras mágicas* sofrem a ação de *pronunciar*; *Mário* sofre a ação de *prender*).

3. a) 3ª pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo na voz ativa.
 - b) 3ª pessoa do singular do presente do indicativo na voz passiva.
 - c) 3ª pessoa do singular do perfeito composto do subjuntivo na voz ativa.
 - d) 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito composto do indicativo na voz ativa.
 - e) 3ª pessoa do singular do pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo na voz ativa e 3ª pessoa do singular do futuro do pretérito composto do indicativo na voz ativa.
 - f) 1ª pessoa do singular do futuro do presente composto do indicativo na voz ativa.
4. a) foram ouvidos
 - b) tinham/ haviam saído
 - c) tivéssemos/houvéssemos cantado
 - d) tiver/houver sido comido
 - e) terá/haverá sido perdido
 - f) tenho sabido

CONCLUSÃO

O paradigma de flexão dos itens analisados nesta aula – as formas nominais do verbo, os verbos pronominais, a conjugação dos tempos simples na voz ativa e dos tempos compostos tanto na voz ativa quanto na passiva – apresenta a prescrição do registro culto da língua. Uma vez que há, nas diferentes variedades da língua portuguesa, ocorrências que não correspondem a essa prescrição, o domínio dessas categorias por parte do estudante de letras é relevante ao ensino, na medida em que amplia o repertório linguístico do aluno para sua atuação em novos contextos sociais.

ATIVIDADE FINAL

Atende aos Objetivos 1 e 2

1. Nas frases “Ele se *arrependeu* de sua atitude” e “ela se *viu* refletida no vidro”, temos destacados, respectivamente, um verbo pronominal e um verbo na voz reflexiva. A partir dos conhecimentos adquiridos nesta aula, comente um critério para a distinção das duas categorias.

2. Nas frases “*Correr* faz bem” e “Na rua, havia uma criança *vendendo* doces”, temos, respectivamente, infinitivo e gerúndio, que são formas nominais dos verbos. Justifique por que tais formas são consideradas nominais.

3. Nas frases “Alberto comprou um novo casaco” e “A moto foi vendida à Beatriz”, temos duas vozes verbais expressas. Identifique-as e explique como chegou a tal conclusão.

4. Complete as lacunas com os verbos entre parênteses, respeitando os tempos, modos e vozes indicados.

a) Os dois candidatos _____ se tivessem comparecido no horário estabelecido (*aceitar*, futuro do pretérito composto, voz passiva)

- b) Se você _____ a recomendação do professor, não apresentaria essa dificuldade. (*ouvir*, pretérito mais-que-perfeito composto, voz ativa)
- c) Elizabete _____ mais que as outras vendedoras (*vender*, pretérito perfeito composto, voz ativa)
- d) Minha vitória _____ a cada passo (*conquistar*, pretérito perfeito composto, voz passiva)

RESPOSTAS COMENTADAS

1. A voz reflexiva se caracteriza pela presença de um sujeito agente-paciente, isto é, que pratica e sofre a ação. No exemplo “ela se viu refletida no espelho”, observamos que o pronome oblíquo se exerce exatamente a função sintática de objeto direto do verbo ver. O termo apresenta função sintática e semântica. Por sua vez, no exemplo “ele se arrependeu de sua atitude”, observamos a não existência de uma função sintática e semântica no pronome oblíquo se, que apenas representa uma exigência da estrutura, sincronicamente esvaziada de sentido. É por isso que se afirma que o elemento é um constituinte do próprio verbo.

2. As formas nominais dos verbos são assim consideradas por exercerem funções prototípicas de nomes. No primeiro exemplo, correr, enquanto oração subordinada substantiva, exerce a função sintática de sujeito, uma função ocupada por nomes. De fato, correr significa o ato de correr, e não uma ação localizada no tempo e no espaço. No segundo exemplo, “Na rua, havia uma criança vendendo doces”, o verbo em destaque inicia uma oração adjetiva, isto é, representa um termo modificador de um nome, que é ação própria de um adjetivo.

3. Nas frases expressas, temos respectivamente, voz ativa e voz passiva. Reconhecemos as vozes verbais através dos papéis temáticos do sujeito. Na voz ativa, o sujeito é agente – Alberto exerce a ação de comprar –; na passiva, o sujeito é paciente – a moto sofre a ação de vender.

4. a) Os dois candidatos teriam sido aceitos se tivessem comparecido no horário estabelecido. (aceitar, futuro do pretérito composto, voz passiva)

b) Se você tivesse/houvesse ouvido a recomendação do professor, não apresentaria essa dificuldade. (*ouvir*, pretérito mais-que-perfeito composto, voz ativa)

c) Elizabete tem vendido mais que as outras vendedoras. (*vender*, pretérito perfeito composto, voz ativa)

d) Minha vitória tem sido conquistada a cada passo. (*conquistar*, pretérito perfeito composto, voz passiva)

RESUMO

As formas nominais do verbo são assim consideradas por apresentarem funções típicas de nomes, como substantivos e adjetivos, por exemplo. Nesta aula, analisamos os morfemas constituintes dessas categorias.

Paralelamente, trabalhamos com a distinção da voz ativa e passiva, com foco no reconhecimento do mecanismo de flexão dos tempos compostos nessas vozes verbais, bem como dos tempos simples na voz passiva, uma vez que este último tema não havia sido trabalhado no módulo anterior.

INFORMAÇÃO SOBRE A PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, iniciaremos o estudo dos verbos irregulares. Assim como as aulas 9 e 10, formulamos mais duas para o trabalho com essa categoria. Bons estudos!

Português IV

Referências

Aula 1

AZEREDO, José Carlos Santos de. *Fundamentos de gramática do português*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2009.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

KOCH, Ingedore Villaça; SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MENEZES, Vanda. *Língua portuguesa: morfologia*. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2008.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. Rio de Janeiro: Ática, 1995.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2009.

WILSON, Victoria; MARTELOTTA, Mário Eduardo; CEZÁRIO, Maria Maura. *Linguística: fundamentos*. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2006.

Aula 2

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/8694885/Leonard-Bloomfield-Language-1933>>. Acesso em: 28 dez. 2012.

BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Manifesto verde*. São Paulo: Círculo do Livro, 1985. Disponível em: <<http://lerinterpretar.blogspot.com.br/2006/08/o-verde.html>>. Acesso em: 10 jan. 2013.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1970.

MENEZES, Vanda. *Língua portuguesa: morfologia*. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2008.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2009.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MENEZES, Vanda. *Língua portuguesa: morfologia*. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2008.

MONTEIRO, José Lemos. *Morfologia portuguesa*. 4. ed. Campinas: Pontes, 2002.

RIBEIRO, Maria das Graças C. *Morfologia da língua portuguesa*. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/clv/mod/p3/p3_2.pdf>. Acesso em: 14 fev. 2013.

AZEREDO, José Carlos Santos de. *Fundamentos de gramática do português*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1983.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

MENEZES, Vanda. *Língua portuguesa: morfologia*. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2008.

AZEREDO, José Carlos Santos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 50. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

Aula 6

AZEREDO, José Carlos Santos de. *Fundamentos de gramática do português*. 5. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

_____. *Iniciação à sintaxe do português*. 6. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2009.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

_____. *Dicionário de filologia e gramática: referente à língua portuguesa*. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *História e estrutura da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

KOCH, Ingedore Villaça; SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MENEZES, Vanda. *Língua portuguesa: morfologia*. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2008.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. Rio de Janeiro: Ática, 1995.

ROCHA, Luiz Carlos de Assis. *Estruturas morfológicas do português*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

VIEIRA, Sílvia Rodrigues; BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2009.

WILSON, Victoria; MARTELOTTA, Mário Eduardo; CEZÁRIO, Maria Maura. *Linguística: fundamentos*. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2006.

Aula 7

AZEREDO, José Carlos Santos de. *A flexão nominal e a formação de gênero dos substantivos no português*. Disponível em: <pt.scrib.com/doc/45870111>. Acesso em: 25 jun. 2013.

_____. *Fundamentos de gramática do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2009.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 1992.

MENEZES, Vanda. *Língua portuguesa: morfologia*. Rio de Janeiro: CCAA Editora, 2008.

Aula 8

AZEREDO, José Carlos Santos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3 ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lexikon Informática, 2007.

JAKOBSON, Roman *apud* RIBEIRO, Manoel Pinto. *Gramática aplicada da língua portuguesa*. 19. ed. Rio de Janeiro: Metáfora, 2010.

LIMA, Carlos Henrique da Rocha. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 50. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2012.

Aula 9

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça; SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 44. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. Rio de Janeiro: Ática, 1995.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Lucerna, 2009.

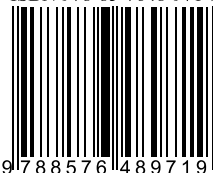
CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. *Estrutura da língua portuguesa*. 44. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

KOCH, Ingedore Villaça; SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e. *Linguística aplicada ao português: morfologia*. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PERINI, Mário A. *Gramática descritiva do português*. Rio de Janeiro: Ática, 1995.

ISBN 978-85-7648-971-9



9 788576 489719



UENF
Universidade Estadual
do Norte Fluminense



Universidade
Federal
Fluminense



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
UFRRJ



Fundação Carlos Chagas Filho de Amparo
à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro



GOVERNO DO
Rio de Janeiro

SECRETARIA DE
CIÊNCIA E TECNOLOGIA



UNIVERSIDADE
ABERTA DO BRASIL

Ministério da
Educação



GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA